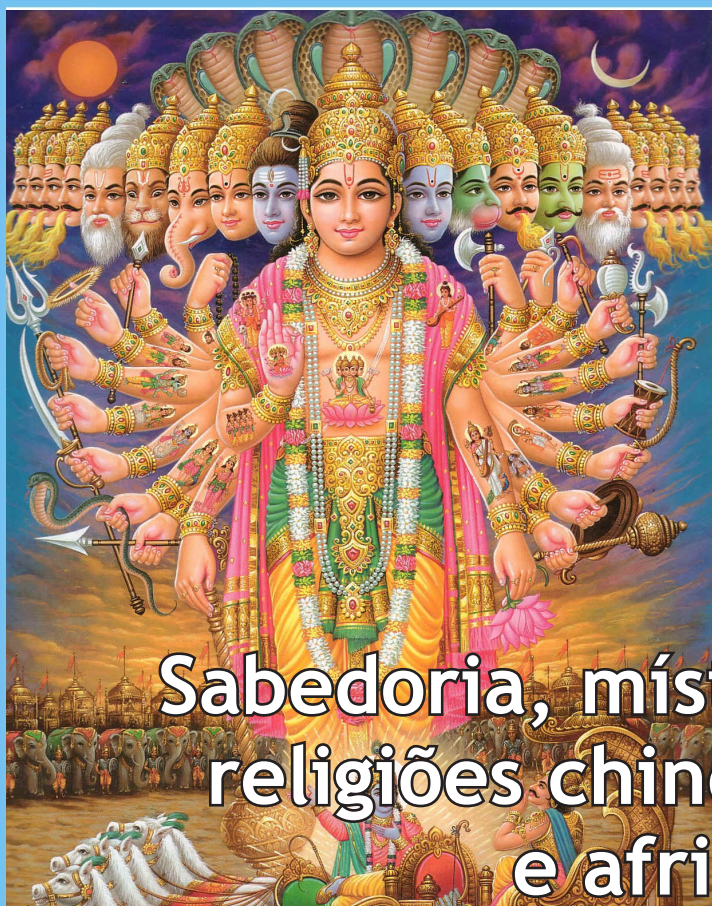




Sabedoria, mística e tradição: religiões chinesas, indianas e africanas

Subhash Anand

Hinduísmo. Pluralidade: segredo
para tolerância

Monja Coen

Zen Budismo: a religião
em si mesmo

José Bizerril

Taoísmo. Alternância e combinação de
duas polaridades indissociáveis

E mais:

>> **Yara Caznok:**
Música, beleza e
espiritualidade.

>> **William Stoeger:**
O diálogo Fé e Ciência
é possível?

309

Ano IX
28.09.2009
ISSN 1981-8469

Religiões chinesas, indianas e africanas



Durante sete semanas foi exibido e debatido o documentário alemão “Spurensuche” - Religiões do Mundo, dirigido por Hans Küng, na Unisinos e na Casa de Cultura Mário Quintana - CCMQ, Porto Alegre, além de transmitido pela TV Unisinos. A promoção foi do Instituto Humanitas Unisinos - IHU em parceria com a Fundação Ética Mundial (Weltethos Stiftung) cujo escritório brasileiro se localiza no IHU.

Hans Küng caracteriza as religiões do mundo da seguinte maneira:

- religiões da profecia: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. A edição número 302, de 03-08-2009, da **IHU On-Line** foi dedicada a estas religiões.
- religiões da sabedoria de origem chinesa - Confucionismo e Taoísmo
- religiões da mística de origem indiana - Hinduísmo e Budismo
- religiões de matriz africana.

A edição desta semana contempla as três últimas.

Contribuem nesta edição **Klaus Klostermaier**, da Universidade de Manitoba, Canadá; **Subhash Anand**, da Índia; **Volney José**

Berkenbrock, teólogo e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora; **José Bizerril**, antropólogo e docente do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB. Participam também o historiador e filósofo **André Bueno**, da Faculdade Estadual de Filosofia, Letras e Ciências de União da Vitória, no Paraná; **Frank Usarski**, docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP; o teólogo indiano **Michael Amaladoss**, diretor do Instituto para o Diálogo com Culturas e Religiões, em Chennai, na Índia e **Monja Coen**, missionária oficial da tradição Soto Shu - Zen Budismo com sede no Japão.

Completam esta edição as entrevistas com **William Stoeger**, astrofísico jesuíta do Grupo de Pesquisas do Observatório do Vaticano (VORG) e da Universidade do Arizona e **Lucia Lohman**, professora do Departamento de Botânica da Universidade de São Paulo - USP.

Também podem ser lidos os perfis da Profa. Dra. **Yara Caznok**, UNESP e de **Jacinto Schneider**, gestor administrativo do IHU e da Diretoria de Ação Social da Unisinos.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!



Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Klaus Klostermaier: O Hinduísmo e a busca pelo *moksa*

PÁGINA 08 | Subhash Anand: Hinduísmo. Pluralidade: segredo para tolerância

PÁGINA 11 | José Bizerril: Taoísmo. Alternância e combinação de duas polaridades indissociáveis

PÁGINA 16 | André Bueno: Budismo. Transcendência para todos: a filosofia budista

PÁGINA 22 | Volney José Berkenbrock: Candomblé. A unidade entre dois níveis de existência

PÁGINA 26 | Frank Usarski: Religiões orientais e a reflexão da renovação constante da existência

PÁGINA 29 | Monja Coen: Zen Budismo: a religião em si mesmo

PÁGINA 31 | Michael Amaladoss: Hinduísmo e a experiência de não-dualidade

B. Destaques da semana

» Entrevistas da Semana

PÁGINA 34 | William Stoeger: A compatibilidade entre fé e ciência

PÁGINA 38 | Lúcia Lohman: Entendendo a evolução a partir das lianas neotropicais

» Coluna Cepos

PÁGINA 40 | Denis Gerson Simões: A Hidra de Lerna midiática

» Destaques On-Line

PÁGINA 42 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Eventos »

Personalidades

PÁGINA 46 | Yara Borges Caznok

» Sala de Leitura

» IHU Repórter

PÁGINA 50 | Jacinto Schneider

SÃO LEOPOLDO, 28 DE SETEMBRO DE 2009 | EDIÇÃO 309





INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ONLINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa



O Hinduísmo e a busca pelo *moksa*

Na opinião de Klaus Klostermaier, docente da University of Manitoba, o hinduísmo contemporâneo cobre imenso espectro de atitudes para com a modernidade ocidental

POR PATRICIA FACHIN | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER E WALTER O. SCHLUPP

“**A** noção hindu de *dharma* é muito mais abrangente que o termo ocidental ‘religião’. Seu significado implica ‘modo de viver’ (...) e deve expressar a ordem natural das coisas”, esclarece Klaus Klostermaier, pesquisador de Hinduísmo e história indiana, à IHU On-Line, por e-mail. Na entrevista a seguir, ele explica que o hinduísmo é politeísta, mas os hindus são monoteístas. De acordo com o professor, as escrituras falam de 330 milhões de deuses, mas cada hindu escolhe seu próprio istadevata, ou seja, seu deus. “As principais religiões hindus como vaishnavismo, saivismo e saktismo adoram o mesmo deus sob diferentes nomes. Mas todos concordam em que somente existe um único princípio último: o Criador Mantenedor e Destruidor do Universo”, enfatiza.

Os aproximadamente 900 milhões de hindus, menciona o pesquisador, mantêm diferentes atitudes em relação ao hinduísmo: “desde a identificação total até a rejeição completa”. Mas em comparação com a Europa Cristã, informa, “a Índia hindu continua sendo muito religiosa”.

Ao comentar o sentido de tradições antigas como o hinduísmo, que existe há mais de 6000 anos, e sua relevância no mundo pós-moderno, Klaus Klostermaier é enfático: “acredito que já estamos entrando num pós-pós-modernismo”. E explica: “Muitos estão buscando a religião da pessoa pensante, não crença cega ou devoção tradicional. Mestres espirituais de todas as origens encontram grandes audiências hoje em dia, quase que por toda a parte”.

Klaus Klostermaier é doutor em Filosofia pela Gregoriana de Roma e atualmente professor de Estudo das Religiões na University of Manitoba, do Canadá. Entre sua produção bibliográfica, destacamos *Hinduism: A Beginner's Guide* (2008); *Hindu Writings: A Short Introduction to the Major Sources* (2001); *A Survey of Hinduism* (3rd ed. 2007) e *Hindu and Christian in Vridaban*. Confira a entrevista.

IHU On-Line — Quais aspectos históricos caracterizam o aparecimento do hinduísmo e sua permanência no Oriente ao longo dos séculos?

Klaus Klostermaier - Hinduísmo é o nome de uma grande variedade de diferentes religiões que surgiram na Índia no decorrer de um tempo muito longo, possivelmente mais de 6000 anos. O elemento comum, teoricamente, é a aceitação do Veda como texto revelado. O termo “hinduísmo” como designação para religiões indianas foi uma invenção de estrangeiros. Os próprios hindus tinham chamado sua religião de *vaidika dharma* (dispensa [ou ministração] védica) ou *sanatana dharma* (dispensa eterna). A noção hindu de *dharma* é muito mais abrangente

que o termo ocidental “religião”. Seu significado implica “modo de viver” e não depende de um fundador histórico, mas deve expressar a ordem natural das coisas. Vir Sarvarkar, nacionalista hindu do séc. XX, definiu a pessoa hindu como alguém cuja Terra Santa é a Índia. Os hindus consideram os rios, as montanhas e os mares da Índia como sagrados, e, por toda a Índia, há um grande número de cidades santas que são a meta de milhões de peregrinos. O estreito vínculo do hinduísmo com a geografia e natureza da Índia é uma das razões para sua resistência face aos numerosos desafios vindos de fora. O hinduísmo é parte integrante da história e cultura da Índia.

IHU On-Line — Os indianos continuam observando o sistema de castas? Como é a percepção dessa divisão social? Ela gerou grandes desigualdades entre os cidadãos?

Klaus Klostermaier - Casta é um assunto muito complexo. Nas escrituras hindus, ela é descrita como uma divisão da humanidade, implantada bem no início do mundo, pelo Criador. Ao longo de toda a história conhecida da Índia, ela foi um fator importante: os brâmanes, a casta mais elevada, controlavam as escrituras e rituais religiosos, xátrias eram os governantes e comandantes militares, vaixás, os comerciantes e negociantes, e sudras, os trabalhadores. Havia grande número de “excluídos” [“outcastes”, párias] e

tecnicamente estavam fora da lei que regulava a sociedade de castas. A pessoa se tornava um pária ao violar regulamentos de casta, por exemplo, ao negligenciar rituais ou deixar de seguir as regras da própria casta. As quatro “castas” (varnas) mencionadas acima se dividiam em cerca de três mil jatis (linhagens de nascença), que são de grande importância prática principalmente em conexão com o casamento. Na Índia de hoje, a divisão entre as castas não é tão evidente como costumava ser. Os brâmanes podem ser homens de negócio ou produtores rurais, e sudras podem ocupar posições elevadas no governo. Mas, socialmente, os jatis continuam muito importantes, principalmente no contexto do casamento. Isto vale também para cristãos indianos! Basta uma olhada nos anúncios matrimoniais nos jornais locais. A desigualdade baseada na casta veio à tona principalmente entre as pessoas pertencentes a uma casta e as sem casta. Os chamados Dalits (“gente oprimida”), que se organizaram politicamente faz pouco tempo, eram originalmente excluídos, e agora estão se revoltando contra uma sociedade dominada pela casta. A constituição indiana proibiu desqualificações baseadas no fato de a pessoa não ter casta, mas não aboliu as castas em si. Mahatma Gandhi lutou pelos direitos dos excluídos, mas insistiu em preservar a sociedade de castas. Ele ficou muito indignado com o Dr. Ambedkar¹ (que era um excluído que veio a ser conhecido advogado), quando este, em protesto contra o sistema de castas hindu, se converteu para o budismo e levou junto consigo milhões de outros excluídos, que, atualmente, formam a comunidade neobudista na Índia.

IHU On-Line — Para os Cristãos, no ocidente, naturalmente, há um Deus. Enquanto isso, persiste, entre os indianos, a crença em diversos deuses. Como o senhor caracterizaria a espiritualidade e a divindade no hinduísmo?

Klaus Klostermaier - O hinduísmo é

politeísta, ao passo que os hindus são monoteístas. Enquanto as escrituras do hinduísmo falam de 330 milhões de deuses, cada hindu escolhe seu próprio istadevata, isto é, a forma na qual adoram a Deus. Todos os teólogos hindus insistem na unicidade de Deus. O termo deva, geralmente traduzido como “deus”, na verdade significa um tipo de poder maior. As principais religiões hindus como vaishnavismo, saivism e saktismo adoram o mesmo deus sob diferentes nomes. Mas todos concordam em que somente existe um único princípio último: o Criador Mantenedor e Destruidor do Universo.

“Numericamente, o vaishnavismo é o maior segmento do hinduísmo. Cerca de 70% dos hindus são vaishnavas. O vaishnavismo em si é subdividido num grande número de sampradayas (tradições de culto)”

Como já dizia o Veda: “O princípio supremo é um único, as pessoas o chamam por nomes diferentes”.

IHU On-Line — Quais as características do vaishnavismo, e por que é considerado o maior segmento do hinduísmo moderno?

Klaus Klostermaier - Numericamente, o vaishnavismo é o maior segmento do hinduísmo. Cerca de 70% dos hindus são vaishnavas. O vaishnavismo em si é subdividido num grande número de sampradayas (tradições de culto). Sua característica é o culto de Vixnu como Criador, Preservador e Redentor. Algumas escrituras do vaishnavismo, como o Bhagavad Gita e o Bhagavata Purana, são amplamente aceitas por todos

os hindus (e até mesmo não-hindus) como inspiradas (inspirational). Alguns dos lugares mais populares de romaria na Índia (Tirupati, Srirangam, Puri, Mathura-Vrindaban, Dwarka, Vixnu-Kanci e outros) são centros vaishnava visitados por milhões todos os anos.

IHU On-Line — Quais paralelos o senhor reconhece entre cristianismo e vaishnavismo?

Klaus Klostermaier - Os paralelos são bem numerosos. Ambas são religiões da graça e ambas enfatizam o amor de Deus (bhakti) como objetivo supremo. Na Bengala Krishna, é chamado Kristo. Há imagens de Yasoda (mãe de criação de Krishna) e Krishna, as quais poderiam com facilidade ser consideradas imagens de Maria com o menino Jesus. Ambas as religiões enfatizam a vida de moralidade e são contra os extremos do ascetismo. Muitos santos vaishnava poderiam facilmente ser considerados santos cristãos, e vice e versa.

IHU On-Line — O que caracteriza as mitologias e filosofias de salvação nas tradições religiosas da Índia?

Klaus Klostermaier - Este é um tópico vastíssimo que não pode ser respondido em um parágrafo. Escrevi todo um livro sobre *Mitologias e Filosofias de Salvação nas Tradições Teístas da Índia* (Wilfried Laurier Press, 1984), no qual tentei resumir a extensa literatura hindu sobre este tópico. Numa casca de noz: todas descrevem a condição humana natural como insatisfatória e carente de salvação. Elas também concordam em que Deus deseja o melhor para todas as pessoas e interfere de muitas maneiras em suas vidas com o objetivo de salvá-las. Elas também descrevem a condição última das pessoas libertas como sendo de extrema felicidade [bliss] na presença de Deus. Os sistemas filosóficos indianos esboçam modos de salvação e especificam os meios necessários para atingir moksha (libertação última).

IHU On-Line — A Ásia se caracteriza pela diversidade das religiões. Como

¹ Bhimrao Ramji Ambedkar (1891-1956), também conhecido como Babasaheb, foi um nacionalista, jurista, líder político e um revivalista budista da Índia. (Nota da IHU On-Line)

o hinduísmo se relaciona com outras tradições religiosas orientais como, é claro, a chinesa?

Klaus Klostermaier - O hinduísmo é tipicamente indiano e praticamente não há paralelos entre o hinduísmo, o taoísmo e o confucionismo. O budismo começou na Índia e se tornou uma das principais religiões da China, mas os elementos típicos do hinduísmo não foram transmitidos para a China. O hinduísmo foi “exportado” para a Índia e para a Indochina no início da Idade Média por meio de colonizadores e invasores que fundaram reinos nesses países. A maioria dos outrora famosos templos hindus nessas regiões, atualmente, está em ruínas, e o hinduísmo foi suplantado por outras religiões (budismo, islamismo).

IHU On-Line — **Que influência exercem os deuses e a religião hindus na vida dos indianos? Como é que as suas crenças conformam a ética e os princípios indianos?**

Klaus Klostermaier - Entre os 900 milhões de hindus, pode-se encontrar as mais diferentes atitudes em relação ao hinduísmo: desde a identificação total até a rejeição completa. De um modo geral, grande percentual dos hindus observa práticas religiosas visitando templos, orando, prestando culto etc. Em muitos lares hindus, um cômodo (ou parte de um cômodo) fica reservado para a imagem de uma divindade, sendo a adoração diária diante da mesma muito comum ainda hoje. Em comparação com a Europa cristã, a Índia hindu continua sendo muito religiosa. Símbolos hindus podem ser encontrados por toda a parte, e milhões de hindus, em qualquer época do ano, estão peregrinando para alguma das numerosas cidades santas. Há milhões de sadhus hindus (“gente santa” que deixou suas famílias por razões religiosas) e, por toda a parte, gozam de grande respeito. Festas hindus são celebradas com grande participação popular, com a declamação e encenação de livros sagrados como o Ramayana são muito comuns. (Uma produção de TV sobre o Ramayana foi assistida por centenas de milhões na Índia, que consideraram o ato de assistir uma espécie de cul-

to.) A ética hindu tradicional continua sendo a espinha dorsal da moralidade indiana. Grande número de pregadores hindus populares promove reuniões públicas onde explicam e inculcam a ética do Bhagavadgita.

IHU On-Line — **Qual é a preocupação do hinduísmo em relação ao ser humano moderno? Neste sentido, que contribuições a religião pode oferecer neste momento de crise global (crise de valores, econômica, ambiental, ética)?**

Klaus Klostermaier - O hinduísmo contemporâneo cobre imenso espectro de atitudes para com a modernidade (ocidental). Há hindus extremamente conservadores bem como progressistas, e toda a escala entre um e outro. De um

“De um modo geral, os hindus se adaptaram de modo relativamente rápido à boa parte daquilo que é considerado ‘moderno’”

modo geral, os hindus se adaptaram de modo relativamente rápido à boa parte daquilo que é considerado “moderno”. Não é por acaso que hoje em dia os indianos lideram muitas áreas da tecnologia da informação. Alguns hindus tentam, de modo bastante explícito, aplicar os princípios do hinduísmo às práticas de negócio modernas. Também há numerosos ambientalistas e economistas hindus. De um modo geral, os indianos tentam resolver as diversas crises mencionadas, apelando para princípios indianos (hindus).

IHU On-Line — **Para o teólogo alemão Hans Küng, existe um princípio que pode ser encontrado em muitas tradições religiosas e éticas da humani-**

dade: não faça aos outros o que você não quer que eles façam a você (ou, em termos positivos, faça aos outros o que você quer que lhe façam). O senhor também considera que este precisa ser um princípio, uma norma incondicional entre as nações e as religiões?

Klaus Klostermaier - A máxima mencionada, que é a “regra de ouro”, é menos um princípio religioso que uma expressão de sabedoria profana. Naturalmente, também pode ser encontrada no hinduísmo. Trata-se de um requisito mínimo para a paz social (e também para a paz internacional): sua violação seria tola e contraproducente.

IHU On-Line — **O senhor concorda com a ideia de que estamos entrando numa sociedade pós-metafísica? Neste sentido, qual é o papel das religiões e especialmente do hinduísmo?**

Klaus Klostermaier - Você provavelmente está se referindo ao que se chama de “pós-modernismo”, que é uma mistura de cientificismo, freudianismo e marxismo. Não o tenho em grande consideração e acredito que já estamos entrando num pós-pós-modernismo. Há muitos sinais de que está despertando novamente o pensamento metafísico entre os cientistas mais avançados, especialmente os físicos. Eu poderia citar com facilidade uma dúzia de livros recentes para embasar esta afirmação. A popularidade das numerosas facetas do hinduísmo no Ocidente, por exemplo, yoga, crença na transmigração etc. também é digna de nota. Muitos estão buscando a religião da pessoa pensante, não crença cega ou devoção tradicional. Mestres espirituais de todas as origens encontram grandes audiências hoje em dia, quase que por toda a parte. Observe, por exemplo, a popularidade do Dalai Lama. O pensamento metafísico indiano, por exemplo, Vedanta, tem grande potencial também para os dias de hoje.

IHU On-Line — **O senhor gostaria de acrescentar alguma opinião sobre algo não perguntado?**

Klaus Klostermaier - Gostaria de

acrescentar, a título de conclusão, um parágrafo do meu livro *Survey of Hinduism* [Visão Geral do Hinduísmo] (State University of New York Press, 2007, p. 454): “O hinduísmo, no passado e no presente, teve e tem suas deficiências. Ninguém pode ignorá-las. Mas ele sempre teve vitalidade e substância espiritual genuína o suficiente para compensá-las. Sua abertura para a realidade, seu caráter experimental e experiencial, suas intuições genuínas e seus sábios autênticos são uma garantia de que continuará crescendo e tendo relevância.”

BAÚ DA IHU ON-LINE

A IHU On-Line já produziu outras edições sobre as temáticas abordadas nesta semana. Confira o material completo na nossa página eletrônica (www.ihu.unisinos.br).

* *As religiões da profecia: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo*. Edição número 302, de 03-08-2009, disponível em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23;

* *Projeto de Ética Mundial. Um debate*. Edição número 240, de 22-10-2007, disponível no endereço eletrônico http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23;

* *Freud e a religião*. Edição número 207, publicada em 04-12-2006, disponível no endereço http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23;

* *Gênero, família e religião*. Edição número 114, de 06-09-2004, disponível no link <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158264514.33word.doc>;

* *Max Weber: A ética protestante e o espírito do capitalismo Cem anos depois*. Edição número 101, de 17-05-2004, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158261116.01word.doc>;

* *Kant: Razão, Liberdade e Ética*. Edição número 93, de 22-03-2004, disponível no link <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161093369.81word.doc>;

* *Política, ética e religião. Adela Cortina na Unisinos*. Edição número 43, de 18-11-2002, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161291057.03word.doc>;

* *Será a economia uma religião?* Edição número 36, de 23-09-2002, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161371150word.doc>.

Hinduísmo. Pluralidade: segredo para tolerância

Todas as pessoas têm uma humanidade comum, portanto, um sistema ético sensato é aceitável para todos, diz Subhash Anand

POR PATRICIA FACHIN | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER E WALTER O. SCHLUPP

Na opinião do pesquisador Subhash Anand, o fato de uma divindade não ser adorada por todos os seguidores do hinduísmo, e a não existência de uma escritura oficial para todos “abre a possibilidade de muitos hindus sinceros aceitarem Jesus”. Para ele, a pluralidade do hinduísmo “é o segredo da sua tolerância”. Há 40 anos estudando as práticas hindus e o modo de vida dos indianos, Anand diz que aprendeu “o verdadeiro sentido do que é ser cristão”. E explica: “Verdade não é a questão de alguma fórmula ser correta ou não, mas a autenticidade da vida. Somente então a verdade terá poder, somente então a verdade poderá nos libertar. Esta é a Verdade que Jesus pretende ser”. Na entrevista que segue, concedida, por e-mail, com exclusividade, à **IHU On-Line**, ele faz um alerta: “O mundo precisa não de ortodoxia, mas de ortopraxia, baseada na reflexão crítica. E a reflexão crítica talvez nem sempre esteja em harmonia com a ortodoxia”.

Entre suas obras, citamos *Story as theology: na interpretative study of Five episodes from the Mahabharata* (Hardcover, 1996) e *Siva's thousand names: as interpretative study of Sivasahasranama* (Hardcover, 1998). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais foram os principais aspectos históricos e culturais que favoreceram o aparecimento do hinduísmo?

Subhash Anand - Por várias razões, o termo “hindu” transformou-se num pomo de discórdia não tanto entre acadêmicos bem informados quanto entre políticos ambiciosos. Entre estes últimos, alguns não hesitam em dizer que qualquer pessoa que deseje viver na Índia precisa ser hindu, e que o país deveria mudar de nome para Hindustão! Isto em si poderia parecer bem inócuo, porque os reis persas Dario (522-486 a.C.) e Xerxes (486-465 a.C.) usaram essa palavra para denominar os povos do outro lado do rio Sindhu. Assim sen-

do, “o termo ‘hindu’ originalmente tinha um significado territorial, não religioso.” Qualquer que seja sua origem e significado original, hoje em dia, o termo tem um sentido decididamente religioso. O grande historiador da lei hindu tradicional P. V. Kane diz que “hinduísmo é uma combinação de muitos sistemas e ideologias religiosas. Haveria apenas poucos aspectos dos quais se diria que ligariam a maioria dos hindus entre si.” Trata-se da doutrina do karma e punarjanma (a ideia de que passamos por numerosos nascimentos, e que estes são conformados por nossas ações), a autoridade dos Vedas, o impacto unificador da literatura sânscrita mais antiga so-

bre a consciência religiosa e a formação de línguas regionais.

Pluralidade hinduista

O sistema de castas igualmente é considerado uma característica singular e distintiva da comunidade hindu. Os integrantes das tribos (tribals), considerados os habitantes originais da nossa terra, são os povos indígenas. Eles mantiveram seu isolamento geográfico, suas estruturas sociais, tradições culturais e identidade religiosa ao longo dos séculos, e somente em anos bem recentes é que a sanscritização e modernização os está afetando lentamente. Eles não são hindus. Seguem uma espécie de religião totemista. Alguns dos seus totens passaram a integrar o hinduísmo popular de hoje. Alguns pensam que até mesmo os dalits (párias) são originalmente povos indígenas. Entretanto, os arianos invasores os conquistaram e os usaram como seus servos e escravos. Devido a essa longa associação com os arianos, os povos conquistados não só viveram em estreita vizinhança com eles e aprenderam a falar seu idioma, mas lentamente absorveram alguns dos seus padrões culturais e ideias religiosas. Assim sendo, os dalits são considerados hindus, e alguns se referem a eles como sendo os pañcamas, isto é, a quinta casta.

Muitas questões perguntadas por não-hindus pressupõem que o hinduísmo seja uma religião. O fato é que não há um fundador em si, uma divindade adorada por todos, nem um texto considerado escritura por todos, nenhum teólogo aceito por todos, nenhum modo de culto seguido por todos, nenhum centro considerado o mais sagrado etc. Isto abre a possibilidade de muitos hindus sinceros aceitarem Jesus. O problema aparece quando alegamos que Ele é o Único. A pluralidade do hinduísmo é o segredo da sua tolerância. Pela mesma razão, precisamos constantemente especificar nossa resposta para questões sobre hinduísmo.

IHU On-Line - Que relações os hinduístas estabelecem com seus deuses?

Subhash Anand - A relação entre hindus e a divindade por eles adorada depende de como entendem essa divindade. Nos primeiros tempos, Deus foi responsável pela ordem do universo. Ele precisou ser aplacado para que a ordem, que é fonte de bem-estar para os seres humanos, seja cuidada. Gradualmente, a noção de devoção amorosa (bhakti) ganha força. A relação entre Deus e seu devoto também precisa ser entendida de diferentes maneiras: mestre e servo, filho e genitor/a, amigo e amigo, amante e amado.

Como não existe uma religião hindu, cada grupo tem seu próprio item não-negociável. Mas, aos poucos, alguns hindus estão tentando criar uma versão de hinduísmo válida para a Índia inteira, de modo a se apresentar como uma frente unida.

“Qualquer sistema ético é sensato [sound], enquanto esteja fundado sobre uma compreensão correta do que significa ser humano e insista em que nós promovamos humanidade”

IHU On-Line - Qual é o significado espiritual de acreditar e venerar várias divindades?

Subhash Anand - Somente existe um Deus, mas esse mistério único recebeu muitos nomes e formas. Na história das religiões, temos o fenômeno do totemismo: para uma tribo, um animal, pássaro, peixe ou planta é sagrado, em alguns casos raros, também algum elemento terreno importante para nossa vida diária, como, por exemplo, o sal. Essa tribo respeitará o totem e espera por ele ser protegido. Isso pode ser a primeira forma do que no hinduísmo

posterior se chama de ixta devata. O totem faz parte de um período muito antigo da história humana, quando muitas destas tribos eram independentes. À medida que os seres humanos ganham maior compreensão sobre si próprios, deixam de se sentir bem com um deus animal. Inicia um processo de antropomorfização: o totem gradualmente adquire forma humana. Isto não significa que o totem original seja completamente esquecido. Ele continua na memória religiosa da comunidade, inclusive encontrando um lugar no mito e no ícone daquela comunidade. A ideia hindu de deuses terem algum pássaro ou animal como seu vahana (veículo) poderia ser uma forma dessa memória religiosa. Assim sendo, o veículo de Vixnu é uma águia, ao passo que o de Xiva é o touro. Pode suceder que, antes de o totem adquirir forma humana plena, ele passe por um estágio em que é prestigiado em forma semihumana. Como a cabeça ou face é a melhor identificação de um animal, ela é que cai por último antes da emergência da forma humana plena. Assim temos não só Ganech, o deus com face de elefante, mas também Hayagriva, o deus com cabeça de cavalo, e Narasimha, o deus com cabeça de leão.

Gradualmente, tribos originalmente independentes são reunidas sob o mesmo governo por um rei poderoso. Unidade religiosa contribui muito para a estabilidade política. Um rei, um deus! - este é o slogan. Assim sendo, o monoteísmo pode servir a uma necessidade muito política! A questão é como integrar as diferentes tribos com seus deuses específicos num todo religioso, sem negar completamente seus deuses, uma vez que isto poderá ofendê-los e assim colocá-los em antagonismo. A história do hinduísmo nos apresenta algumas soluções possíveis. Parece que uma maneira de relacionar o vencedor com os derrotados foi a de transformar esses últimos no veículo do primeiro. Isto poderá explicar a presença de uma serpente sobre a qual Vixnu repousa. De modo semelhante, se a relação do rato com

Ganech não tivesse uma referência histórica, seria difícil explicar por que os criadores de mitos escolhiam um animal tão nanico para carregar o pesado deus com barriga do tamanho de um barril.

Na tradição Vaixnava, temos o conceito de avatara (descendência): os diferentes deuses tribais não são realmente deuses diferentes, mas apenas manifestações diferentes do deus único, Vixnu. A tradição Shaiva não aceita o conceito de avatara, e sim os diferentes deuses estão ligados a Shiva por casamento (como no caso da deusa) ou por relação familiar (como no caso de Skanda e Ganech).

O pano de fundo totemista também está ligado a outro aspecto do nosso processo de pensar: precisamos expressar nossa experiência mais profunda por meio de imagens. Os antigos poetas santos indianos experimentaram o caráter multifacetado da Realidade. Sentiam a presença desta Realidade em cada criatura com que se deparavam em sua vida cotidiana, seja ela animada ou inanimada. Não conseguiam expressar com facilidade sua experiência numa única palavra ou termo, imagem ou conceito. Um estudioso dos nossos dias poderá ficar estupefato ante as ideias muitas vezes contraditórias ali reunidas, mas os sábios antigos estavam pensando não tanto em conceitos claros e distintos, porém, mais frequentemente, por meio de imagens que se completassem e se corrigissem mutuamente.

IHU On-Line - Em que sentido *karma* e *dharma* interferem no modo de ser hindu?

Subhash Anand - Sua ação (*karma*) determina seu próximo nascimento (*janma*). Você nascerá numa casta específica, que tem seu próprio conjunto de regras (*dharma*). Sua ação também lhe disporá para agir de um modo específico.

IHU On-Line - Como os fiéis hindus entendem o renascer?

Subhash Anand - Entre o povo, pensam que seres humanos também podem renascer como subumanos. Tudo

depende da sua ação. Se praticar o bem, terá um bom nascimento. Se praticar o mal, nascerá numa família ruim ou numa casta inferior. Se comportar-se como um porco, renascerá como um porco!

IHU On-Line - Quais as principais festas dos indianos e o que elas revelam sobre a espiritualidade e o modo de vida hindu?

Subhash Anand - Cada parte da Índia e cada tradição hindu têm sua festa principal. A maioria das festas hindus está ligada às mudanças da natureza que poderiam ser descritas como ritos de passagem. A Índia é um país enorme, o clima não é o mesmo por toda a parte. Um estado poderá celebrar uma festa da colhei-

“Hoje em dia, o que mais precisamos não é tanto de bons fiéis, mas de boas pessoas simples e singelamente humanas”

ta numa época totalmente diferente de outro estado. Não há um calendário comum, e, por isso, até mesmo o dia de Ano Novo não é o mesmo. Ao seguir o calendário lunar, alguns começam com a lua nova, outros começam com a lua cheia.

IHU On-Line - Como se relaciona o sistema filosófico hindu com o cristianismo? Como podem interagir místicos hindus e cristãos?

Subhash Anand - Como há tantas escolas de teologia, por vezes diametralmente opostas, a resposta não é fácil. Você pode tomar uma escola em particular e mostrar como alguns dos seus princípios podem ser aceitos ou reinterpretados por cristãos. Por esta razão, não pode haver uma única teologia cristã indiana, ou uma única liturgia cristã indiana. Da mesma for-

ma, místicos hindus apresentam uma diversidade de abordagens à oração profunda. Alguma escola hindu alegará explicitamente ser a melhor. Poderá dizer, inclusive, que outras abordagens são para novatos!

IHU On-Line - O teólogo alemão Hans Küng afirma ser possível criar uma ética mundial por meio de alguns princípios básicos. Poderão as religiões contribuir para a proposta de uma ética mundial?

Subhash Anand - Os hindus muitas vezes falam da sua religião e ética tradicionais como *manava dharma*. Alguns hindus relacionam *manava* com o sábio mítico Manu. Mas o fato é que *manava* denota humanidade. Este é um indicador maravilhoso: qualquer sistema ético é sensato [sound], enquanto esteja fundado sobre uma compreensão correta do que significa ser humano e insista em que nós promovamos humanidade. Como todos nós temos uma humanidade comum, essa ética será aceitável para todas as pessoas, capacitará a todos a colaborar em prol da integridade da criação. Hoje em dia, o que mais precisamos não é tanto de bons fiéis, mas de boas pessoas simples e singelamente humanas.

IHU On-Line - O senhor estuda o hinduísmo há muitos anos. O que esses estudos lhe ensinaram sobre fé, religião?

Subhash Anand - Tenho estudado o hinduísmo por mais de 40 anos e aprendi muita coisa. Ele me ensinou o verdadeiro sentido do que é ser cristão. Verdade não é a questão de alguma fórmula ser correta ou não, mas a autenticidade da vida. Somente então a verdade terá poder, somente então a verdade poderá nos libertar. Esta é a Verdade que Jesus pretende ser. Esta é a Verdade que nós cristãos precisamos dar ao mundo hoje em dia, um mundo que está se tornando cada vez mais superficial. O mundo precisa não de ortodoxia, mas de ortopraxia, baseada na reflexão crítica. E a reflexão crítica talvez nem sempre esteja em harmonia com a ortodoxia.

Taoísmo. Alternância e combinação de duas polaridades indissociáveis

O Taoísmo aponta para um campo bastante heterogêneo de visões de mundo, saberes e práticas, profundamente imbricadas na longa história da civilização chinesa, diz José Bizerril

POR PATRICIA FACHIN

Existem várias tradições taoístas, algumas são até consideradas religião, com templos, sacerdotes e uma imensa profusão de deuses e espíritos. Na entrevista que segue, concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**, o antropólogo José Bizerril apresenta características da linhagem trazida ao Brasil pelo mestre Liu Pai Lin. Dentro desta perspectiva, esclarece, “o Taoísmo poderia ser entendido como um modo de vida baseado nos ensinamentos de Laozi, um personagem do século VI a. C. e na compreensão do *Livro das Mutações*, não como um texto meramente oracular, mas como um verdadeiro tratado sobre os segredos do cosmo”.

A origem de todos os fenômenos do Taoísmo é baseada em “um princípio misterioso e indescritível, o Tao”. Segundo o pesquisador, as tentativas de descrever e explicar o Tao estariam fadadas ao fracasso, “pois ele se encontra além das palavras”. Como o Taoísmo desenvolve uma compreensão contemplativa da natureza, é possível compreendê-lo através da experiência pessoal, da meditação.

Ao refletir sobre a possibilidade de uma sociedade pós-metafísica, Bizerril é categórico e lembra que o mundo não se modernizou da mesma forma e com a mesma intensidade. Falar de uma sociedade pós-religiosa só será possível “à medida que os processos de modernização ocidentalizante” cheguem a outras partes do globo. E conclui: “Mesmo nos países capitalistas mais ricos do planeta, as religiões continuam a ter alguma expressão. E, além disso, ainda temos de levar em consideração o fenômeno recente da expansão acelerada de formas fundamentalistas de religiosidade na maioria das grandes religiões mundiais, que, em alguma medida, contradiz o argumento do fim ou da superação das religiões”.

Bizerril é bacharel em História, mestre e doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília - UnB. Atualmente, é docente do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB e coordenador do grupo de pesquisa interdisciplinar Diálogo. É autor de *O Retorno à Raiz: uma linhagem taoísta no Brasil* (São Paulo: Editorial Attar, 2007). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a origem do Taoísmo? Em que são baseados seus fundamentos e práticas?

José Bizerril - Falar em Taoísmo é apontar para um campo bastante heterogêneo de visões de mundo, saberes e práticas, profundamente imbricadas na longa história da civilização chinesa. Diante desta diversidade, me parece problemático falar do Taoísmo em geral, como se fosse um todo homogêneo. Considero proveitoso dar uma resposta mais contextualizada a esta pergunta, o que é um hábito intelectual do ofício de antropólogo. Como é o caso em

outras grandes tradições espirituais, existem várias versões e linhagens do taoísmo. Existem versões da tradição taoísta mais próximas do que o leitor não-especialista consideraria como uma religião, com templos, sacerdotes, complexos rituais e uma imensa profusão de deuses e espíritos hierarquizados sob a forma de uma burocracia imperial celeste. Por outro lado, na versão específica do Taoísmo que tive a oportunidade de estudar no Brasil, a linhagem trazida ao país pelo mestre Liu Pai Lin¹ e continuada por seus discípulos e

1 Mestre Liu Pai Lin (1907-2000) é um dos introdutores da Medicina Tradicional Chinesa no

por seu filho, formada exclusivamente por um quadro de praticantes laicos, as referências principais para se definir o Taoísmo seriam o Tao Te Ching, de Laozi,² e o I Ching (o *Livro das Mutações*) e um conjunto de práticas baseadas nos princípios descritos nestes dois textos clássicos. Dentro desta perspectiva, o Taoísmo poderia ser entendido como

Brasil. Divulgou por todo o país a prática do Tai Chi Pai Lin, oferecendo também cursos de formação em Massagem Tui Na e Meditação Tao Yin. (Nota da IHU On-Line)

2 O mesmo que Lao-tsé ou Laotzu. Esta é a grafia do nome na norma pinyin, para transliteração das palavras em chinês, adotada oficialmente pela República Popular da China. (Nota do entrevistado)

um modo de vida baseado nos ensinamentos de Laozi (provavelmente um personagem do séc. VI a.C.) e na compreensão do *Livro das Mutações*, não como um texto meramente oracular, mas como um verdadeiro tratado sobre os segredos do cosmo.

Para listar de forma sintética os fundamentos do Taoísmo, em primeiro lugar, a origem de todos os fenômenos seria um princípio misterioso e indescritível, o Tao. Pessoalmente, recomendo cautela quanto à ideia de traduzir Tao por Deus, como fizeram os padres jesuítas de Macau, quando traduziram o Cânon Taoísta para o português, e como fazem também alguns praticantes brasileiros. Segundo o primeiro poema do Tao Te Ching, a própria tentativa de descrever o Tao e, ainda mais, de explicá-lo, seria fadada ao fracasso, pois ele se encontra além das palavras. No entanto, ele pode ser compreendido por meio da experiência pessoal, principalmente de caráter meditativo. Existe uma forte relação entre o Taoísmo e a compreensão contemplativa da natureza. Tanto o Tao Te Ching quanto o I Ching descrevem a natureza (O Céu e a Terra) como caracterizada pelo movimento lento, circular e incessante. Um movimento perpétuo de alternância e combinação de duas polaridades indissociáveis, yin e yang.

Princípios taoístas

Um princípio fundamental do Taoísmo seria o retorno a um estado de espontaneidade original que permitiria viver em harmonia consigo próprio, com os outros e com os ritmos do cosmo, adaptar-se às diferentes configurações que o mundo assume, fluir com os movimentos da natureza. Este ajustar-se naturalmente às situações, da forma mais eficaz e com o mínimo de esforço, pode ser descrito pelo termo Wu-wei, frequentemente traduzido por Não-ação. Este estado também é descrito no Tao Te Ching como equivalente à condição de uma criança, flexível e cheia de vitalidade, movendo-se incansavelmente. Paradoxalmente, para se chegar a esta condição de espontaneidade, há uma grande quantidade de treinamentos cuja prática diária de-

manda uma boa dose de disciplina. E que, de todo modo, objetivam a obtenção simultânea da serenidade e da plenitude da vitalidade, que teriam como efeito a longevidade. Os taoístas valorizam o silêncio, o cultivo de um estado de tranquilidade mental e emocional e a habilidade de cultivar e preservar a força vital. Na linhagem que estudei, há uma série de treinamentos de *qigong*,³ meditação sentada e em pé, e dentre as artes marciais internas chinesas, o Tai Chi Chuan, outras práticas que servem a esta finalidade. Mas não há uma dimensão cerimonial elaborada, equivalente às pujas hindus ou budistas, nem às liturgias cristãs. Para a maioria das práticas desta linhagem, basta a

**“Parece-me que as
possibilidades de diálogo
inter-religioso repousam
mais na
comensurabilidade,
ou não, dos diferentes
pontos de vista culturais
e da tradução cultural
de noções de mundo
e modos de vida
contrastantes”**

própria pessoa, uma roupa confortável e um lugar tranquilo, de preferência, mas não obrigatoriamente próximo de uma bela paisagem natural.

IHU On-Line - Quais são as especificidades que caracterizam o Taoísmo, sua filosofia? No contexto taoísta, o

3 Literalmente, treinamentos de “energia”, o termo refere-se a uma série de técnicas de origem diversa que visam captar o qi da natureza, acumulá-lo no próprio corpo, fazê-lo circular por trajetos específicos e emití-lo com finalidades terapêuticas e marciais. Para evitar mal-entendidos, evito traduzir qigong como exercícios respiratórios. (Nota do entrevistado)

que significa o ensinamento do Tao?

José Bizerril - Por reconhecer a insuficiência das palavras e do intelecto para compreender o Tao, a explanação filosófica do taoísmo vem associada a uma prática meditativa. Além da centralidade de compreender o Tao, consequentemente os segredos da natureza, o Taoísmo se caracteriza por pensar a complexidade dos diversos aspectos da vida por meio de um número pequeno de princípios, com aplicações diversas. Um princípio central seria a harmonia e alternância entre yin/yang, duas polaridades que compõem todos os fenômenos, mas que são definidas relacional e contextualmente. Sendo assim, ativo/receptivo, claro/escuro, expansão/recolhimento são momentos de um movimento incessante e não essências imutáveis. Estes princípios teriam aplicações na medicina tradicional chinesa, nas artes marciais internas, nas relações humanas, na descrição dos ciclos da natureza, na organização da paisagem geográfica, entre outros. Se um Tai Chi é a união de yin e yang em movimento, então várias situações podem ser pensadas nestes termos: uma sessão de massagem Tui-ná, um encontro amoroso, uma luta, a relação do ser humano com o ambiente natural etc.

Um outro aspecto relevante da filosofia taoísta é o seu antiutilitarismo. O filósofo Zhuangzi,⁴ talvez um dos autores taoístas mais importantes depois de Laozi, narra a história de uma árvore gigantesca que só pôde se desenvolver plenamente por não ter nenhuma utilidade: não produzia frutos comestíveis, sua madeira não era própria para carpintaria, suas folhas e raízes não tinham propriedades medicinais, nem odor agradável. Se tivesse sido útil, há muito teria sido cortada ou explorada e não teria chegado ao seu tamanho colossal.

Não sendo redutível ao conhecimento intelectual nem a uma finalidade utilitária, o aprendizado do Tao ocorre na relação prolongada com um mestre, um sábio que personifica para o aprendiz a realização do Tao sob a forma de uma experiência vivida, pois ele encarna esta compreensão em sua própria

4 O mesmo que Chuang-tsé ou Chuangtzu, grafado segundo a norma *pin yin*. (Nota do entrevistado)

presença corporal. Alguns índices de realização a se esperar idealmente de um mestre taoísta seriam uma boa condição de saúde, a serenidade do espírito, a espontaneidade. Na transmissão de mestre Liu, sua alegria de viver, sua inteligência viva e sua idade avançada, desvinculada de sinais de decrepitude, expressavam ostensivamente para seus discípulos sua compreensão do Tao. Uma outra característica importante da transmissão taoísta é que o ensinamento de um mestre vivo se transforma constantemente. Com o passar dos anos, muda o conteúdo do ensinamento, bem como a forma de ensinar, ainda que se preservem os princípios fundamentais do taoísmo.

Em uma segunda instância, além do contato com o mestre, aprende-se sobre o Tao por meio da prática diária dos treinamentos taoístas, ensinados por alguém com suficiente experiência e compreensão para participar de sua transmissão. E, por fim, à medida que os treinamentos refinam um tipo de sensibilidade intuitiva no praticante, aprende-se sobre o Tao por meio da contemplação da natureza e do estudo dos clássicos taoístas.

IHU On-Line - O senhor pode nos explicar o fundamento das três joias: compaixão, moderação e humilhação? É possível pensar a construção da paz mundial através desses parâmetros?

José Bizerril - As três virtudes taoístas mencionadas por Laozi poderiam ser traduzidas por compaixão, moderação e humildade. O sacerdote taoísta Wu Chih Cherng, que presidiu a Sociedade Taoísta do Brasil, as traduziu como “afetividade, simplicidade e modéstia”. Elas podem ser consideradas como o fundamento para uma ética taoísta. A compaixão dos taoístas se refere ao cuidado e interesse pelo bem-estar dos outros. No entanto, diferente de tradições que valorizam o sacrifício da própria vida em benefício dos outros, na tradição taoísta, o cuidado altruísta com os outros vem acompanhado da recomendação de saber se preservar, isto é, de beneficiar aos outros sem para isto ter de se prejudicar. A moderação diz respeito a um modo de vida simples, que se caracteriza pela preservação da força vital, por um ritmo de vida lento e

sereno, que contrasta com os excessos de estimulação sensorial, de agitação mental e de desejo de gratificação que caracterizam os modos de vida mais plenamente inseridos no consumismo contemporâneo. Na versão da tradição taoísta que pesquisei, desfrutar os prazeres da vida e manter o corpo em boas condições pode conviver em harmonia com a busca espiritual. Por fim, a humildade na interpretação taoísta é o contrário da disputa, da competição que decorre do desejo de fama e reconhecimento. A tradição taoísta é avessa à competitividade.

Embora considere que as virtudes religiosas, quando são encarnadas de forma consistente, possam contribuir para uma conduta pacífica, por meio de uma transformação dos modos de agir, sou cético que se possa pensar a construção da paz mundial por meio de uma transformação apenas no campo moral, operada pelas religiões nas vidas dos indivíduos. Os conflitos mundiais se caracterizam por uma grande complexidade sistêmica que vai muito além da agressividade, ganância ou competitividade de sujeitos particulares. Para compreendê-los, é preciso levar em consideração o efeito desagregador do capitalismo mundial sobre as vidas no plano local, o acirramento das desigualdades e da insegurança social. Infelizmente, diante deste quadro, em várias partes do mundo, as religiões têm se tornado parte da linguagem que expressa a intolerância e a impossibilidade de diálogo com a diferença, mesmo que idealmente devesse ser o contrário.

IHU On-Line - O taoísmo defende a ideia de que não precisamos de nenhuma orientação centralizada. A não unificação de todas as formas naturais de ser pode ser um caminho para pensarmos o diálogo inter-religioso?

José Bizerril - Parece-me que as possibilidades de diálogo inter-religioso repousam mais na comensurabilidade, ou não, dos diferentes pontos de vista culturais e da tradução cultural de noções de mundo e modos de vida contrastantes. E no caso de iniciativas concretas, dependem também de uma certa disposição benevolente, por parte dos sujeitos religiosos, para uma

autêntica abertura a escutar outras posições teológicas, morais ou até mesmo estéticas. Como antropólogo, diria que quanto mais de perto contemplamos as religiões, mais elas são diferentes e estão em contradição umas com as outras. Os pontos de contato existem entre algumas religiões que compartilham, por assim dizer, de um mesmo estilo de experiência religiosa, mas não reconheço um acordo fundamental entre todas as religiões, a não ser em um nível muito abstrato, como, por exemplo, afirmar que as religiões potencialmente ensinam um caminho para nos tornarmos seres humanos melhores ou vivermos vidas mais felizes. Mas o que exatamente seria tornar-se um ser humano melhor ou mais feliz, bem como os meios para isto, estaria sujeito a debate.

A perspectiva taoísta se opõe à adoção de um excessivo formalismo na conduta, e desconfia da imposição normativa de padrões de conduta, pois entende que a experiência espiritual conduz naturalmente a uma conduta em harmonia com o Tao, e consequentemente caracterizada pelas três virtudes mencionadas na pergunta anterior. Uma ética taoísta estaria fundada mais em princípios do que em preceitos muito específicos. Esta posição está em contradição com a de outras religiões que possuem uma hierarquia sacerdotal centralizada, responsável por normatizar a conduta de seus adeptos, às vezes, de forma bastante detalhista e inclusive em questões que, do ponto de vista moderno, poderiam ser consideradas de caráter privado.

IHU On-Line - Que alternativas as crenças taoístas podem oferecer para uma possível solução da crise em que vivemos hoje, ou seja, a crise global ecológica, financeira, política e religiosa?

José Bizerril - Tenho dúvidas que possamos formular em poucas palavras uma solução para os problemas mundiais contemporâneos. Diria que, no nível micro, de sujeitos e pequenas comunidades, a prática do Taoísmo pode contribuir como um dos antídotos à relação predatória com a natureza e com outros seres humanos, moderando o excesso de investimento no eu em de-

trimento das necessidades dos outros e produzindo um modo de ser no mundo menos capturado pelos desejos consumistas do capitalismo contemporâneo. Mas isto se situa mais no plano de uma prática diária dos treinamentos taoístas e numa transformação ampla da pessoa do praticante, do que no plano das crenças propriamente ditas.

IHU On-Line - Como o senhor percebe a inculturação do Taoísmo na cultura ocidental? Como a tradição taoísta se manifesta no país?

José Bizerril - Ao que tudo indica, a presença taoísta é bastante modesta nas nações ocidentais, fora das comunidades de migrantes chineses, se comparada a outras religiões asiáticas, como os movimentos budistas e hinduístas ou os novos monoteísmos japoneses. Além disto, existe uma profusão de saberes tradicionais chineses que se vinculam ao taoísmo, entre artes marciais, terapêuticas, técnicas de longevidade, *feng shui*,⁵ entre outros, que não se encontram explicitamente articulados a uma expressão filosófica ou espiritual taoísta quando são apresentados ao público em geral. Apesar de ser uma das grandes tradições religiosas mundiais, o taoísmo seguramente figura entre as menos conhecidas. Não computo como expressão do taoísmo a apropriação new age de técnicas e saberes descontextualizados e distribuídos sob a forma de serviços e produtos.

Tradição taoísta no Brasil

Quando pensamos no Brasil, julgo necessário problematizar as ideias de “ocidente” e “oriente”. Parece-me que apenas parcialmente podemos descrever nosso país como uma nação moderna e ocidental. Em nossa paisagem cultural, coexistem elementos tradicionais, modernos e pós-modernos

de diferentes origens geográficas e históricas, às vezes de forma conflitiva, inclusive em um mesmo sujeito. É pertinente perguntar como uma tradição exótica, como é o caso do taoísmo, é recebida no Brasil. Em primeiro lugar, constato que a adesão a esta tradição é pouco representativa no plano quantitativo. O número total de pessoas que se definem como taoístas nem ao menos aparece nos índices do último Censo. Seguramente é menor do que o total de budistas que era cerca de 214.873 no ano de 2000. E possivelmente deve estar incluído na categoria “outras religiões orientais”. No entanto, é possível que certo número de taoístas não define seu modo de vida como religião, o que acontece também com os budistas. Em minha pesquisa, deparei-me

**“Como antropólogo,
diria que quanto mais
de perto contemplamos
as religiões, mais elas são
diferentes e estão em
contradição umas com
as outras”**

com pessoas que se tornaram taoístas por serem descendentes de migrantes asiáticos e estarem em busca de suas raízes culturais. Encontrei também um bom número de praticantes que se aproximaram da tradição para enfrentar processos de adoecimento grave. Havia também estudantes de psicologia e de outras áreas de saúde, praticantes de artes marciais e artistas, cada grupo com suas próprias motivações para se aproximar do taoísmo. De modo geral, diria que são as técnicas corporais taoístas, pelas experiências que proporcionam, que atraem em um primeiro momento. Além disso, acredito que a ênfase da tradição taoísta na saúde e na longevidade dialoga bem com a busca contemporânea da juventude e do bem-estar corporal. Muitas vezes,

constatei que o interesse pela dimensão espiritual e filosófica do taoísmo surgiu em um segundo momento.

IHU On-Line - O Taoísmo dialoga com outras religiões? Há espaço para isso?

José Bizerril - Pessoalmente, não acompanhei iniciativas deliberadas por parte dos taoístas, de participarem de fóruns de diálogo inter-religioso. No entanto, não identifico, nas linhagens taoístas que se encontram no Brasil, uma tendência ao sectarismo ou à intolerância religiosa. Encontrei entre os praticantes taoístas, além daquelas pessoas que tinham um vínculo mais exclusivo com sua tradição, também pessoas vinculadas ao catolicismo, ao espiritismo kardecista, ao budismo tibetano ou ao Zen, que pareciam operar um estilo sincrético de experiência religiosa. Havia também pessoas que praticavam as técnicas taoístas, mas não identificavam o taoísmo como uma religião. Isso tudo sem falar de uma clientela que poderia ser reconhecida como parte do público new age, isto é, um estilo de espiritualidade de caráter individualista, no qual é possível fazer combinações idiossincráticas entre religiões muito distantes, desde que isto faça sentido para um sujeito em particular.

IHU On-Line - O teólogo alemão Hans Küng propõe uma ética mundial como caminho para a construção da paz planetária. O senhor concorda com essa proposta? As religiões podem ajudar nessa caminhada?

José Bizerril - Diante da complexidade sistêmica dos processos globais, sou cético quanto às possibilidades de enfrentar problemas coletivos apenas com uma transformação individual, por meio da experiência espiritual pessoal. Como uma guerra não se confunde com a expressão da raiva ou da agressividade dos indivíduos, mas é perpetrada por Estados, com base em interesses geopolíticos, macroeconômicos etc., entendo que a transformação das sensibilidades pessoais é apenas um aspecto da questão. Certamente, na sua expressão mais profunda, as religiões fomentam a expressão de qualidades humanas referidas ao cuidado com os

⁵ **Feng Shui** é um termo de origem chinesa, cuja tradução literal é vento e água. Sua pronúncia correta em mandarim é “fon xuei”. Segundo esta corrente de pensamento, estabelecendo uma relação yin/yang, os ideogramas Feng e Shui (respectivamente Vento - yang - e Água - yin -) representariam o conhecimento das forças necessárias para conservar as influências positivas que supostamente estariam presentes em um espaço e redirecionar as negativas de modo a beneficiar seus usuários. (Nota da IHU On-Line)

“Na sua expressão mais profunda, as religiões fomentam a expressão de qualidades humanas referidas ao cuidado com os outros e com o mundo, mas, ao mesmo tempo, no momento atual, as religiões têm também composto o idioma da intolerância e da impossibilidade de diálogo”

outros e com o mundo, mas, ao mesmo tempo, no momento atual, as religiões têm também composto o idioma da intolerância e da impossibilidade de diálogo.

IHU On-Line - É possível falar em sociedade pós-metafísica, pós-religiosa? Qual é o sentido das religiões nesse contexto? O senhor percebe, nesse cenário pós-metafísico, diferenças na atuação das religiões orientais e ocidentais?

José Bizerril - Bem, uma resposta antropológica a esta pergunta demandaria um questionamento inicial: a quem se refere esta descrição? Isto é, que sociedades, que grupos no interior de quais sociedades podem ser descritos como alinhados a um posicionamento pós-religioso? Mesmo sem entrar no problema da possibilidade de uma definição universal viável de religião, em que instâncias sociais a diversidade de fenômenos que poderíamos chamar de religiosos foi tornada secundária? A separação entre universo laico e religioso ou, se preferir, entre sagrado e profano é um efeito da modernidade europeia. O mundo inteiro não se modernizou da mesma forma e com a mesma intensidade. À medida que os processos de modernização ocidentalizante chegam a outras partes do globo, talvez seja possível falar nestes termos. Ainda assim, só se pode falar em cenários pós-religiosos no contexto das grandes cidades globalizadas, e com ressalvas. É flagrante a presença das religiosidades na vida contemporânea em um país como o Brasil. Seguimos sendo um

país de esmagadora maioria religiosa, e isto fica patente quando examinamos os obstáculos encontrados para se implementar políticas públicas relativas a temas como direitos reprodutivos ou direitos de minorias sexuais, por contradizerem a moral religiosa dominante. Apesar da emergência de uma lógica desencantada de mercado estar em expansão em várias esferas da vida, nas sociedades globalizadas, conforme descrições macrosociológicas como as do sociólogo Zygmunt Bauman,⁶ não reconheço uma substituição em curto prazo das perspectivas religiosas por um olhar laico e mercadológico. Diria que é mais provável que exista uma coexistência conflitiva entre várias lógicas culturais no mundo contemporâneo. Mesmo nos países capitalistas mais ricos do planeta, as religiões continuam a ter alguma expressão. E, além disso, ainda temos de levar em consideração o fenômeno recente da expansão acelerada de formas fundamentalistas de religiosidade na maioria das grandes religiões mundiais, que, em alguma medida, contradiz o argumento do fim ou da superação das religiões.

⁶ Zygmunt Bauman: sociólogo polonês, professor emérito nas Universidades de Varsóvia, na Polônia e de Leeds, na Inglaterra. Publicamos uma resenha do seu livro *Amor Líquido* (São Paulo: Jorge Zahar Editores, 2004), na 113ª edição do IHU On-Line, de 30 de agosto de 2004. Publicamos um entrevista exclusiva com Bauman na revista IHU On-Line edição 181 de 22 de maio de 2006, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158345309.26pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

PARTICIPE DOS EVENTOS DO IHU

PROGRAMAÇÃO DISPONÍVEL NO SÍTIO DO IHU - WWW.IHU.UNISINOS.BR

Budismo. Transcendência para todos: a filosofia budista

Na percepção de André Bueno, os valores asiáticos parecem inversos à lógica ocidental, mas revelam “um fantástico espelho cultural”, além de diversos pontos de semelhança

POR PATRICIA FACHIN

Para o historiador e filósofo André Bueno, “budismo é um movimento” e, se o classificarmos de acordo com os critérios ocidentais, deveríamos chamá-lo de “filosofia”. Em entrevista concedida à **IHU On-Line**, por e-mail, o pesquisador explica que o budismo nasceu de “uma insatisfação social e intelectual com o mundo indiano tradicional” e se expandiu pelo planeta com a proposta de “transcendência para todos”. “O budismo tem como um dos seus elementos mais empolgantes a noção de liberdade espiritual aberta e irrestrita”, aponta.

Na entrevista que segue, Bueno esclarece que existem diferentes tradições budistas e, por isso, têm cautela ao afirmar a existência de Deus ou de divindades. “Algumas teorias chinesas, por exemplo, defendem que o universo, se for infinito, sempre existiu - tanto em tempo como em constituição. Assim, o fenômeno da criação, tanto quanto do fim de tudo, pertencem ao finito e não ao infinito. Se Deus for infinito, então a criação do mundo pode ser apenas um momento nisso tudo”, ressalta. Na tradição budista, continua, a busca para compreender o sentido do que somos, encontrada no esvaziamento da noção de que somos algo, “é o que traria a libertação”.

André Bueno é graduado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, mestre em História pela Universidade Federal Fluminense - UFF e doutor em Filosofia pela Universidade Gama Filho, com a tese *A justa medida em Confúcio e Aristóteles* (2005). Atualmente, é professor adjunto na Faculdade Estadual de Filosofia, Letras e Ciências de União da Vitória, no Paraná. Confira a entrevista.

IHU On-Line - É possível falar em pensamento oriental e ocidental?

André Bueno - Para falarmos daquilo que, no Ocidente, chamamos de “religião”, faz-se necessário um conjunto extenso de ressalvas em relação aos pensamentos e crenças do mundo asiático. Ele é vasto, amplo, multifacetado, e tentar criar qualquer ideia de um “pensamento oriental” é tão falso e perigoso quanto dizer que há um “pensamento ocidental”. Em segundo lugar, nossas classificações usuais para os fenômenos religiosos da Ásia não funcionam muito bem. Não encontramos, muitas vezes, as tais diferenças que separariam “filosofia” ou “ciência” de “religião”. No entanto, acho instigante pensar que, aos olhos de muitos asiáticos, quando os ocidentais lêem Santo Agostinho ou discutem a pesquisa com embriões humanos tendo como referência a crença na vida

e em Deus, para eles, essas classificações também não fazem muito sentido. Um olhar sobre a Ásia nos traz, pois, um fantástico espelho cultural, no qual os sentidos parecem inversos e, no entanto, encontramos diversos pontos de semelhança.

IHU On-Line - Que aspectos históricos e culturais favoreceram o surgimento da filosofia budista, seu desenvolvimento e expansão ao redor do mundo?

André Bueno - O budismo nasce de uma insatisfação social e intelectual com o mundo indiano tradicional. Vamos rever brevemente a história budista: um príncipe abençoado, Sidarta Gautama, descobre lá pelos idos do século VI a.C. - uma época proveitosa para a humanidade, se pudermos acreditar nas tradições, visto que surgiram

também Mahavira,¹ Sócrates,² Zoroastro,³ Laozi, Confúcio,⁴ Jeremias, entre outros - que a realidade não é tal como parece. Há fome, doença, velhice e morte; mas há, também, a sabedoria, meio pelo qual podemos nos livrar de

¹ Vardhamana, mais conhecido como Mahavira (“Grande Herói” em sânscrito) foi o último dos vinte e quatro Tirthankaras do jainismo. Numa perspectiva histórica é considerado o fundador ou reformador deste sistema religioso. (Nota da IHU On-Line)

² Sócrates (470 a. C. - 399 a. C.): Filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental. (Nota da IHU On-Line)

³ Zoroastro ou Zaratustra: profeta persa nascido em meados do século VII a. C., fundador do masdeísmo, religião adotada oficialmente pelos Aquemênidas (558-330 a. C.). (Nota da IHU On-Line)

⁴ Confúcio (551 a.C. - 479 a.C.) nome latino do pensador chinês Kung-Fu-Tzu. Foi a figura histórica mais conhecida na China como mestre, filósofo e teórico político. Sua doutrina, o confucionismo, teve forte influência não apenas sobre a China, mas também sobre toda a Ásia oriental. (Nota da IHU On-Line)

um repetitivo ciclo de reencarnações. Depois de tentar métodos diferentes de meditação, ele descobre um novo caminho, mais equilibrado, menos exigente e liberal, que o torna o iluminado, o “Buda”. Então, voltemos agora à pergunta: quando o budismo nasce, ele traz consigo uma série de elementos daquilo que chamamos “hinduísmo”, tais como a questão da reencarnação, dos deuses, da meditação etc. No entanto, porque o “hinduísmo” não ia para além do mundo indiano? E ainda, o que Buda trouxe de diferente para este mundo? Em primeiro lugar, o budismo inovou quando ignorou a questão das castas. Se para o hinduísmo a figura do brâmane, aquele que por nascimento está destinado à religião e ao topo da sociedade tradicional é fundamental, para os budistas, a libertação da alma é um potencial humano - assim sendo, se é humano, está em todos. Logo, todos poderiam se libertar da reencarnação! Isso era uma novidade excitante na época, e contrariava seriamente a elite da sociedade. Mas Buda havia sido um príncipe, e, por isso, conquistou ainda mais autoridade, por ter abandonado todas as vantagens que poderia conseguir por sua posição social especial. Sendo o budismo um movimento que nasce, então, como uma libertação espiritual - mas também, é importante frisar, social - o segundo passo foi fazer algo diferente do que as religiões da época faziam: pregar. Sim, o budismo é, provavelmente, o primeiro movimento deste gênero a ser proselitista, e seus missionários começaram suas andanças pela Índia a fim de espalhar a boa nova: a transcendência ao alcance de todos.

Expansão do budismo pelo ocidente

Depois disso, o resto é história. O budismo se dividiu em escolas diferentes, que continuaram suas pregações ao redor da Ásia. No início, tentaram ir em direção ao Ocidente, pegando carona nas conquistas macedônicas - por exemplo, alguns dos éditos do Imperador Ashoka, um governante da dinastia Maurya que teria tido uma certa simpatia pelo budismo, foram escritos

em grego. Além disso, temos um texto delicioso, chamado “Milinda Panha”, que se trata do diálogo entre um rei grego da Ásia, Menandro, e um sábio budista chamado Nagasena. Talvez as crises no império helênico, e depois, o conturbado panorama do Oriente Médio na época romana acabaram desestimulando a ida dos budistas para o oeste, voltando seus olhares para a China. Lá, principalmente depois do século IV d.C., os budistas tiveram uma acolhida significativa, que reforçou a continuidade do movimento depois que ele praticamente desapareceu da Índia. As razões que levaram ao enfraquecimento do budismo em sua terra de origem foram, provavelmente, a ausência de possibilidades sociais para os conversos - lembremos, eles podiam não mais acreditar em castas, mas o restante dos indianos continuava

“Tanto na Índia quanto na China ou Japão, o budismo foi recebido como uma opção de pensamento”

a acreditar - e, por fim, a grande retomada do hinduísmo na época Gupta, promovida por uma geração de sábios que souberam desconstruir o budismo e reafirmar as suas tradições perante o povo. De qualquer modo, o budismo só ganhou com isso, tornando-se um movimento internacional e multicultural, e o centro de seu discurso - a possibilidade de transcendência para todos - é a razão fundamental de sua receptividade e difusão.

IHU On-Line - Como o senhor caracteriza a filosofia e o pensar budista? Que aspectos a diferem de outras práticas orientais?

André Bueno - Prefiro sempre dizer que o budismo é um movimento, e se fosse classificá-lo de acordo com um critério ocidental, estaria inclinado a chamá-lo de filosofia. Creio que o problema é o seguinte: uma religião,

tal como entendemos, tem um clero, um credo e uma liturgia. Os budistas têm cleros e liturgias, mas não tem um credo definido. Senão vejamos: as principais correntes budistas são três, a Theravada, Mahayana e Vajrayana. A primeira se entende como detentora do budismo mais antigo e tradicional, no que se inclui a dúvida na existência de Deus ou dos Deuses; a segunda defende que podem existir Deus ou Deuses, de acordo com cada escola; por fim, a Vajrayana, que constitui o budismo tibetano, diz que os deuses podem existir enquanto você acredita neles. Mesmo que estas definições possam ser discutidas, posto que foram apresentadas de maneira bem superficial, são mais do que suficientes para demonstrar que o budismo está bem distante de ser uma “religião” tal como concebemos. Por outro lado, não podemos deixar de perceber que o budismo é um fenômeno de características profundamente religiosas, e como tal não pode ser ignorado. No mais, como disse anteriormente, o budismo tem como um dos seus elementos mais empolgantes a noção de liberdade espiritual aberta e irrestrita. O budismo não tende, em linhas gerais, a tratar as pessoas como culpadas de pecados ou como vítimas do destino. A opção por libertar-se é apenas sua. O que a pessoa precisa saber são as quatro grandes verdades, que seriam: tudo é dor; a dor nasce do desejo; suprimindo o desejo, se suprime a dor; e como fazer isso? - Por meio de atitudes corretas. Este caminho é fácil e simples de compreender, difícil é segui-lo. Mas se a vida é dura, não é inevitável, portanto, fazer esforço por qualquer coisa que seja? Porque não dirigir este esforço para a transcendência? Em linhas gerais, contudo, o budismo se mescla com as outras tradições asiáticas em seu modo de agir e debater suas propostas, se destacando apenas por seu proselitismo e ação social. Tanto na Índia quanto na China ou Japão, o budismo foi recebido como uma opção de pensamento.

IHU On-Line - No budismo, diferente de outras tradições, a relação do eu é com seu próprio eu. Qual é o sentido e o significado dessa prática no

pensamento chinês?

André Bueno - O budismo foi bem acolhido na China pela população em geral, mas os intelectuais chineses sempre mantiveram uma grande desconfiança em relação ao budismo. Os chineses tinham uma tradição milenar de cultura antes do budismo chegar em suas terras; na China dá-se, até os dias de hoje, um valor incomensurável ao estudo da história, da literatura e da filosofia. Assim, quando os missionários indianos chegaram, eles conquistaram o coração da população mais pobre, mas convenceram pouquíssimos intelectuais chineses do valor de suas propostas. E qual era o cerne da crítica chinesa aos budistas? Além do receio deste pensamento estrangeiro afetar as estruturas culturais e sociais desta civilização, que já estavam estabelecidas há muito tempo, os pensadores chineses propuseram algumas questões bastante pertinentes aos budistas, como, por exemplo: se uma pessoa medita para alcançar a iluminação, ela não trabalha. Quem trabalha, sustenta o que vai se iluminar, mas ele mesmo não se ilumina. Ora, onde está a justiça nesta situação? Isso significa, portanto, que aquele que se esforça no campo para favorecer o nirvana alheio nada conquista para si? E para aquele que medita, o egoísmo e a inação são um prêmio? Uma outra história cômica ilustra bem isso: um mestre budista quis, uma vez, ensinar à um sábio chinês o que era meditação. Ele lhe explicou que a meditação consistia em ficar parado, com os olhos fechados, alheio ao mundo e esquecendo-se de si mesmo. O sábio lhe respondeu: “eu já faço isso todas as noites, quando durmo. Para que preciso fazer mais?”. O que vemos, portanto, é que o budismo, para sobreviver dentro da China, precisou adaptar-se à cultura local. Embora tenha proposto problemas interessantes para a filosofia chinesa, o seu espaço consolidou-se justamente neste terreno que chamamos de “religioso”, e depois de algum tempo, seu principal desafio foi o de disputar crentes com os taoístas.

No mais, não estou nem um pouco convicto de que o budismo é o único movimento que tenha uma relação especial de “eu comigo mesmo”. Salvo

algumas escolas específicas, muitos budistas dedicam-se diariamente aos seus deuses, e entendem-se como partes atuantes de um cosmo absolutamente interligado. Talvez possamos precisar que os budistas defendem sim uma superação individual como fator indispensável de iluminação. Mas será isso tão diferente do que alguns de nós ocidentais acreditamos?

IHU On-Line - Qual é o significado do silêncio sobre Deus no budismo? Qual é o sentido de atuar no vazio?

André Bueno - Dependendo da tradi-

“Creio que o mais interessante da concepção da justa-medida aristotélico-confucionista é a abertura que ela dá para a criação de uma ética moderna e universal isenta de paradigmas religiosos”

ção budista na qual o praticante se insere, há um grande cuidado em afirmar a existência de Deus ou de qualquer outra força divina. Talvez sejamos tão ínfimos diante dela que apelar a ela é perda de tempo e de energia. Algumas teorias chinesas, por exemplo, defendem que o universo, se for infinito, sempre existiu - tanto em tempo como em constituição. Assim, o fenômeno da criação, tanto quanto do fim de tudo, pertencem ao finito, e não ao infinito. Se Deus for infinito, então a criação do mundo pode ser apenas um momento nisso tudo. Diante da magnitude da questão, os intelectuais chineses apelaram para respostas diversas, que vão desde teorias físicas até mesmo o

desinteresse pelo problema. Quanto aos budistas, eles resolveram encarar o problema de dois modos diferentes: um deles foi a criação da escola Chan (que no Japão, viria a ser o Zen), que consiste em dedicar-se a si mesmo, buscando uma conexão interior e integradora com o cosmo, a fim de dar cabo da questão; o outro foi investir numa religiosidade popular, repleta de deuses e mitos, que facilitam o diálogo com o povo mais humilde, simplificando o problema da libertação por meio de um discurso que privilegia a execução de boas ações como forma de libertação espiritual. Pode parecer estranho que existam duas tendências tão opostas, e a aceitação de sua coexistência seja uma grande hipocrisia: no entanto, se as pessoas podem se libertar por dois meios diferentes, então, a questão fundamental é de como o indivíduo encontra o método correto para libertar-se. O resto é detalhe.

Entidades irreais e a atuação no vazio

Quanto ao “atuar no vazio”, isso diz respeito, dentro do pensamento chinês tradicional, à capacidade do sábio se deslocar de modo discreto, harmônico e necessário diante do desenrolar da vida. Dado que não podemos provar a existência de uma vida após a morte, ou ainda, se há reencarnação, os chineses - principalmente os intelectuais confucionistas, e em certa medida, os pensadores daoístas - acreditavam que a sabedoria correta no agir traria a felicidade aqui, agora, na imanência. Isso significa compreender os mecanismos pelos quais as coisas operam, a sua ecologia funcional, e, através disso, evitar os atritos e o desgaste inútil. Sabendo isso, o sábio não atua de modo direto, ele sabe adaptar-se ao movimento, sabe conduzir sem forçar, sabe promover sem impor, e assim por diante. Se ele consegue isso, ele “atua no vazio”, realizando as coisas de modo “invisível”. Ele só se manifesta quando necessário, tendo em vista que os seus conhecimentos geram, inevitavelmente, ações e reações. Esta concepção é bastante diferente do “vazio budista”, conceito importado da Índia que pressupunha que somos entidades “irreais”. Nesta visão, se tudo é composto

por partículas ínfimas sem um caráter distinto, então, nós mesmos somos uma grande massa de coisas indistintas! A busca deste sentido do que somos, encontrada num esvaziamento da noção de que “sou algo”, é o que traria a libertação. Mas lembremos, sempre: tais definições, como aqui apresentadas, são bastante gerais, e costumam ser temas de livros inteiros. Creio que podemos mesmo é instigar um pouco o debate sobre o tema, tendo em vista que temos muito poucos especialistas no assunto, mas muitos iniciantes dogmáticos prontos a discordar da primeira sílaba de cada uma dessas frases.

IHU On-Line - Que ensinamentos os ocidentais podem adquirir a partir dessa compreensão do caminho do “eu ao si mesmo”? Nesse sentido, em que medida essa prática pode contribuir de alguma maneira para o diálogo inter-religioso?

André Bueno - Octavio Paz⁵ gostava de dizer que só faltou, ao mundo, o encontro fértil entre o budismo e o cristianismo. O budismo poderia ensinar técnicas mais efetivas de meditar, um pouco mais de tolerância e um modo de vida mais responsável e menos duro com os erros humanos. O cristianismo antigo, contudo, tinha uma mensagem de esperança e libertação muito especial, e já nasceu, igualmente, fadado a ser multiétnico, transcultural e igualitário. A preocupação humana do cristianismo original, de Jesus a São Francisco,⁶ é o cerne de um discurso de caridade e apoio muitas vezes desconhecido em alguns recantos da Ásia. E o que isso tem com a relação “eu comigo mesmo”? É bastante simples: um budismo meditativo como o Zen, por exemplo, pode ensinar a descoberta por si mesmo, mas também pode levar ao ego-

ísmo; o cristianismo pode apegar-se a uma mensagem dogmática radical, fundamentalista, que faz o indivíduo esquecer-se de si mesmo, o que pode torná-lo tanto um autômato desprovido de arbítrio quanto um santo ativo e reformador. O encontro desses pensamentos sempre leva à algum tipo de atrito, mas os resultados podem ser saudáveis. O raciocínio é simples, mas verdadeiro: podemos utilizar o melhor de ambos em proveito de uma consciência renovada, da construção de uma tolerância maior, e de uma individualidade mais sadia. O mais difícil, contudo, é ter uma consciência nítida sobre o que estamos

“Por que manter identidades antigas e desgastadas, se elas já não nos servem mais? Mesmo no caso chinês, onde algumas coisas funcionam há séculos, existiram outros aspectos de sua cultura que se foram com o tempo, porque a mudança é inevitável”

fazendo. Lembro-me de alunos que já desistiram dos cursos de pensamento asiático que ofereci porque achavam que eu “estava tentando mudá-los em suas crenças”, o que manifesta uma ignorância e uma intolerância absurdas, principalmente para pessoas que se dizem “abertas ao diálogo” (ou, traduzindo, “ocidentais”). Por outro lado, já me cansei também de encontrar falsários e embusteiros que apregoavam um “ensino de artes orientais”, em que faziam uma mistura promíscua de fragmentos de cultura asiática, sem um

conhecimento profundo do que fosse, e defendiam isso de maneira absolutamente intransigente.

Então, se fizermos uma tentativa real de aproximação, é bem possível que algumas experiências significativas pudessem ser extraídas disso; do contrário, seremos continuamente reféns dos fundamentalistas ou dos falsários, e nisso o diálogo religioso ficará inevitavelmente prejudicado.

IHU On-Line - Para o budismo, a “causa primeira” não está em Deus e também não há “uma” causa de origem para as coisas. O senhor pode nos explicar essa ideia de “causas e condições”, a qual permite a existência das coisas?

André Bueno - Como havia dito, talvez por isso o budismo possa ser considerado, no geral, um movimento filosófico. A questão fundamental é: como libertar-se? Os discursos de origem do universo são, em geral, uma herança dos primeiros tempos das religiões, e serviam para a legitimação de uma ideologia igualmente religiosa. Por esta razão, o budismo pouco se preocupou com a origem, mas sim, em como resolver as coisas agora. Só para termos uma ideia, uma das linhas budistas defende que a existência ocorre tal como um filme de cinema, em quadros distintos que, interligados, geram o movimento. Se aceitarmos esta proposição, então, a criação ocorre todo o tempo, em “flashes” imperceptíveis, e o nirvana é a cessação deste movimento! Creio que esta é uma questão bem complicada e abrangente, da qual tenho que me eximir; dar uma resposta implicaria em favorecer uma escola em detrimento das outras, o que não acho correto. A literatura budista é vastíssima, e, por esta razão, estudar o budismo é, antes de tudo, adotar interpretação de uma linhagem de mestres. Por outro lado, o objetivo final destas buscas - o nirvana - significa exatamente a compreensão destas coisas. O que os budistas querem dizer com isso é que “não importa neste momento como tudo surgiu, mas sim, a iluminação. Depois disso, você compreenderá tudo”. Por esta razão o nome “Buda”, iluminado: todos podem ser, inclusive, budas.

⁵ Octavio Paz (1914-1998) foi um escritor e diplomata mexicano. Recebeu o Nobel de Literatura de 1990. (Nota da IHU On-Line)

⁶ São Francisco de Assis (1181-1226): frade católico, fundador da “Ordem dos Frades Menores”, mais conhecidos como Franciscanos. Foi canonizado em 1228 pela Igreja Católica. Por seu apreço à natureza, é mundialmente conhecido como o santo patrono dos animais e do meio ambiente. Sobre Francisco de Assis confira a edição 238 da IHU On-Line, de 01-10-2007, intitulada *Francisco. O santo*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1191270143.68pdf>. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Que análise o senhor faz da concepção de Justa Medida existente na obra dos pensadores Confúcio e Aristóteles? É possível classificá-los como um conceito comum na perspectiva da filosofia intercultural, tema de sua tese de doutorado?

André Bueno - A filosofia intercultural é uma proposta de metodologia para o diálogo das civilizações por meio de suas práticas culturais - nas quais podemos destacar aquilo que chamamos de “filosofia” e, ocasionalmente, o que chamamos de “religião”. Seu ponto de partida é: se os “conceitos” existem, então, eles são acessíveis a todos os seres humanos. A coisa funciona, por analogia, como uma espécie de lei da natureza; os conceitos, para existirem, dependem do ser humano; se o mesmo ser humano os concebe, então o surgimento de um conceito, dentro de uma sociedade, depende de uma série de condições culturais e sociais, mas ele não é privilégio de uma única civilização. Por esta razão, por exemplo, é que vemos tanto os chineses quanto os europeus discutindo se a natureza humana é boa ou má; só que os chineses fizeram isso quase 20 séculos antes dos ocidentais. Por outro lado, a Europa absorveu algumas das melhores invenções chinesas (como a pólvora e a imprensa) e as desenvolveu num nível que superou em muito os seus criadores ao longo do século XIX e XX. Hoje, os asiáticos estão fascinados por algumas conquistas da filosofia “ocidental”, e a têm estudado com interesse sincero. Isso tudo significa que o pensamento não é privilégio de uma cultura, mas sim do ser humano. As questões fundamentais para uma sociedade são o que determinam, em geral, a construção das respostas que elas buscam, mas não impossibilitam, de modo algum, que outras sociedades já as tenham resolvido de forma diferente, ou mesmo, que nem as tenham concebido. Assim sendo, a Filosofia intercultural busca identificar se determinados conceitos se manifestaram, a princípio, em duas sociedades diferentes; se sim, como isso ocorreu; o que resultou de sua aplicação; e, por fim, se ele é válido como um ponto de diálogo entre estas duas culturas.

“Acredito que uma ética mais humana, de fato, resulta das fusões culturais naturais, guiadas por uma consciência histórica e social”

Foi por esta razão que fiquei fascinado quando percebi esta possível intercessão entre Aristóteles e Confúcio, por meio do conceito de justa-medida - a meson grega, ou o zhong yong chinês. Até mesmo a terminologia e os modelos de exemplo eram mais que similares, chegavam a ser idênticos: ambos propõem, por exemplo, que a busca da harmonia central é como o exercício do arco e flecha. Um leitor desatento se deixa levar pela tentação das teorias fantásticas e exotéricas; um antropólogo antiquado invocaria alguma sabedoria ancestral, que surgiu num lugar incerto e se difundiu pelo mundo; mas a questão intrigante é que não há absolutamente nenhuma chance de Aristóteles e Confúcio terem dialogado, ou mesmo lido alguma coisa um sobre o outro. Esta impossibilidade comprova que a tese central da filosofia intercultural está correta: é possível conceber o mesmo conceito em sociedades diferentes, traçar sua origem e entender sua funcionalidade. No entanto, creio que o mais interessante da concepção da justa-medida aristotélico-confucionista é a abertura que ela dá para a criação de uma ética moderna e universal isenta de paradigmas religiosos. Embora ambos fossem, em princípio, “consequencialistas”, suas propostas mostram a possibilidade de serem aplicadas em sociedades diferentes, de modo global, resgatando a necessidade da sabedoria como um guia na contemporaneidade.

IHU On-Line - Como as filosofias oriental e ocidental podem se fundir sem perder suas características e identidades? Nesse sentido, de que

maneira ambas podem oferecer sabedoria ao homem?

André Bueno - Tomara que percamos nossas identidades! (risos). Qualquer fusão implica na perda de parte da sua identidade original, no ganho de algo e na criação de uma nova. Não devemos temer tais fusões, na verdade, devemos estimulá-las. Por que manter identidades antigas e desgastadas, se elas já não nos servem mais? Mesmo no caso chinês, onde algumas coisas funcionam há séculos, existiram outros aspectos de sua cultura que se foram com o tempo, porque a mudança é inevitável. Podemos apenas escolher se ela será feita de modo paulatino ou se ela ocorrerá de modo violento depois das postergações irresponsáveis. Eu acho maravilhosa a experiência que está sendo feita aqui, no Brasil, agora: temos uma grande leva de descendentes europeus, capitalizados em linhas gerais pela cultura portuguesa - no entanto, quase metade da população trouxe as contribuições da África para a nossa cultura, e devemos contar ainda com a presença indígena, tão massacrada, mas tão vital para a conquista da terra. Isso significa que, em breve, graças à lei que determina o ensino de história africana, um descendente de alemães ou poloneses aprenderá a importância da cultura de Angola, e a receberá como parte de SUA cultura (a brasileira); que descendentes afros poderão afirmar que o macarrão é tão seu quanto dos italianos; e que todos nós tomamos um chá que nos foi ensinado pelos índios. Essa sim é a construção de uma nova riqueza cultural, de uma fusão fantástica com possibilidades inimagináveis, se a levarmos para o campo do pensamento. Por esta razão que sempre insisto; devemos voltar nossos olhares também para a Ásia, pois ela já faz parte de nossa vida cotidiana por meio de milhares de produtos e tecnologias que utilizamos. Falta-nos, pois, compreender como eles pensam, e disso tirar lições que nos sejam proveitosas.

IHU On-Line - O teólogo alemão Hans Küng propõe a paz mundial através de uma ética planetária e diz que as religiões podem contribuir nesse

sentido. O senhor concorda com essa proposta?

André Bueno - Creio que o problema para construir qualquer ética mundial é que, se elas partem de um pressuposto religioso, então haverá inevitáveis limites no diálogo, resultantes das questões dogmáticas ligadas à crença. Acredito que podemos estimular a tolerância, mas uma verdadeira ética - humana, por assim dizer - deve partir dele próprio. Sócrates já havia concluído isso na Grécia Antiga, tal como Confúcio na China: tanto a filosofia quanto as crenças nasceram do ser humano, pelo ser humano e para o ser humano. Então, o que seria uma ética mundial? Teríamos que aceitar, por exemplo, a castração do clitóris, realizada em alguns lugares do mundo, por motivos religiosos e morais? Eu poderia entrar em uma sala, dizendo estar incorporado por um espírito, para dar aulas? Vejam, temos paradigmas diferentes para definir o que é apropriado ou não, e no geral, as propostas de criação de uma moral comum acabam resultando de imposições culturais. Por esta razão, acredito que uma ética mais humana, de fato, resulta das fusões culturais naturais, guiadas por uma consciência histórica e social.

Como disse antes, o caso da educação brasileira é maravilhoso neste sentido: aqui estamos testando realmente uma fórmula de integração cultural, resgatando saberes de segmentos minoritários ou desfavorecidos, e nos dispondo a quebrar preconceitos e tocar em pontos de atrito fundamentais para nossa construção. Mais do que nunca, pois, a educação - e neste caso, ela necessariamente deve ser laica - pode dar conta disso. A formação religiosa deve ser uma opção particular, e a disciplina de Ensino Religioso deveria ser uma "História das Religiões", transcultural, multirreligiosa, informativa e esclarecedora, mas nunca confessional.

IHU On-Line - É possível falar em sociedade pós-metafísica, pós-religiosa? Alguns estudiosos dizem que a pós-metafísica tem um sentido diferente para as religiões orientais e para as ocidentais, já que, em al-

gumas concepções, no oriente, pós-metafísica significa aproximação de Deus com os humanos, e, no ocidente, tal conceito é entendido como afastamento de Deus ou da religião com o humano. Qual sua percepção?

André Bueno - Bem, acho que seria interessante aqui dar o ponto de vista geral dos chineses sobre a questão, que é: metafísica? O que é isso? (riso). Com exceção dos budistas - cuja discussão metafísica é extensa e multifacetada - e dos daoístas - que vivem num mundo de crenças, mas não de análises - o ponto de vista chinês majoritário é dominado pela perspectiva confucionista, que defende a imanência, e não a possibilidade de transcendência. Isso significa que qualquer realização possível se dá aqui, neste mundo, e que existimos - simplesmente isso. O pensamento chinês, inclusive, nunca deu valor ao verbo "ser" - ele é um mero verbo auxiliar - e centrou o seu discurso na condição do "estar". "Estamos" e devemos fazer proveito disso; o sentido de aproximação com o divino não é, portanto, um processo automático, mas a aceitação de um discurso. Visto assim, os chineses, em particular, nunca tiveram um interesse definido no que poderíamos classificar como "metafísico", e colocaram a metafísica em um plano de diálogo opcional - algo do tipo "acredite no que você quiser, se isto lhe convence" - centrando a discussão sobre a existência nas áreas da política, história e ética. O resultado disso é que a China é uma civilização em que coexistem milhares de crenças, e, ao mesmo tempo, há um sentido de ação prática que aparentemente é contraditório com essa riqueza religiosa.

Então, seria possível uma sociedade "pós-religiosa"? E o que viria ser isso? Simon Leys, um sinólogo renomado, disse uma vez que na China Comunista (mas creio que isso pode ser estendido a outros países) tentaram trocar Deus por Mao. A ironia cômica é que hoje Mao está se transformando numa espécie de deus justiceiro para povo, - e Zhu Enlai, o grande diplomata, está se convertendo num espírito abridor de caminhos, um "caboclo chinês". (sorriso). Como dizer, então, que houve a

superação da religiosidade?

Meu ponto de vista particular - que concorda com o confucionismo, de certo modo - é que estamos apenas emergindo de um momento histórico em que as religiões haviam sido encobertas por outras discussões, que foi o caso da disputa entre comunismo e capitalismo pelo mundo. Com o fim do comunismo, estamos redefinindo os papéis sociais por outros referenciais, e um deles é justamente a religião. Dito isso, o que observaremos num futuro próximo é o debate de discursos religiosos, permeados pelas necessidades pragmáticas da globalização e da integração mundial, quer tendendo a tolerância e a fusão quer se fechando em movimentos fundamentalistas fadados a recusar o futuro em suas visões obscurantistas.

IHU On-Line - Deseja acrescentar mais alguma coisa?

André Bueno - Que fique bem claro, o estudo da Ásia não implica numa transformação estereotipada do indivíduo, como alguns acreditam. Estudar a China, por exemplo, não exige que alguém faça Kung-fu, abandone o arroz com feijão no almoço ou use roupas tradicionais. Este carnaval de aparências é o pior de toda a busca intelectual séria que devemos fazer acerca das outras culturas. Um verdadeiro humanista não pode ignorar que, até hoje, grande parte das nossas teorias em filosofia, ciências humanas e sociais foram construídas sem levar em conta, praticamente, os outros dois terços do mundo. O desafio mais instigante é, justamente, o do desconhecido, que se constitui o campo aberto para as verdadeiras novidades intelectuais - e, neste caso, a Ásia continua tão incompreensível quanto o era na época das navegações. Traduções, textos de viajantes, manuais de história e filosofia já existem a nossa disposição para que possamos dissolver um pouco do nosso preconceito e ignorância sobre estes temas. Mas precisamos, de fato, incorporar a Ásia como uma necessidade intelectual, educativa e cultural em nossas vidas, e não como um apêndice excêntrico de conhecimento.

Candomblé. A unidade entre dois níveis de existência

No Candomblé, a existência subsiste a duas maneiras: Aiyê, palpável e finita, e Orum, não palpável e infinita, menciona Volney José Berkenbrock

POR PATRICIA FACHIN

“**N**a concepção do Candomblé, praticamente todas as atividades religiosas têm por finalidade última justamente a busca da harmonia, da unidade entre os dois níveis da existência. Dentro deste contexto, é que ocorre a experiência religiosa central do Candomblé: o momento do transe”, assinala Volney José Berkenbrock, professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, na Universidade Federal de Juiz de Fora. Na lógica religiosa do Candomblé, tudo está incluído, mesmo as outras religiões. A partir dessa concepção, todos fazem parte do mundo e interagem “para que aconteça a harmonização entre Orum e Aiyê”, explica. Esta mentalidade inclusiva, menciona, pode ser um bom facilitador para o diálogo inter-religioso.

Na entrevista que segue, concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**, Berkenbrock menciona alguns aspectos históricos das religiões afro-brasileiras e como elas se organizaram no Brasil após chegarem “de carona com a escravidão”. Entre as práticas realizadas, o pesquisador destaca que essa é uma religião “‘contada’ adiante”, repleta de mitos, além de ser inclusiva e dialogal.

Berkenbrock é doutor em Teologia pela Faculdade de Teologia Católica da Universidade Federal de Bonn, na Alemanha, com a tese *Die Erfahrung der Orixas*. É autor de *A experiência dos Orixás* (Petrópolis: Vozes, 1998). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as especificidades das religiões afro-brasileiras?

Volney José Berkenbrock - Cada religião tem sua forma de organização, sua crença, sua história particular etc. De certa maneira, tudo isso forma a especificidade de cada religião, independentemente de muitos elementos refletirem estruturas e modos de pensar semelhantes. Assim, as religiões afro-brasileiras têm muitas propriedades que lhes são características, mas que ao mesmo tempo se assemelham a de outras religiões. Aponto aqui algumas especificidades, longe, porém, de querer dizer que sejam estas as únicas especificidades, bem como se afastando também da ideia de que estes elementos apontados sejam tão somente destas religiões.

a) Religiões reconstruídas no exílio. A expansão de uma religião dá-se comumente por migração ou por atividade missionária. Muitas das religiões que temos no Brasil, aqui chegaram porque fiéis destas religiões

para cá migraram. Outras - certamente a maioria - se expandiram em terras brasileiras por atividades missionárias. Com as religiões afro-brasileiras foi diferente. Elas vieram ao Brasil de carona com a escravidão. Não vieram, portanto, de forma livre nem organizada. Vieram dilaceradas - sob muitos pontos de vista - como dilaceradas eram as vidas dos escravos. Neste exílio sem liberdade, onde a maioria dos escravos não sobrevivia muitos anos, havia poucas possibilidades tanto de exercício da religião, quanto de transmiti-la adiante. Ao final do período de escravidão começou a acontecer uma “reconstrução” religiosa a partir de tradições religiosas africanas. E esta reconstrução se deu de forma diferente nos diversos lugares, juntando elementos “sobreviventes da grande tribulação”.

b) Religiões não-missionárias. Por sua origem, estas religiões eram religiões étnicas, ligadas a grupos de famílias ou clãs. Não havia nelas a ideia de expandir a religião através

de pregação ou de busca de conversão de outras pessoas. Esta característica não-missionária dos grupos de origem marcou também as religiões afro-brasileiras. Não há atividades “missionárias” no sentido de entender que é próprio da religião buscar aumentar o número de adeptos.

c) Religiões iniciáticas. Muitas pessoas frequentam casas de religiões afro-brasileiras apenas de forma esporádica. Vão até lá em busca de algum conselho, de alguma receita para a vida ou para doença, de alguma ajuda espiritual. Este contingente muito grande de pessoas não pode, porém, ser contado como membros da religião. O ser membro pleno de uma religião afro-brasileira acontece à medida que o fiel passa pelos ritos de iniciação. Trata-se, pois, de religiões iniciáticas, em que os membros vão participando cada vez mais ativamente e assumindo funções e tarefas conforme vão avançando em sua iniciação. Algumas delas, como o Candomblé, por exemplo, têm um tempo

muito longo de iniciação. Diz-se que o ciclo iniciativo completo dura 21 anos. O período básico de iniciação se encerra com a obrigação (os rituais) de sete anos.

d) Religiões de comunidade. A entrada nestas religiões se dá, como dito acima, por processo iniciativo. Este é feito sempre em uma comunidade específica. Assim sendo, os fiéis são membros sempre de uma comunidade específica e não “genericamente” membros da religião. Por exemplo, um fiel da Umbanda é fiel da Umbanda em sua casa de iniciação. Em outra casa de Umbanda ele é apenas visitante. Não há assim a ideia de pertença à religião de uma forma genérica, como é o caso da maioria das igrejas cristãs, mas sempre de pertença a uma comunidade específica, onde se fez a iniciação.

e) Religiões de tradição oral e não religiões do livro. As religiões afro-brasileiras não têm nenhum escrito sagrado ou texto que tenha alguma importância ou autoridade maior do ponto de vista religioso. Toda a transmissão de conhecimentos e a garantia de autenticidade se dá pela oralidade. A religião é “contada” adiante. Para isto, desempenha um papel muito importante nos mitos. Neles está contida boa parte do conteúdo religioso apreendido pelos fiéis. Assim, aprender e experienciar (viver) os mitos é parte do processo iniciatório.

f) Religiões de experiência e não de palavra. Na maioria dos rituais religiosos das religiões afro-brasileiras, o uso da palavra explicativa ou exortativa não tem nenhum espaço. Não há pregação, não há leitura, não há explicação. Os rituais são cantados e dançados. Para um visitante não familiarizado, os primeiros contatos com rituais afro-brasileiros não dizem absolutamente nada. É necessário um bom tempo até que esta lógica experiencial e não racionalizada pela palavra explícita faça algum sentido e comece a compor um quadro.

g) Religiões sincréticas, inclusivas e dialogais. A formação das religiões afro-brasileiras se deu a partir de “sobrevivências religiosas”. Estas religiões não foram organizadas no Brasil, repetindo sua organização de origem.

Elas são, em muitos aspectos, composições novas, novos arranjos com partes de melodias. Assim há nelas uma composição de elementos chamada, muitas vezes, de sincretismo. Mas este sincretismo não pode ser entendido como “mistura ilícita”, mas sim como uma “nova melodia”. E na composição desta nova melodia, muitos são os elementos “incluídos”. Assim, pode-se dizer que, em boa parte, as religiões afro-brasileiras são religiões inclusivas, isto é, com capacidade de incluir e integrar na mesma melodia, elementos diversos. Este é, aliás, um mecanismo de resistência muito interessante, principalmente da Umbanda. Sua forma de resistência se dá não pela rejeição de elementos de outras religiões, mas sim pela inclusão. Esta realidade faz com que, a meu modo

**“O número de Orixás,
cujos cultos
sobreviveram no Brasil,
não passam de 30,
sendo, porém, cada qual
composto por uma série
de características”**

de ver, estas religiões sejam profundamente dialogais. Não no sentido de que sejam fóruns de diálogo, mas no sentido de serem lugares onde o diálogo já se operou e continua operando. A meu modo de ver, o sincretismo deve ser visto como um processo muito interessante e positivo de diálogo.

IHU On-Line - Como o senhor descreve a experiência religiosa no Candomblé?

Volney José Berkenbrock - Para se falar em experiência religiosa no Candomblé, é preciso ter um pouco presente a concepção cosmológica do Candomblé. Para esta religião, a existência subsiste a duas maneiras: à maneira palpável e finita (chamada

de Aiyê) e à maneira não palpável e infinita (chamada de Orum). Toda a existência é, pois, Orum ou Aiyê (ou em parte as duas coisas). Assim, por exemplo, os seres humanos, com toda a sua corporeidade, pertencem ao nível do Aiyê. (A inteligência do ser humano, porém pertence ao Orum, bem como a filiação de cada ser humano de um Orixá). Dizem os mitos criacionais que, no início, estas duas maneiras eram unidas, podendo haver livre trânsito entre elas. A quebra de um tabu fez com que houvesse a divisão, de forma a separar Orum e Aiyê. A existência, porém, é a soma dos dois. Assim, a boa existência, a harmonia, a felicidade, a saúde, enfim, a realização consistem sempre no equilíbrio entre Orum e Aiyê. Na concepção do Candomblé, praticamente todas as atividades religiosas têm por finalidade última justamente a busca da harmonia, da unidade entre os dois níveis da existência. Dentro deste contexto é que ocorre a experiência religiosa central do Candomblé: o momento do transe. Nele, assim entende esta religião, acontece por um instante, uma unidade entre Orum e Aiyê. Por conseguinte, a experiência do transe é entendida como a experiência da unicidade dos mundos, da harmonia buscada, da recomposição da unidade primordial perdida. No transe, a verdade se torna realidade, ou vice-versa. Por isso, no Candomblé, o transe é sempre um momento solene, festivo, alegre, de dança.

IHU On-Line - Quais são as divindades do Candomblé e suas características?

Volney José Berkenbrock - Falar em divindades do Candomblé é algo muito complexo, pois a palavra divindade não é unívoca. Talvez fique mais simples falar que no Candomblé há a ideia de um ser primordial, que tudo possibilita, a partir do qual tudo existe. Este ser é chamado por diversos nomes, dependendo do dialeto de origem. Os nomes mais comuns são Olorum (literalmente “o senhor do não palpável”) ou Olodumaré (literalmente “o senhor do eterno destino”). Toda a existência é um desdobrar-se de Olorum, pois nele estão presen-

tes todas as possibilidades, como que “dobradas”. Cada existência individual é como que um desdobramento de uma possibilidade que sempre existiu. Por isso, nada há que nunca tenha existido e nada haverá que não existe. Olorum não é entendido como um Deus pessoal, isto é, um Deus relacional. Ele é o possibilitador primordial. A existência individual concreta é regida por forças. Estas forças são personificadas, têm mitos próprios e são chamadas genericamente de Orixás (literalmente “regentes da inteligência”). Assim, por exemplo, a força que faz uma árvore crescer é personificada no Orixá Ossaim, a força que faz um rio fluir é personificada no Orixá Oxum. Todas as forças naturais que regem o universo são personificadas e chamadas de Orixás. Também as forças no sentido de virtudes, de modo que a força da justiça é chamada de Xangô, a força pacificadora é chamada de Oxalá, a força do amor materno é chamada de Iemanjá. Da mesma forma, se entende que cada pessoa é filho/filha de uma força, ou seja, filho/filha de um Orixá. E isto, independentemente de a pessoa ser fiel do Candomblé ou não. Entende-se que pertence à natureza de cada pessoa esta filiação. Havia na origem da religião do Candomblé (no povo Iorubá, na África) uma infinidade de Orixás. O processo de formação da religião no Brasil, principalmente devido à escravidão, fez com que o número de Orixás cultuados fosse muito menor e que cada Orixá tenha assumido características diversas. O número de Orixás, cujos cultos sobreviveram no Brasil, não passam de 30, sendo, porém, cada qual composto por uma série de características. Assim a Orixá (feminina) Oxum, por exemplo, é a Orixá das águas doces correntes (dos rios), mas é ao mesmo tempo a Orixá da estética, da beleza, da feminilidade e igualmente é a Orixá do conhecimento, da sensibilidade, do processo divinatório etc. Podemos dar outro exemplo no Orixá Oxalá, que é o Orixá criador, o iniciador, mas ao mesmo tempo o Orixá tanto da força pacificadora como da liderança.

IHU On-Line - Como esses Orixás in-
24

terferem na vida dos praticantes da religião e qual sua importância para eles?

Volney José Berkenbrock - Como já afirmado anteriormente, cada pessoa é filho/filha de um determinado Orixá. Com isto, a busca da harmonia entre Orum e Aiyê se traduz concretamente no dia-a-dia, na busca pela harmonia com o Orixá pessoal. Cada Orixá tem suas características próprias no que tange a todos os aspectos da vida: de cores, de comidas, de profissão, de comportamento, de personalidade, de relacionamentos. Assim, a harmonia na vida, na compreensão do Candomblé, é exatamente a harmonia com o Orixá pessoal. O Orixá, portanto, influencia todos os aspectos da vida do fiel. E a busca da harmonia com o Orixá é - no fundo - a busca por si mesmo, por melhor

**“Ao meu modo de ver,
o sincretismo deve ser
visto como um
processo muito
interessante e positivo
de diálogo”**

viver suas aptidões e características. A infelicidade, a doença, o erro não são vistos no Candomblé como “pecado”, mas sim como desarmonia. Por isso, quando algo errado acontece na vida de alguém, são necessários rituais que novamente harmonizem o fiel com o seu Orixá. A harmonia entre o fiel e seu Orixá é o que acontece no microcosmos do dia-a-dia, da busca pessoal por conhecer o Orixá pessoal e com ele integrar-se cada vez mais. Na linguagem de macrocosmos, isto é chamado justamente de harmonia ou equilíbrio entre Orum e Aiyê, do qual depende a boa existência do todo.

IHU On-Line - E o que significa axé?

Volney José Berkenbrock - Axé é o nome que se dá à energia do equilí-

brio entre Orum e Aiyê, entre o fiel e seu Orixá. Para que não haja desarmonia na existência (como um todo ou existência individual), é preciso uma constante troca de energia. Na linguagem do Candomblé, isto é chamado de “liberação de Axé”. Assim todos os rituais religiosos, feitos em grupo ou individualmente, “liberam Axé”, isto é, contribuem para a harmonização do sistema. Axé é, assim, a força que tudo transpassa, que tudo penetra no sentido de provocar (ou devolver) harmonia. Sendo um conceito altamente positivo, a palavra Axé é usada inclusive como saudação, como desejo de “tudo de bom”. É comum, pois, que pessoas do Candomblé possam se saudar com um “Axé”, dizendo indiretamente: “desejo-lhe harmonia”.

IHU On-Line - Como o Candomblé dialoga com outras religiões, em especial com o Cristianismo, considerando o histórico da relação entre ambas tradições religiosas?

Volney José Berkenbrock - Para se pensar em diálogo entre Candomblé e Cristianismo, não se pode deixar de ter em mente que a história do encontro entre estas duas religiões é marcada por perseguições e falta de diálogo por parte do Cristianismo em relação ao Candomblé. E nesta história, o Cristianismo era a religião dominante, enquanto o Candomblé era a religião dos dominados. Mesmo tendo em mente esta história desfavorável ao diálogo, pode-se afirmar que aconteceram também de parte a parte situações de encontros positivos, sobretudo pelo fato da dupla pertença: muitas pessoas frequentavam (e frequentam) tanto o Candomblé quanto o Cristianismo (sobretudo o Catolicismo). Esta dupla pertença ofereceu espaços de convivência, de compreensão, de diálogo. Uma posição favorável ao diálogo inter-religioso, por parte das igrejas cristãs, é algo relativamente recente - e rejeitado ainda por muitas igrejas. Por parte do Candomblé, ocorreu neste particular muito mais uma reação à busca de diálogo por parte de igrejas cristãs do que propriamente uma mudança de posição no que diz

respeito a isto. Assim, membros do Candomblé participaram de muitos congressos, encontros, fóruns de diálogo inter-religioso. Por outro lado, gostaria de chamar a atenção para o fato de o Candomblé não ser uma religião de academia, e os círculos “eruditos” de diálogo são geralmente um espaço que poucas pessoas do Candomblé acessam. Há, entretanto, toda uma prática de diálogo que ocorre muito mais na base da mútua bem-querença, do mútuo respeito e carinho, do reconhecer-se mutuamente do ponto de vista religioso. Assim, por exemplo, eu - que sou cristão - recebo muitas vezes convites para participar de festas em casas-de-santo do Candomblé. São por vezes festas religiosas, são por vezes festas ‘profanas’ (como aniversários, por exemplo). Faço-me presente quando posso e em muitas destas festas religiosas recebo um lugar de honra para sentar. Ali não se está preocupado primeiramente com diálogo inter-religioso, mas entendendo e sinto estes momentos como momentos privilegiados de conversa. Assim, diria, o diálogo inter-religioso acontece muito mais como um diálogo de gestos, no qual não há a pressão para se chegar a uma conclusão, a um objetivo. Este diálogo é sempre construção: de proximidade, de respeito, de entendimento, de humanidade.

IHU On-Line - Mas o Candomblé oferece alguma proposta para que o diálogo inter-religioso seja possível?

Volney José Berkenbrock - Como assinalado acima, o diálogo inter-religioso com as religiões afro-brasileiras dá-se mais como um diálogo de gestos, de convites, de acolhimento. Neste sentido, não se pode dizer que há uma proposta do Candomblé para o diálogo inter-religioso (pelo menos não que eu a conheça). O que há são práticas, que vão se solidificando com o tempo, construindo mundos dialogais. Por parte do Candomblé, este diálogo tem um facilitador “teológico” muito grande, pois o Candomblé tem uma compreensão inclusiva da existência. Nada há que

esteja “fora” de sua lógica. Assim, todas as práticas religiosas de outras religiões são entendidas também como “liberadoras de axé”. Nesta lógica, não há no Candomblé a ideia de que as outras religiões estejam “fora”, sejam expressão, um outro universo. Elas são parte do mesmo mundo e interagem - na compreensão do Candomblé - para que aconteça a harmonização entre Orum e Aiyê. Certa vez, num seminário sobre diálogo inter-religioso, onde o tema era “as religiões e a paz”, um dos participantes disse que se sentia um pouco excluído, pois era ateu, e como tal não estava incluído no diálogo inter-religioso. Uma Yalorixá (mulher líder de uma casa de Can-

**“É possível também,
historicamente,
construir outra posição:
a contribuição para que
haja mais paz mundial
a partir da força que
representam as
religiões”**

domblé) presente respondeu mais ou menos assim: “Filho, não tem como estar fora. Mesmo que você pense que está fora, você está dentro e assim incluído”. Ela não falava isto para “dar uma lição”, mas a partir de uma profunda convicção de que, na lógica religiosa do Candomblé, tudo está incluído (mesmo que não se sinta incluído ou não se queira incluído). Esta mentalidade inclusiva diante de toda realidade - e com isso também diante de outras religiões - creio, é uma boa facilitadora para o diálogo.

IHU On-Line - Qual é a sua opinião sobre o ecumenismo para a constru-

ção da paz mundial?

Volney José Berkenbrock - Creio que, na proposta de fé e de vida de todas as religiões, esteja o desejo de paz. Historicamente, porém, foi o desejo de confronto, o desejo de submeter o outro, de dominar é que deu o tom. Como esta situação foi historicamente construída, penso que é possível, também, historicamente, construir outra posição: a contribuição para que haja mais paz mundial a partir da força que representam as religiões. Assim, o caminho do ecumenismo e do diálogo inter-religioso como elementos constitutivos de uma nova ordem, uma ordem de paz mundial, precisa historicamente ser construído, passo a passo, gesto a gesto. E para que ele comece a acontecer, entendo que há uma decisão forte a ser tomada, a decisão da vontade. Não são as doutrinas religiosas que constroem ou destroem a paz. Quem constrói ou destrói a paz é a vontade. Trabalhar para que o ecumenismo e o diálogo inter-religioso sejam portadores de paz, ao meu modo de ver, não é tanto um trabalho no sentido de conseguir “consensos doutrinários”, mas conjugação de vontades.

IHU On-Line - Como fazer uma aproximação de fato entre as diversas religiões, respeitando características próprias de cada uma, e pensar em posições universais?

Volney José Berkenbrock - Estou convencido de que a pluralidade é mais afeita ao modo de compreensão que tenho de Deus do que a unidade. Assim, conseguir viver num mundo onde a pluralidade - inclusive religiosa - seja não apenas aceita, mas sentida - inclusive do ponto de vista de fé - como positiva, isto seria já um grande passo. E talvez por aí deva passar a ideia de posições universais e não tanto pela ideia de posições únicas do ponto de vista de algum conteúdo. Temo que a busca de posições universais possa levar a chegarmos a elas, mas não mais com a força de cada religião. Seriam, pois, posições “reconhecidas” por todos, mas não “sentidas” e talvez nem vividas.

Religiões orientais e a reflexão da renovação constante da existência

Frank Usarski analisa as peculiaridades e contestações existentes entre budismo, hinduísmo e a relação de ambos com os monoteísmos

POR PATRICIA FACHIN

Na opinião do professor Frank Usarski, em época de globalização, “a questão da origem das religiões e, com isso, a dicotomização entre ‘religiões ocidentais’ e ‘religiões orientais’ é cada vez menos relevante”. Na entrevista que segue, concedida à **IHU On-Line**, por e-mail, o pesquisador aborda as diferenças e semelhanças entre os monoteísmos e as religiões orientais. Entre elas, cita o grau do potencial salvífico ao ser humano. Ele explica: “O contraste maior nesse sentido existe entre o protestantismo e sua ênfase na graça divina como elemento soteriológico central, por um lado; e o Budismo Teravada parte do pressuposto que o alcance de nirvana cabe a cada seguidor do caminho óctuplo ensinado por Buda, cujo nirvana era resultado dos seus autônomos esforços espirituais”.

Usarski é docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. Kursou o pós-doutorado em Ciências da Religião na Universidade de Hannover, na Alemanha. Atualmente leciona temas relacionados às Religiões Orientais e também é líder do grupo de pesquisa Centro de Estudos de Religiões Alternativas de Origem Oriental no Brasil - Ceral. De suas obras, citamos *Constituintes da Ciência da Religião. Cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma* (São Paulo: Paulinas, 2006). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a especificidade das religiões orientais? O que as diferenciam de outras religiões como as monoteístas, por exemplo? Existe também alguma semelhança?

Frank Usarski - Em primeiro lugar, temos que lembrar que todas as chamadas “grandes religiões”, inclusive a religião “ocidental” par excellence, o Cristianismo, surgiram no Oriente. Ao mesmo tempo, sabemos que, na época da globalização e devido a processos de difusão intensificada das religiões para qualquer parte do mundo, a questão da origem das religiões e, com isso, a dicotomização entre “religiões ocidentais” e “religiões orientais” é cada vez menos relevante. Mas isso não significa que de princípio sua pergunta não implica categorias heurísticamente funcionais, ou seja, na sua pergunta, repercute uma classificação que tem uma boa tradição nos estudos da religião, como a seguinte citação do ensaio *A Psicologia Social*

das Religiões Mundiais de Max Weber demonstra. Conforme o famoso autor, no mundo religioso, “encontra-se a diferenciação entre o conceito de um Senhor da Criação supramundano, pessoal, irado, misericordioso, amante, exigente, punitivo. Ele contrasta com o ser supremo [...] impessoal.” Segundo Weber, o primeiro conceito encontra-se nas “religiões iraniana e do Oriente Médio”, dos quais derivaram as religiões ocidentais. O conceito oposto “dominou a religiosidade indiana e chinesa”. Nesse parágrafo, Weber associa as religiões atualmente chamadas “ocidentais” com a religiosidade monoteísta, enquanto delimita as religiões orientais e as tradições do Sudeste e do extremo leste da Ásia, evitando confusões potenciais da categoria “oriental” devido à localização da Palestina e da Península Arábica, duas regiões de alta importância para a história das religiões. Visto nessa perspectiva, podemos identificar três

tendências principais que distinguem as “religiões ocidentais” das “orientais”. O primeiro aspecto já consta na citação de Max Weber: diferente das religiões monoteístas, Budismo, Taoísmo e - abstraindo de determinadas correntes hindus como o bhakti - Hinduísmo caracterizam-se por um conceito impessoal da “última realidade”, simbolizado por expressões como sūnyatā, tao ou brahman. O segundo aspecto refere-se ao conceito do tempo. As religiões monoteístas partem da hipótese de um tempo linear tanto no nível cosmológico quanto no nível individual. O mundo foi criado do nada, desenvolve-se e vai chegar a seu fim. Analogicamente, nossa existência atual, marcada pelo nascimento e pela morte, é a única vida no sentido mundano que nos é dada. Trata-se de ideias em tensão com o pensamento cíclico típico para o Hinduísmo e Budismo, mas que encontram-se também no Taoísmo na medida em que

a renovação constante da existência “macro” é tema das reflexões. A terceira diferença consta no grau do potencial salvífico ao ser humano. O contraste maior nesse sentido existe entre o protestantismo e sua ênfase na graça divina como elemento soteriológico central, por um lado; e o Budismo Teravada parte do pressuposto que o alcance de nirvana cabe a cada seguidor do caminho óctuplo ensinado por Buda, cujo nirvana era resultado dos seus autônomos esforços espirituais. Além desses elementos opostos, há inúmeras semelhanças entre elas, alguns que relativizam consideravelmente a oposição entre as religiões ocidentais e orientais. Por exemplo, algumas correntes dentro do Budismo Mahayana, predominante no Extremo Oriente, destacam uma concepção de graça compatível com o pensamento cristão. Ao mesmo tempo encontram-se articulações de místicos cristãos que se aproximam da imagem impessoal da última realidade, portanto de uma tendência frequentemente encontrada em tradições orientais.

IHU On-Line - Como o senhor descreve o Budismo? Que aspectos o caracterizam e o diferenciam de outras religiões orientais?

Frank Usarski - A pergunta é extremamente complexa e uma resposta detalhada transbordaria os limites formais dessa entrevista. Sob essas condições, tenho que me contentar com um resumo insatisfatório para um leitor que possui pelo menos um conhecimento razoável sobre o budismo. De acordo com várias fontes, Siddharta Gautama viveu entre 560 a.C. e 480 a.C. Nos séculos posteriores, o Budismo espalhou-se pela Ásia, assumindo traços próprios em reação a padrões culturais estabelecidos nas regiões anfitriãs. Apesar da sua atual diferenciação interna, todas as correntes partem de princípios básicos, entre eles os seguintes: Um elemento-chave é a identificação do Buda como mestre iluminado dedicado à divulgação de um conhecimento soteriológico completo que merece confiança profunda por parte dos seus seguidores. A alta relevância desses aspectos é indicada pela fórmula

clássica “Eu tomo refúgio no buda; Eu tomo refúgio no dharma; Eu tomo refúgio na sangha”, mediante a qual o adepto salienta seu compromisso com a memória do fundador e a aplicação dos seus ensinamentos (dharma) em um contexto sociológico distinto (sangha, isto é, a comunidade budista). Todas as correntes budistas aceitam a visão de que toda a existência é transitória e, portanto, impermanente. Isso vale também para a constituição do ser humano que é - como qualquer outro fenômeno - formado por fatores existenciais temporários sujeitos de um processo contínuo do devir. Esse insight repercute nas chamadas quatro nobres verdades, as quais sa-

**“O Budismo oferece
um instrumentário rico
em prol de um
autodesenvolvimento
nos níveis das sensações,
do pensamento e
das ações”**

lientam que 1) a vida é marcada pelo sofrimento; 2) o sofrimento tem suas raízes em conceitos falsos e atitudes erradas; 3) o sofrimento pode ser vencido sob a condição de que suas raízes sejam superadas e 4) que o método de superar a situação existencialmente precária consta no caminho óctuplo ensinado pelo Buda para alcançar o nirvāna, objetivo soteriológico do Budismo qualificado pela extinção das raízes do sofrimento e, portanto, pela ausência do mesmo.

Distinção entre Budismo e Hinduísmo

Muitos dos aspectos acima mencionados aparecem também no âmbito do Hinduísmo o que, às vezes, dificulta a identificação de diferenças entre as duas religiões. Menciono aqui apenas três pontos de distinção. Primeiro, o

Budismo nega explicitamente a ideia de um self no sentido de uma entidade imutável que caracteriza um indivíduo independentemente das formas nas quais ele renasce. A rejeição dessa ideia encontra-se, sobretudo, no conceito budista de “anatta”, termo técnico que se refere negativamente (prefixo “a”) ao conceito hindu do ātman (self). Segundo, no Budismo, há uma radicalização da ideia da transitoriedade, também bastante conhecida pelo Hinduísmo. Essa radicalização faz com que o Budismo - diferentemente do Hinduísmo, que localiza suas grandes divindades fora do samsāra (esfera da existência marcada pela mudança continua e do sofrimento), - não reconheça nenhum ser, inclusive seres “divinos”, que não seriam submetidos à lei da transitoriedade. Terceiro, há diferenças no que diz respeito à retórica referente ao objetivo soteriológico de cada religião. Ambas associam esse objetivo com a liberdade do sofrimento, mas o Hinduísmo define o objetivo como moksha, um status da consciência associada com valores positivos como “eternidade” e “beatitude”. O Budismo optou por uma abordagem “apofática”, caracterizando o nirvāna em termos “negativos”. Ou seja, em vez de simplesmente “definir” o nirvāna, o último é circunscrito como algo diferente de tudo que nós conhecemos.

IHU On-Line - Como o budismo pode nos ajudar a lidar com nossos desejos infindáveis e a encontrar um estado de equilíbrio?

Frank Usarski - Pelo que entendi a partir dos meus estudos, o Budismo oferece um instrumentário rico em prol de um autodesenvolvimento nos níveis das sensações, do pensamento e das ações. Este autodesenvolvimento baseia-se em práticas meditativas ou devocionais - dependente sobre qual subcorrente budista falamos. Ao mesmo tempo, diversos elementos do caminho óctuplo implicam exigências éticas profundas que devem nortear a prática e o comportamento cotidiano de um budista. Tudo isso contribui para o “equilíbrio” - para repetir a última palavra da sua pergunta.

IHU On-Line - Em relação ao Hinduísmo, o senhor pode nos explicar porque ele tende a seguir uma linha de ortopraxia ao invés da ortodoxia?

Frank Usarski - O termo Hinduísmo deriva de uma nomenclatura alheia que se refere ao povo vivendo nas margens do rio Sindhu. A antiga autodenominação dessa religião é sanātana dharma. Sanātana significa “eterno”. Dharma é uma expressão polissêmica. A denotação mais citada é “ordem”. Trata-se de uma ordem inerente da vida cuja onipresença pode ser identificada em vários níveis da existência. Portanto, sanātana dharma articula-se no sentido cósmico, social e individual, e todas essas “camadas” são intimamente inter-relacionadas. O sistema de castas, por exemplo, é expressão da ordem cósmica no nível social. O mesmo vale para a organização da biografia ideal de um hindu em quatro estágios. Uma vez que o universo representa um sistema macro no qual cada parte “comunica-se” com todas as outras, qualquer desrespeito do dharma por parte de um ser humano é capaz de perturbar a ordem e prejudicá-la - com consequências negativas para a própria vida humana. Por isso, não a fé correta, mas o comportamento correto é tão enfatizado pelo Hinduísmo.

IHU On-Line - Como percebe o Budismo em face do Hinduísmo e das três religiões monoteístas? Há espaço para troca de valores e negociações?

Frank Usarski - Mais uma pergunta cuja complexidade impede uma resposta satisfatória. Tentei elaborar exatamente essa problemática na minha tese de Livre Docência, o que já aponta para a complexidade da sua pergunta e da impossibilidade de responder a ela nesse contexto formalmente restrito. Portanto, tenho que me contentar novamente com algumas alusões que não satisfarão um leitor que já estudou o Budismo. Quanto à relação entre o Budismo e o Hinduísmo, apenas o seguinte: embora o Buda tenha incorporado uma série de elementos constitutivos do Hinduísmo, ele se colocou criticamente em relação à tradição dos Vedas, à fixação de um saber revelado e à justificativa su-

prema do sistema de castas. Também não aceitou a “certeza” dos brâmanes de possuir o monopólio dos “bens religiosos”. Diversos trechos do cânone páli relatam encontros entre o Buda e representantes da religião védica frequentemente problematizando a competência religiosa dos brâmanes e sua posição na antiga sociedade hindu.

Quanto à relação entre o Budismo e as três religiões monoteístas, o ponto mais nevrálgico é a negação do Budismo de qualquer entidade duradoura existencial, uma postura que implica naturalmente a rejeição da ideia de um ser supremo estável e eterno. Sobre tudo por parte da chamada “escola de Kyoto”, há tentativas filosóficas de mediar entre a ontologia budista não-teísta e o pensamento teológico propriamente dito, mas, a final de contas, nesses e outros pontos, permanece a

“Não a fé correta, mas o comportamento correto é tão enfatizado pelo Hinduísmo”

tensão, ou, às vezes, até mesmo, um abismo “ideológico” entre o Budismo e as tradições monoteístas.

IHU On-Line - Como as crenças budistas contribuem para a construção do diálogo inter-religioso?

Frank Usarski - Isso depende de vários fatores, inclusive da questão sobre qual corrente budista falamos e em que contextos culturais budistas foram desafiados pela existência de outras religiões. Do ponto de vista histórico, é possível identificar cerca de uma dúzia de posturas que o Budismo tomou quando foi confrontado com alternativas religiosas. Cito aqui apenas dois exemplos extremos. Um representa uma postura tendencialmente inclusivista, o outro uma postura explicitamente exclusivista. A primeira atitude é conhecida como upāya, termo técnico frequentemente traduzido como meios habilidosos. Essa

figura retórica tem desempenhado um papel importante, sobretudo para o Budismo do Extreme Oriente e do Tibet no posicionamento do Grande Veículo. A lógica de upāya inclui a ideia de que a verdade religiosa, embora ela se manifeste mais explicitamente em forma do Budismo Mahāyāna, pode se articular em várias facetas. Nesse sentido, o Cristianismo, por exemplo, pode ser a expressão temporariamente adequada para indivíduos que, devido ao seu carma e progresso no caminho “eônico” em direção à liberação última, nascerem em uma família cristã. Com isso a figura retórica de upāya, uma vez que permite um olhar construtivo diante de fundadores e protagonistas de sistemas não-budistas, interpretados como co-participantes do trabalho salvífico universal do Buda. Em oposição a essa argumentação, encontram-se, no chamado cânone páli, ou seja, nos textos mais antigos do Budismo, diversos trechos que apresentam uma atitude exclusivista, ou seja, mostram a forte tendência de rejeitar abordagens e ofertas espirituais não-budistas. A moral das respectivas histórias é a de que não é possível atingir a salvação fora do sangha, isto é, da comunidade dos aderentes do Buda. As demarcações acontecem em diálogo com representantes de outras religiões indianas. Os últimos são identificados como inferiores e incapazes de entender a mensagem do Buda na sua profundidade. O questionamento de autoridades convencionais articula-se de maneira mais específica no Virecana-Sūtra. Nesse texto, o Buda se refere a líderes de outros movimentos, comparando-os a médicos incapazes de oferecer ajuda adequada a seus pacientes, uma vez que possuem apenas remédios direcionados ao tratamento de sintomas superficiais, sem que a eficácia desses procedimentos limitados seja garantida. Em comparação com essas abordagens fragmentárias, a medicina oferecida pelo Siddhartha Gautama é bem-sucedida e confiável sob quaisquer circunstâncias e, mais importante ainda, vai diretamente ao ponto, isto é, cura as raízes de todos os tipos de sofrimento.

IHU On-Line - Hans Küng, teólogo

alemão, propõe uma ética mundial como caminho para a construção da paz planetária. O senhor concorda com essa proposta? As religiões podem ajudar nessa caminhada?

Frank Usarski - Por apelar na responsabilidade das religiões diante da crise mundial, a abordagem de Küng abre um caminho para um diálogo entre as religiões que põe entre parênteses as inegáveis diferenças ideológicas entre elas, cuja articulação impede que encontros inter-religiosos acabem em harmonia. Com isso, o modelo de Küng transcende as tensões entre as religiões que se desenvolvem tipicamente ao redor da reivindicação de cada uma de possuir a melhor, ou até mesmo, única válida oferta religiosa no sentido de filosofia e prática espiritual. Em outras palavras, em vez de gastar tempo e energia com disputas religiosas propriamente ditas, Küng quer sensibilizar os porta-vozes das religiões para a precariedade da situação atual que está requerendo ações concertadas de todas as forças sociais que se sentem responsáveis e estão dispostas a contribuir na medida do possível - apesar de diferenças fundamentais entre as religiões.

Desse ponto de vista, a proposta de Küng representa uma contribuição importante para a convivência das religiões em um mundo cada vez mais globalizado.

IHU On-Line - É possível falar em sociedade pós-metafísica, pós-religiosa? O senhor percebe, nesse cenário pós-metafísico, diferenças na atuação das religiões orientais e ocidentais?

Frank Usarski - Sendo sociólogo que acompanha a discussão sobre o status atual e o futuro da religião no mundo contemporâneo, a fala sobre uma época "pós-metafísica" (que belo, mas impertinente termo filosófico!) está em tensão alta com as observações empíricas. Isso vale tanto para o papel forte da religião nas sociedades modernas ocidentais, no sentido de um elemento subjetivo, quanto para países orientais, inclusive aqueles nos quais o islã continua a ser um fator-chave político.

Zen Budismo: a religião em si mesmo

Os ensinamentos do Zen Budismo se referem à incessante transformação de tudo que existe, à lei da causalidade e à capacidade de alcançar o Nirvana, descreve Monja Coen

POR PATRICIA FACHIN

“Não apenas a mística Zen Budista pode transformar o mundo, mas acredito que as várias tradições espirituais da humanidade têm o mesmo propósito: despertar para a verdade de que somos, estamos todos irmanados, compartilhando das mesmas necessidades primárias e que a felicidade de todos é a nossa verdadeira felicidade”. A opinião é de Monja Coen, missionária oficial da tradição Soto Shu - Zen Budismo com sede no Japão, expressa na entrevista a seguir, concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**. Monja Coen acredita no diálogo inter-religioso como um caminho para a construção da paz mundial e frisa que “ensinamentos como a Cura da Terra, enraizados na cultura budista, e a compreensão de que a Terra é o nosso corpo são fundamentais “para a mudança de um modelo mental egóico e delusivo (...), para uma compreensão da unidade e para desenvolver o voto da compaixão”.

Monja Coen é a Primaz Fundadora da Comunidade Zen Budista, criada em 2001, com sede em Pinheiros, São Paulo. Iniciou seus estudos budistas no Zen Center of Los Angeles - ZCLA. Foi ordenada monja em 1983, mesmo ano em que foi para o Japão onde permaneceu por 12 anos sendo oito dos primeiros anos no Convento Zen Budista de Nagoia, Aichi Senmon Nisodo e Tokubetsu Nisodo. Graduiu-se no mestrado da tradição Soto Shu. Retornou ao Brasil em 1995, e liderou as atividades no Templo Busshinji, bairro da Liberdade, em São Paulo, sede da tradição Soto Shu para a América do Sul durante seis anos. Foi, em 1997, a primeira mulher e primeira pessoa de origem não japonesa a assumir a Presidência da Federação das Seitas Budistas do Brasil, por um ano. Participa de encontros educacionais, inter-religiosos e promove a Caminhada Zen, em parques públicos, com o objetivo de divulgação do princípio da não violência e a criação de culturas de paz, justiça, cura da Terra e de todos os seres vivos. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são os fundamentos da mística Zen Budista? O que a diferencia de outras práticas orientais?

Monja Coen - Zen Budismo se caracteriza pela prática da meditação sentada (zazen) e da necessidade da experiência mística para a libertação. Esta libertação não é apenas individual, mas inclui todos os seres, toda a vida do multiverso. O silêncio, interior e exterior, é cultivado para o encontro

com a mente iluminada, transparente e imaculada. Há inúmeras outras tradições religiosas no oriente e não conhecendo todas as suas variedades não me sinto apta a responder a segunda parte da pergunta.

IHU On-Line - A senhora pode nos explicar o papel das Três Joias: Buda, Dharma e Sangha?

Monja Coen - As Três Joias ou Três Tesouros são os elementos de fé de

uma pessoa budista. Buda significa alguém que despertou, alguém que se iluminou, que entrou em contato com a sabedoria suprema. Podemos falar de três aspectos: Buda histórico, Xaquiamuni (Shakyamuni Buddha), que fora o príncipe Sidarta Gautama, aquele que abandonou seu castelo, seus amores e bens materiais e teve a experiência mística da iluminação. Pregou por 45 anos, morreu com 80 e deixou inúmeros discípulos. O segundo aspecto é o ser iluminado em cada uma, cada um de nós. A capacidade da iluminação suprema que cada ser humano é. O terceiro aspecto é o de Buda Cósmico, tudo que existe, existiu e virá a existir é a natureza Buda se manifestando em incessante movimento de transformação e seguindo a lei da causalidade.

Darma significa a Lei Verdadeira e se refere aos ensinamentos do Buda Histórico, que viveu há cerca de dois mil e seiscentos anos. Há alguns selos ou marcas para identificarmos se é o Darma de Buda.

Os ensinamentos devem se referir à incessante transformação de tudo que existe, à ausência de uma alma imutável e eterna ou um eu fixo e permanente, à lei da causalidade ou origem dependente, à questão do sofrimento humano e a capacidade de alcançar Nirvana.

Discípulos de Buda escreveram seus ensinamentos e estes são divididos para fins didáticos no chamado Cânone Budista ou Tripitaka: Sutras ou Sastras - discursos de Buda, Vinaya - regras de comportamento quer monástico quer laicos, Abidarma - comentários filosóficos sobre os ensinamentos. Há muitas ordens budistas.

IHU On-Line - O Budismo é uma das maiores religiões do mundo em número de seguidores. A que a senhora atribui tanta procura de uma religião sem Deus?

Monja Coen - A que você atribui a tanta procura a uma religião baseada no conceito de Deus, como o Cristianismo? Há várias maneiras das pessoas manifestarem suas crenças, seu comportamento, sua entrega, confiança. Há inúmeras culturas e etnias. Podemos até considerar as raízes etimológicas da palavra religião - não apenas

religar com algo acima de si mesmo, mas em si mesmo. E também relegere. Vale uma boa reflexão sobre o assunto. O que é religião?

Agora, quando pensamos por que pessoas ocidentais se interessam pelo Zen Budismo, eu poderia dizer que há uma procura de conhecimento - tanto de como a mente individual ou de como a mente coletiva se manifesta e funciona. Acredito que as práticas de Zazen (sentar-se em meditação) são uma das entradas principais para conhecer a si mesmo e transcender a si mesmo.

“Quando pensamos por que pessoas ocidentais se interessam pelo Zen Budismo, eu poderia dizer que há uma procura de conhecimento - tanto de como a mente individual ou de como a mente coletiva se manifesta e funciona”

IHU On-Line - Na mística zen-budista é possível o diálogo com outras tradições religiosas?

Monja Coen - Tenho percebido a importância do encontro inter-religioso para a construção de uma cultura de paz, justiça e cura da Terra. Desde meados do século XIX, esses encontros estão ocorrendo, e o diálogo se transforma em ações conjuntas para o bem comum.

IHU On-Line - Como a mística Zen Budista pode transformar a cultura da violência afirmada ao longo da história da humanidade e presente até mesmo em conflitos religiosos?

Monja Coen - Como um dos vetores. Se cada pessoa se transformar na não

violência ativa haverá uma grande mudança. Conflitos religiosos refletem a violência que vivemos. Mas, muito já melhoramos. Não há mais cruzadas, inquisições e fogueiras. Nós, como humanidade, estamos crescendo e aprendendo a corrigir nossos erros. Não apenas a mística Zen Budista pode transformar o mundo, mas acredito que as várias tradições espirituais da humanidade têm o mesmo propósito: despertar para a verdade de que somos, estamos todos irmanados, compartilhando das mesmas necessidades primárias, e que a felicidade de todos é a nossa verdadeira felicidade.

IHU On-Line - Que ações são imprescindíveis para a construção da paz planetária? A senhora concorda que a proposta de uma ética mundial é o caminho?

Monja Coen - Sim, concordo que precisamos restabelecer uma ética mundial. Este fazer o bem pelo bem de todos inclui animais, plantas, aves, insetos, minerais, ar, água, terra. A ética do cuidado e do respeito. Inúmeras ações são necessárias. Educação ética transversal. Professoras e professores precisam ser capacitados a transmitir em suas disciplinas o respeito e compreensão às várias manifestações humanas da Terra. A compreensão de que a Terra é o nosso corpo é fundamental para a mudança de um modelo mental egóico e delusivo - considerar-se separado do todo -, para uma compreensão da unidade e para desenvolver o voto da compaixão. Seguindo a sugestão de Karen Armstrong,¹ devemos - pessoas de todas as religiões e tradições espirituais - assinar o compromisso de trabalharmos para empoderar pessoas à capacidade da compaixão. Isso, definitivamente, fará grande diferença.

IHU On-Line - Quais são as contribuições que o Zen Budismo oferece à humanidade num momento de crise social, financeira e de ética em que

¹ Karen Armstrong (1944) é uma autora especialista em temas de religião, em particular sobre judaísmo, cristianismo e islamismo. Entre seus livros publicados em português citamos *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2001). (Nota da IHU On-Line)

nos encontramos?

Monja Coen - Que isso não é novo, nem foi criado agora, nem é particular do Brasil. Que há esperança. Que temos crescido e nos transformado como espécie. Que temos esta extraordinária oportunidade de haver nascido em uma época em que podemos ser a transformação que queremos no mundo. Que cada um de nós, fazendo o melhor de si em cada instante, está transformando a vida da Terra.

Também oferecemos cursos, ajuda solidária, educação e assistência. Criamos programas contra a discriminação e o preconceito e programas para a preservação dos direitos humanos, meio ambiente e paz - os três pilares da tradição Soto Zen Shu, à qual pertencemos.

IHU On-Line - Como os ensinamentos e as práticas do Budismo, em especial a Cura da Terra, podem contribuir para pensar uma nova perspectiva para o caos ambiental do planeta?

Monja Coen - Compreendendo que somos a vida da Terra. Que a Terra é o nosso próprio corpo. A realização da Iluminação Suprema é a de que inter-somos com tudo que existe.

Se percebermos a verdade e fizermos movimentos não violentos de educação popular e das elites dominantes, muito poderá ser obtido.

Talvez não possamos ver os resultados das causas e condições que criamos em nossas vidas, com nossas vidas, mas sei que o futuro depende das causas e condições que criamos aqui e agora, com nossa maneira de ver, falar, pensar, ouvir, compreender e agir no mundo.

Que seja pela paz, pela inclusão da grande natureza em nossos corações. Que possamos encontrar o diálogo e transformar cada instante de violência em um instante de paz.

LEIA MAIS...

>> Monja Coen já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Confira em nossa página eletrônica.

* *O movimento Zen e a transformação social*. Publicada na edição número 133, de 21-03-2005, intitulada *Delicadezas do mistério. A mística hoje*. A revista está disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158267172.24word.doc#_Toc99200415.

Hinduísmo e a experiência de não-dualidade

Na opinião do teólogo indiano Michael Amaladoss, a sociedade não está se encaminhando para a pós-metafísica. Para justificar, ele resgata o provérbio: “Só porque o gato fecha os olhos não significa que o mundo deixou de existir”

POR MOISÉS SBARDELOTTO E PATRICIA FACHIN | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER E WALTER O. SCHLUPP

Na entrevista que segue, concedida, rapidamente, por e-mail, à IHU On-Line, Michael Amaladoss, jesuíta indiano, informa que na Ásia, em geral, “não há guerras religiosas e as pessoas estão vivendo em paz”. Para ele, para que diferentes tradições religiosas vivam em harmonia, “não há necessidade de as religiões estarem em contato recíproco”. No entanto, enfatiza, “teologia hoje somente pode ser inter-religiosa, uma vez que Deus também falou a outras pessoas”. Na opinião de Amaladoss, assimilando métodos do Vedanta, o cristianismo pode ganhar uma experiência de Deus interior. “Esta é uma experiência da não-dualidade”.

Amaladoss é diretor do Instituto para o Diálogo com Culturas e Religiões, em Chennai, na Índia. É doutor em Teologia Sistemática pelo Institut Catholique de Paris, na França, além de professor de Teologia no Vidyajyoti College of Theology, em Nova Délhi, na Índia. É autor de diversos livros sobre espiritualidade e diálogo inter-religioso, entre os quais citamos: *Making harmony. Living in a pluralist world* (Delhi: ISPCK, 2003), que foi traduzido e publicado pela Editora Unisinos na Coleção Teologia Pública sob o título *Promover harmonia: vivendo em um mundo pluralista* (São Leopoldo: Unisinos, 2006) e *The dancing Cosmos. A way to harmony* (Delhi: ISPCK, 2003). Também organizou juntamente com Rosino Gibellini, *Teologia in Ásia*, publicado pela Editrice Queriniana, Brescia, 2006. Confira a entrevista.

IHU On-Line - A teologia asiática se caracteriza pela diversidade religiosa. Como se inter-relacionam as tradições religiosas na Ásia? Existe alguma abertura e espaço para possíveis trocas entre elas?

Michael Amaladoss – Penso que deveríamos falar de pessoas pertencentes a diferentes religiões se inter-relacionando, não tanto as religiões se inter-relacionando. Religiões são meras instituições. No tocante a pessoas, todo grupo religioso apresenta fundamentalistas e outras pessoas que são abertas. Por toda a Ásia, muitas religiões estão convivendo.

Ocasionalmente, acontecem tensões entre maiorias e minorias. Por vezes, acontecem até tumultos. Mas, no geral, não há guerras religiosas, e as pessoas estão vivendo em paz. Para quem quer viver em paz não há necessidade de as religiões estarem em contato recíproco. Mas as pessoas se reúnem quando há conflito para restaurar a paz. Não se deveria exagerar a necessidade de diálogo entre as religiões em si. Já é bom que estejam abertas uma para a outra. Mas, para se viver em paz, basta deixar os outros em paz.

IHU On-Line — Partindo de casos como a Palestina, Irlanda do Norte, Iraque, como você descreveria as atuações das religiões na Ásia? Os conflitos têm uma raiz religiosa ou são somente políticas?

Michael Amaladoss — Conflitos inter-religiosos muitas vezes têm causas políticas. Mas a força da religião é usada para juntar e fundir as pessoas. Religiões também tendem a ser exclusivas. Nem sempre são abertas para as outras. Assim, a religião pode ser usada para fins políticos. Mas religiões também contribuem para o conflito quando uma divisão entre “nós” e “eles” é vista como uma divisão entre “Deus” conosco e o “demônio” oposto a Deus no outro lado.

IHU On-Line — O senhor diz que o pluralismo religioso é um problema social, político e religioso para as religiões metacósmicas. Em sua opinião, quais são as condições e o sentido para o diálogo inter-religioso? Ele emerge nessa perspectiva para aprofundar a fé independentemente da religiosidade e da crença?

Michael Amaladoss — Como as religiões metacósmicas apresentam reflexão e veem Deus como transcendente, elas podem achar espaço para outras religiões dentro das suas próprias perspectivas. Deus está além da religião como instituição e pode ser comum a muitas religiões. Isto pode promover o diálogo, se as pessoas quiserem.

IHU On-Line — Nas religiões que pregam a existência de Deus, Ele se manifesta de maneiras diferentes. Que reflexão o senhor faz a partir disso? Por que há tanta diversidade em um só Deus?

Michael Amaladoss — Deus está livre para manifestar a Si mesmo de diferentes maneiras para diferentes pessoas. Mais além da liberdade de Deus, a diversidade também é possível porque Deus Se manifesta a diferentes pessoas em diferentes condições históricas e culturais. Em liberdade, as pessoas respondem a Deus de várias maneiras. É a liberdade de Deus, a liberdade humana e as diferenças entre culturas e situações históricas da automanifes-

tação de Deus que tornam possível a diversidade. Somente uma abordagem estritamente racionalista e exclusivista consideraria isto um problema.

IHU On-Line — A que o senhor atribui o conflito e a dialética entre o islamismo e o hinduísmo?

Michael Amaladoss — Os reis muçulmanos tinham governado os hindus por seis séculos, do século XII até o século XIX. Os hindus eram tratados como cidadãos de segunda classe, pagando impostos para ser hindus. Parece que santuários hindus foram destruídos. Os muçulmanos também consideram os hindus infiéis. Também dividiram o país entre Índia e Paquistão. Por outro lado, os hindus querem afirmar sua dominação no país como maioria, e consideram a Índia em termos de cultura e religião como sendo hindu, embora os muçulmanos e cristãos sejam bem-vindos para ficar como minorias. Tudo isto pode levar a tensões.

IHU On-Line — Como é que o sistema filosófico hindu (Vedanta) lida com o cristianismo? Neste sentido, qual é a relação entre a experiência espiritual hindu e a mística cristã?

Michael Amaladoss — O cristianismo pode ganhar com a assimilação de métodos do Vedanta para ganhar uma experiência de Deus interior, uno conosco, de modo que, em termos vedânticos, Deus e eu somos não-dois. Esta é uma experiência de não-dualidade, ou advaita.

IHU On-Line — Qual é a relevância do cristianismo entre os hindus? Como recebem esses ensinamentos e como os combinam com suas crenças naturais?

Michael Amaladoss — A expressão “suas crenças naturais” é objetável. O hinduísmo também é sobrenatural como é o Espírito de Deus presente e ativo neles, como foi afirmado por João Paulo II em Redemptoris Missio 28. Os hindus aceitariam Cristo como manifestação divina e o veem como um grande líder moral e guru. Apenas objetam as pretensões de exclusividade do cristianismo.

IHU On-Line — O senhor concorda que a sociedade se encaminha para a pós-metafísica? Em caso positivo, que são as religiões e o sentido religioso nesse novo contexto?

Michael Amaladoss — Não concordo que estejamos indo em direção a uma sociedade pós-metafísica. Nosso idioma tem um provérbio: “Só porque o gato fecha os olhos não significa que o mundo deixou de existir.”

IHU On-Line — O que a vida e a experiência na Índia lhe ensinaram sobre a fé, a religião e o diálogo inter-religioso? Isto modifica sua maneira de ver e fazer teologia?

Michael Amaladoss — Teologia hoje somente pode ser inter-religiosa, uma vez que Deus também falou a outras pessoas além de mim.

IHU On-Line — Hans Küng propõe uma ética global para a construção da paz planetária. O senhor concorda com esta posição? Quais ações são imprescindíveis para se construir a paz planetária?

Michael Amaladoss — Diferentes grupos religiosos precisam se reunir para defender e promover valores humanos e espirituais comuns, embora cada qual possa justificá-los com base em seu próprio ponto de vista. Os indianos e João Paulo II o disseram muito antes de Hans Küng.

LEIA MAIS...

Amaladoss esteve na Unisinos, proferindo a conferência A teologia das religiões e a teologia na universidade no Simpósio Internacional O lugar da teologia na universidade do século XXI, organizado pelo IHU, em 2004. O encontro gerou o livro *A teologia na universidade contemporânea* (Org. Inácio Neutzling. São Leopoldo: Unisinos, 2005. p. 117-39). Ele é autor do *Cadernos Teologia Pública* n. 10, sob o título *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso*, disponível no link <http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1217874550.8056pdf.pdf>

O teólogo indiano já concedeu entrevista à IHU On-Line. O material está disponível na nossa página eletrônica (www.ihu.unisinos.br).

• *Jesus e os avatares na compreensão hindu*. Publicada em 17-02-2008, disponível no endereço http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=12169.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana





Entrevistas da Semana

A compatibilidade entre fé e ciência

Quando bem compreendidas, fé e ciência andam lado a lado, e não são contraditórias, acentua o cientista jesuíta William Stoeger. Novo ateísmo se baseia em concepção de um Deus muito pequeno, que precisa ser revista

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO LUCAS SCHLUPP E WALTER SCHLUPP

Desde garoto, o astrofísico jesuíta William Stoeger tinha interesse pela natureza e pelas ciências. Junto dessa inclinação, soma-se o fato de vários parentes seus estarem envolvidos com ciência e serem católicos devotos. Estava semeado o canteiro no qual floresceria sua trajetória de cientista e padre. “Nunca vi conflito algum nisso”, reiterou na entrevista que concedeu, pessoalmente, à **IHU On-Line**, por ocasião de sua vinda à Unisinos, como conferencista do IX Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin e do X Simpósio Internacional IHU: Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e impossibilidades. No primeiro evento, proferiu a conferência Da evolução cósmica à evolução biológica. Emergência, relacionalidade e finalidade. No segundo, falou sobre Deus, algo a ver ainda hoje? Reflexões teológicas de um cosmólogo. Seguindo a linha discutida em suas duas conferências, Stoeger afirmou que “um dos principais lugares em que encontramos e até expandimos a nossa noção ou ideia de Deus é dentro das ciências naturais. Uma forma de ser padre é estar envolvido nestas coisas”. Em sua opinião, quando bem compreendidas, ciência e fé não entram em conflito. O surgimento dessas arestas, assinalou, se deve a “uma compreensão errada de uma ou de outra”. O novo ateísmo e seu fundamentalismo baseado na razão foi outro tópico da conversa com a **IHU On-Line**. Cientistas como Richard Dawkins, um dos expoentes dessa tendência, possuem uma concepção muito precária sobre o conceito de Deus, um “Deus muito pequeno”, alfineta Stoeger. “Se percebessem de que tipo de Deus bons teólogos estão falando, teriam que mudar sua crítica”. O cientista contou, também, mais detalhes sobre suas pesquisas em cosmologia, e disse ser esperançoso quanto ao futuro da humanidade, embora sejamos muito contraditórios enquanto seres humanos. Sabemos o que devemos fazer no que diz respeito à ética e à ecologia, mas tratamos as pessoas, natureza e outros organismos do universo como commodities, lamenta.

Stoeger é cientista do Grupo de Pesquisas do Observatório do Vaticano (VORG) e especialista em Cosmologia Teórica, Astrofísica de altas energias e estudos interdisciplinares relacionados com a ciência, a filosofia e a teologia. É doutor em Astrofísica pela Universidade de Cambridge desde 1979. Entre 1976 e 1979, foi pesquisador associado ao grupo de física gravitacional teórica da Universidade de Maryland, em College Park, Maryland. É membro da Sociedade Americana de Física, de Astronomia e da Sociedade Internacional de Relatividade Geral e Gravitação. Atualmente, leciona na Universidade do Arizona e na Universidade de São Francisco. É também membro do Conselho do Centro de Teologia e Ciências Naturais (CTNS). Entre outros, publicou *As Leis da Natureza - Conhecimento humano e ação divina* (São Paulo: Paulinas, 2002). Confira a entrevista.



IHU On-Line - Onde o senhor nasceu? Recebeu influências religiosas de sua família?

William Stoeger - Nasci no Sul da Califórnia, perto de Los Angeles, na cidade de Torrance. Cresci numa cidade vizinha chamada Redondo Beach, apenas a 10 km do aeroporto internacional de Los Angeles. Fui criado em uma família católica romana. Frequentei escolas católicas, tanto no fundamental quanto no colegial, e depois de terminá-lo, entrei na ordem jesuíta.

IHU On-Line - Como a sua história pessoal se reflete na sua vocação religiosa e científica?

William Stoeger - Sempre me interessei pela natureza e pelas ciências. Tive vários parentes, especialmente no lado da família da minha mãe, que eram muito envolvidos com ciência: em pesquisas agrônômicas, geologia, engenharia e física espacial. Eram todos, além de cientistas, católicos devotos. Portanto eu nunca vi conflito algum nisso. Isso foi uma influência. Também na escola, especialmente no colegial, tive aulas com padres franciscanos que também tinham grande interesse em ciência.

IHU On-Line - E por que, especificamente, a tradição jesuíta interessou a você?

William Stoeger - Bem, eu acho que foi por causa das leituras que tive. Mesmo que eu tenha frequentado um colégio franciscano, conhecia alguns jesuítas. Há uma universidade jesuíta não muito longe de onde morei. Estudei um pouco lá durante o tempo de colegial.

IHU On-Line - O senhor leu Teilhard de Chardin?

1 Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta, que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O centenário de sua morte foi lembrado no **Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos de 16 a 19-05-2005. Sobre Chardin, confira o artigo de Carlos Heitor Cony, publicado nas **Notícias Diárias** do site do IHU, www.ihu.unisinos.br, de 16-06-2006, *Teilhard: o fenômeno humano. O jesuíta foi precursor do que foi chamado de evolucionismo cristão*. A edição 140 da IHU On-Line, de 09-05-2005, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Teilhard de Chardin: cientista e místico*,

William Stoeger - Não, eu não estudei Chardin, eu não o conhecia. Eu estudei matemática, aquilo que nos Estados Unidos chamamos de *advanced placement mathematics*. Quando estava no colégio estudei isso numa universidade jesuíta. Então eu decidi tentar estudar nela, e foi o que fiz.

IHU On-Line - O senhor disse que não vê conflito em ser cientista e padre. Então, como é ser padre e cientista ao mesmo tempo? Quais são os principais desafios? Existe alguma dificuldade?

William Stoeger - Bem, eu não penso que há dificuldades. Acredito que pode haver mal-entendidos. Particularmente, dentro das ordens religiosas, franciscanos ou dominicanos, ser padre é perfeitamente coerente com qualquer tipo de erudição ou atividade de pesquisa. E isso é certamente válido para a ordem jesuíta. Por exemplo, aqui na Unisinos, há jesuítas envolvidos principalmente na educação superior, e nos EUA é a mesma coisa. Eu acho que particularmente na tradição jesuíta existe essa ideia, uma ideia-chave, que é encontrar Deus em todas as coisas. Portanto, certamente, um dos principais lugares em que encontramos e até expandimos a nossa noção ou ideia de Deus é dentro das ciências naturais. Uma forma de ser padre é estar envolvido nestas coisas.

IHU On-Line - Este é o Ano Internacional da Astronomia. Quais foram as maiores descobertas desta ciência até o presente momento?

William Stoeger - Há muitíssimas! O

disponível em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158268345.05pdf.pdf>. A edição 304 da IHU On-Line, de 17-08-2009, intitula-se *O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin*. Confira, ainda, as entrevistas *Chardin revela a cumplicidade entre o espírito e a matéria*, <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158267341.59pdf.pdf>, publicada na edição 135, de 05-05-2005 e *Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry*, publicada na edição 142, de 23-05-2005, em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158266847.13pdf.pdf>, ambas com Waldecy Tenório. Na edição 143, de 30-05-2005, George Coyne concedeu a entrevista *Teilhard e a teoria da evolução*, disponível para download em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158266098.47pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

Ano Internacional da Astronomia comemora as primeiras observações feitas com a utilização de um telescópio por Galileu² em 1609. E certamente ele foi uma das principais pessoas que começaram com toda essa ideia de que as estrelas e os planetas não são substancialmente diferentes da Terra. Havia essa ideia, antes disso, de que as estrelas e os planetas eram tidos como imutáveis e feitos de uma substância completamente diferente da Terra e da Lua, e, por isso, não estavam realmente sujeitos à investigação científica. Mas ele começou a mostrar que os planetas e estrelas também estavam sujeitos à investigação e consistiam em matéria. Então ele conseguiu começar a demonstrar, juntamente com outras pessoas como Johannes Kepler³, que os planetas e a Terra giram em torno do Sol, ao invés de vice-versa. E, é claro, temos Isaac Newton⁴ que

2 Galileu Galilei (1564-1642) físico, matemático, astrônomo e filósofo italiano que teve um papel preponderante na chamada revolução científica. Desenvolveu os primeiros estudos sistemáticos do movimento uniformemente acelerado e do movimento do pêndulo. Descobriu a lei dos corpos e enunciou o princípio da inércia e o conceito de referencial inercial, ideias precursoras da mecânica newtoniana. Galileu melhorou significativamente o telescópio refrator e terá sido o primeiro a utilizá-lo para fazer observações astronômicas. Com ele descobriu as manchas solares, as montanhas da Lua, as fases de Vênus, quatro dos satélites de Júpiter, os anéis de Saturno, as estrelas da Via Láctea. Estas descobertas contribuíram decisivamente na defesa do heliocentrismo. Contudo a principal contribuição de Galileu foi para o método científico, pois a ciência se assentava numa metodologia aristotélica de cunho mais abstrato. Por essa mudança de perspectiva é considerado o pai da ciência moderna. (Nota da IHU On-Line)

3 Johannes Kepler (1571-1630): astrônomo alemão. Formulou as três leis fundamentais da mecânica celeste, conhecidas como leis de Kepler. Dedicou-se também ao estudo da óptica. Em defesa da astrologia, publicou *Tercius interveniens*, onde criticava aqueles que atacavam a astrologia pelo seu viés supersticioso e não a distinguiam da astrologia como cosmologia. É importante notar que Kepler defendia a astrologia como cosmologia, como explicação do modo como se processam as relações entre astros e acontecimentos terrenos, dentro do âmbito da atuação divina. É clara sua crítica tanto aos céticos quanto aos supersticiosos. (Nota da IHU On-Line)

4 Isaac Newton (1642-1727): físico, astrônomo e matemático inglês. Revelou como o universo se mantém unido através da sua teoria da gravitação, descobriu os segredos da luz e das cores e criou um ramo da matemática, o cálculo infinitesimal. Essas descobertas foram realizadas por Newton em um intervalo de apenas 18 meses, entre os anos de 1665 e

desenvolveu a teoria da gravidade. Mais recentemente, Einstein,⁵ claro, o trabalho que ele fez em mecânica quântica e na sua teoria gravitacional, que completa aquela. Depois vem, naturalmente, Darwin.⁶ Este também é o Ano de Darwin. E existem muitas outras descobertas também. Certamente, nos últimos vinte ou trinta anos, uma descoberta muito importante na astronomia e cosmologia foi a descoberta da radiação cósmica de fundo.

1667. É considerado um dos maiores nomes na história do pensamento humano, por causa da sua grande contribuição à matemática, à física e à astronomia. O IHU promoveu de 3 de agosto a 16-11-2005 o Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: uma aventura de Copérnico a Einstein. Sobre Newton, em específico, o Prof. Dr. Ney Lemke proferiu palestra em 21-09-2005, intitulada *A cosmologia de Newton*. (Nota da IHU On-Line)

5 Albert Einstein (1879-1955): físico alemão naturalizado americano. Premiado com o Nobel de Física em 1921, é famoso por ser autor das teorias especial e geral da relatividade e por suas ideias sobre a natureza corpuscular da luz. É provavelmente o físico mais conhecido do século XX. Sobre ele, confira a edição nº 135 da revista IHU On-Line, sob o título *Einstein. 100 anos depois do Annus Mirabilis*. A publicação está disponível no sítio do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), endereço www.unisinos.br/ihu. A TV Unisinos produziu, a pedido do IHU, um vídeo de 15 minutos em função do Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade, ocorrido de 16 a 19-05-2005, em homenagem ao cientista alemão, do qual o professor Carlos Alberto dos Santos participou, concedendo uma entrevista. (Nota da IHU On-Line)

6 Charles Robert Darwin (1809-1882): naturalista britânico, proponente da teoria da seleção natural e da base da teoria da evolução no livro *A Origem das Espécies*. Teve suas principais ideias em uma visita ao arquipélago de Galápagos, quando percebeu que pássaros da mesma espécie possuíam características morfológicas diferentes, o que estava relacionado com o ambiente em que viviam. Em 30-11-2005, a Prof.^a Dr.^a Anna Carolina Krebs Pereira Regner apresentou a obra *Sobre a origem das espécies através da seleção natural ou a preservação de raças favorecidas na luta pela vida*, de Charles Darwin, no evento *Abrindo o Livro*, do Instituto Humanitas Unisinos. A respeito do assunto ela concedeu entrevista à IHU On-Line 166, de 28-11-2005, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158348273.52pdf.pdf>. Confira as edições 306, da Revista IHU On-Line, de 31-08-2009, intitulada *Ecos de Darwin*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1247518361.1137pdf.pdf> e 300, de 13-07-2009, *Evolução e fé. Ecos de Darwin*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1247518361.1137pdf.pdf>. De 9 a 12-09-2009 o IHU promoveu o IX Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin. (Nota da IHU On-Line)

“Se alguém se diz ateu, uma pergunta que se deve fazer sempre é: em qual Deus você não acredita?”

A radiação de fundo é uma espécie de consequência do Big Bang. Então essa é uma descoberta fundamental.

IHU On-Line - Desde Galileu, quais aspectos melhoraram na relação entre ciência e religião?

William Stoeger - Eu acredito que houve muitas melhorias. Vejo que, de certa forma, Galileu estava à frente do seu tempo. Ele foi muito interessante, pois não achava que houvesse qualquer conflito entre ciência e religião. Já as pessoas que o criticavam achavam que sim. Elas viam alguns problemas entre a interpretação das Escrituras e o que as novas ciências estavam demonstrando. A ideia principal é de que, se compreendermos corretamente tanto a ciência quanto a fé, não há conflito. Na verdade, o surgimento de conflitos deve-se a uma compreensão errada de uma ou de outra. Por exemplo, se alguém entender errado o verdadeiro sentido dos primeiros capítulos de Gênesis, pode-se ver grandes conflitos, pode-se imaginar tremendos conflitos entre ciência e fé.

IHU On-Line - Caso interprete-se literalmente a Bíblia, não é mesmo?

William Stoeger - Literalmente, sim, se não percebermos que se trata de narrativas. Há profundas verdades naquelas narrativas, profundas verdades teológicas. Mas não há verdades científicas históricas nessas narrativas.

IHU On-Line - Ainda no tópico ciência e religião, o que o senhor pensa sobre o novo ateísmo⁷ com que alguns cientistas, como Dawkins,⁸ por

7 Novo ateísmo: Sobre o tema, confira a edição 245, de 26-11-2007, intitulada *O novo ateísmo em discussão*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1197028900.5pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

8 Clinton Richard Dawkins (1941): zoólogo, etólogo, evolucionista e escritor britânico,

exemplo, tentam combater o fundamentalismo da religião, utilizando outro fundamentalismo, baseado na razão?

William Stoeger - Esses tipos de argumentos infelizmente revelam uma falta de entendimento da parte de Dawkins ou outras pessoas. Geralmente apresentam uma versão de religião e uma versão do conceito de Deus que é muito precária. Se eles realmente lessem alguns dos principais teólogos, teriam percebido que entenderam errado o que a religião está realmente dizendo sobre Deus. O tipo de Deus que eles dizem que os crentes acreditam, é um Deus muito pequeno. Se percebessem de que tipo de Deus bons teólogos estão falando, teriam que mudar sua crítica. Eu acho que parte da crítica proveniente do ateísmo é perfeitamente justificável. Quero dizer, há vários tipos de Deus que eu também não acredito. Se alguém se diz ateu, uma pergunta que se deve fazer sempre é: em qual Deus você não acredita? Provavelmente muitos fiéis também não acreditam naquele tipo de Deus. Essa é a questão: O que é Deus? Ou: Quem é Deus? É muito importante que Deus seja um Deus muito grande, mas também um Deus ... com significado pessoal.

IHU On-Line - Professor, o que especificamente o senhor está pesquisando

nascido no Quênia. Catedrático da Universidade de Oxford, é conhecido principalmente pela sua visão evolucionista centrada no gene, exposta em seu livro *O gene egoísta*, publicado em 1976. O livro também introduz o termo “meme”, o que ajudou na criação da memética. Em 1982, realizou uma grande contribuição à ciência da evolução com a teoria, apresentada em seu livro *O fenótipo estendido*. Desde então escreveu outros livros sobre evolução e apareceu em vários programas de televisão e rádio para falar de temas como biologia evolutiva, criacionismo, religião. Por sua intransigente defesa à teoria de Darwin, recebeu o apelido de “rottweiler de Darwin”, em alusão ao apelido de Thomas H. Huxley, que era chamado de “bulldog de Darwin” (*Darwin's bulldog*). Recentemente está envolto em grande polêmica por conta das ideias contidas em sua obra *Deus, um delírio* (São Paulo: Cia das Letras, 2007), publicada em 2006 sob o título *The God delusion*. Confira o debate sobre diversas de suas ideias na edição 245 da IHU On-Line, de 26-11-2007, intitulada *O novo ateísmo em discussão*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1197028900.5pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

do agora?

William Stoeger - Tenho duas grandes áreas em pesquisa. Eu pesquiso na área das ciências propriamente ditas, e faço algumas pesquisas interdisciplinares também. Minha pesquisa na área das ciências é basicamente em cosmologia, sobre o comportamento e a história do universo como um objeto específico de estudo. Portanto, essa é uma das pesquisas significantes que faço aqui, também com alguns cientistas do Brasil. No Rio, há dois cosmólogos brasileiros com quem trabalho no desenvolvimento de formas específicas de testar modelos do universo, usando observação astronômica. Isso envolve resolver, com esmero nos detalhes, as consequências observacionais de certos modelos de universo e dizer aos astrônomos quais observações fazer para testar esses modelos. E outro tipo de coisa em que tenho estado envolvido é verificar os limites das observações. Então estas são algumas das coisas em que tenho trabalhado. Entre elas, uma questão com a qual estou envolvido é o trabalho sobre energia escura. Energia escura é esse tipo de energia muito misteriosa que parece estar acelerando o universo.

A matéria escura também é um mistério, mas, na verdade, é matéria que se aglomera e forma halos em volta das galáxias; não a podemos ver, mas sabemos que está lá. A energia escura também é chamada de energia do vácuo. E isso é algo que provavelmente não tende a se aglomerar, que provavelmente está distribuída por igual pelo universo, e a evidência é de que ela faz com que a expansão do universo se acelere. Sem ela, a expansão do universo seria desacelerada, ficaria mais lenta. E nós pensamos que está acelerando. A única forma de explicar isso é com a energia escura. Escrevi um artigo que foi publicado há um ano, juntamente com um dos meus colegas brasileiros, sobre uma das formas para se determinar a quantidade de energia escura no universo.

IHU On-Line - Quem são estas pessoas que trabalham com o senhor aqui no Brasil?

William Stoeger - Ambos são da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, na Ilha do Fundão. Um deles

“Energia escura é esse tipo de energia muito misteriosa que parece estar acelerando o universo”

é o Marcelo Evangelista⁹ de Araújo e o outro é Marcelo Ribeiro.¹⁰ Estes são os dois com quem trabalho.

IHU On-Line - Professor, minha próxima pergunta é bem específica sobre ética. O senhor tem esperança em relação ao nosso futuro como humanidade, quanto ao comportamento que temos com a ética e o meio ambiente?

William Stoeger - Eu tenho esperança no futuro da humanidade. Mas nós, seres humanos, somos muito estranhos. Somos autocontraditórios no sentido de que, às vezes, temos ideais elevados, mas em várias oportunidades nos comportamos de forma contrária a estes ideais, e contrária aos nossos melhores interesses. Algumas vezes, temos uma noção geral do nosso futuro, mas frequentemente agimos contra isso. Na verdade, tenho esperança, mas essa esperança depende de agirmos mais racionalmente, com muito mais respeito e reverência para com a criação e outras pessoas. Isso porque, frequentemente, tratamos as outras pessoas, a natureza e os outros organismos do universo, simplesmente, como commodities.

IHU On-Line - Como objetos?

William Stoeger - Sim, como objetos, para nosso próprio uso. E vemos isso o tempo inteiro. Até mesmo na prática empregatícia, ao tratar os empregados. Não os tratamos como indivíduos, mas como mercadoria. Este é um aspecto que sempre haverá, mas, enquanto isso for uma prioridade, enquanto essa for a principal maneira

⁹ Marcelo Evangelista de Araújo: físico brasileiro, pesquisador do Instituto de Física, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ Marcelo Ribeiro: físico brasileiro, pesquisador do Instituto de Física, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. (Nota da IHU On-Line)

que lidamos com as coisas, então não estaremos agindo eticamente.

IHU On-Line - O que o senhor gosta de fazer no seu tempo livre?

William Stoeger - Eu gosto de fazer caminhadas ao ar livre, que costumamos chamar de hike. Fazer uma hike significa fazer longas caminhadas nas montanhas, nos desertos, e assim por diante. Eu gosto de estar ao ar livre. No Arizona, temos muitas oportunidades para isso. Temos desertos, montanhas e o Grand Canyon. Eu não tenho tempo suficiente para fazer isso, mas é algo que eu faço de vez em quando. Às vezes eu assisto esportes na TV.

IHU On-Line - O senhor gosta de futebol?

William Stoeger - Eu gosto de futebol americano. Eu também gosto de futebol (soccer), que eu costumava jogar. Mas não gosto de assistir.

IHU On-Line - O senhor já esteve muitas vezes no Brasil?

William Stoeger - Sim, já estive! Essa é a quinta ou sexta vez que estou no Brasil. Mas é a primeira vez na região Sul. Outras vezes estive no Rio, em São Paulo, Goiânia e Brasília, onde fiquei alguns meses. É que um dos meus colegas, que agora está no Rio, Marcelo de Araújo, estava na Universidade de Brasília (UnB) por um tempo. Então acabei trabalhando alguns meses lá, com ele.

LEIA MAIS...

William Stoeger já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. O material está disponível na nossa página eletrônica do IHU.

Entrevistas:

- *Astrofísica, cosmologia e a busca de Deus no universo*. Publicada nas Notícias do Dia 26-06-2006, disponível para download em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=3029

- *“Sem a evolução cósmica não haveria evolução biológica”*. Publicada na Revista IHU On-Line, edição 306, de 31-08-2009, disponível para download em

http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1773

- *“As ciências naturais não podem dizer o que Deus é ou não é”*. Publicada na Revista IHU On-Line, edição 308, de 14-09-2009, disponível para download em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1803

Entendendo a evolução a partir das lianas neotropicais

Lucia Lohman explica que as lianas apresentam um papel-chave na estruturação e na regeneração das florestas tropicais

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES

Uma das conferencistas do IX Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin, realizado na Unisinos de 9 a 12 de setembro de 2009, a professora Lucia Garcez Lohmann, da USP, foi responsável pelo tema “Desvendando um dos mistérios de Darwin: A história das lianas neotropicais”. Em entrevista exclusiva concedida, por e-mail, para a **IHU On-Line**, ela busca explicar o interesse de Charles Darwin em pesquisar as plantas trepadeiras, entre elas, as lianas neotropicais, sobre as quais diversas perguntas evolutivas ele não conseguiu responder. A professora esclarece que as “lianas contribuem com grande parte da diversidade e biomassa de florestas tropicais, bem como constituem importantes fontes de alimentos para animais. Além disso, elas também desempenham um papel fundamental no funcionamento de ecossistemas, pois são importantes para a transpiração das florestas e sequestro do carbono”. E ainda acrescenta que o livro de Darwin *The movements and habits of climbing plants*, publicado em 1875, “gerou perguntas que incentivaram o estudo das florestas tropicais, especialmente da Amazônia”.

Lucia Garcez Lohmann é professora do Departamento de Botânica da Universidade de São Paulo desde 2004, além de pesquisadora associada do Missouri Botanical Garden e pesquisadora associada do New York Botanical Garden. Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo, mestrado e doutorado em Ecologia, Evolução e Sistemática pela University of Missouri-St. Louis, e pós-doutorado pelo CCSD (Center for Conservation and Sustainable Development) do Missouri Botanical Garden. Tem experiência na área de Botânica, com ênfase em Sistemática Vegetal, atuando principalmente em filogenia, evolução, biogeografia, ecologia evolutiva e conservação, desenvolvendo trabalhos especialmente com a família Bignoniaceae. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Por que as lianas neotropicais são um dos mistérios de Darwin?

Lucia Lohman - No livro *The movements and habits of climbing plants*, publicado em 1875, Darwin descreve vários aspectos associados à biologia das lianas, em particular aspectos associados aos mecanismos de crescimento destas plantas, e levanta diversas perguntas evolutivas que ele não conseguiu responder. De fato, várias questões levantadas permaneceram sem resposta até recentemente.

IHU On-Line - O que ele descobriu sobre essas plantas trepadeiras que se conecta com a teoria da evolução?

Lucia Lohman - O trabalho de Darwin sobre as plantas trepadeiras teve como base experimentos associados à forma de crescimento e desenvolvimento de possíveis adaptações para

o hábito trepador. Este trabalho ecológico levou Darwin a realizar várias perguntas sobre como estas formas de vida tão inusuais teriam evoluído e sobre as forças evolutivas que teriam atuado neste sentido. No entanto, estas perguntas evolutivas não puderam ser respondidas por Darwin, dado que o mesmo ainda não dispunha de ferramentas suficientes para tal.

IHU On-Line - Essas descobertas estavam expressas na Origem das espécies?

Lucia Lohman - Não, a *Origem das espécies* não tratou as plantas trepadeiras especificamente, pois Darwin ainda não tinha nem iniciado sua pesquisa com plantas trepadeiras na época da publicação da *Origem das espécies* (em 1859).

IHU On-Line - Poderia dar mais detalhes sobre o contexto em que ele

pesquisou essas plantas?

Lucia Lohman - O interesse de Darwin nas lianas neotropicais se iniciou com a publicação de um artigo científico por Asa Gray (então professor em Harvard) sobre a biologia das plantas trepadeiras em 1858. Após ler este artigo, Darwin se interessou pelas trepadeiras e solicitou sementes dessas plantas à Asa Gray. Darwin iniciou, então, uma série de experimentos com estas plantas, os quais levaram à publicação do livro *The movements and habits of climbing plants* em 1875.

IHU On-Line - Como se dá a interação entre as lianas e os outros tipos de árvores nas comunidades florestais? Há uma relação simbiótica ou parasitária?

Lucia Lohman - Lianas apenas utilizam árvores como fonte de apoio, não extraindo delas nenhum tipo de nutrien-

“O livro *On the movements and habits of climbing plants* representou um dos primeiros tratamentos sobre lianas de uma forma geral”

te. Desta forma, a interação entre lianas e árvores não é parasitária nem simbiótica. Além disso, lianas apresentam um papel-chave na estruturação e regeneração das florestas tropicais. Elas competem com árvores e alteram a maneira através das quais as próprias árvores competem entre elas. Lianas contribuem ainda com grande parte da diversidade e biomassa de florestas tropicais, bem como constituem importantes fontes de alimentos para animais. Além disso, elas também desempenham um papel fundamental no funcionamento de ecossistemas, pois são importantes para a transpiração das florestas e sequestro do carbono.

IHU On-Line - Qual é a importância da descoberta de Darwin para a conservação dos biomas neotropicais hoje e para a biodiversidade amazônica, especificamente?

Lucia Lohman - O livro *On the movements and habits of climbing plants* representou um dos primeiros tratamentos sobre lianas de uma forma geral. Este livro deixou diversas perguntas que permaneceram sem resposta e que seguem incentivando pesquisas com lianas até os dias de hoje. Como a Amazônia representa um dos centros de maior abundância e diversidade de lianas no mundo, o livro de Darwin gerou perguntas que incentivaram o estudo das florestas tropicais, especialmente da Amazônia. Assim, o trabalho de Darwin em plantas trepadeiras não apresentou um impacto direto para conservação de ecossistemas diretamente, mas incentivou pesquisas em regiões de alta importância para a conservação.

Crise, Crítica Radical e Emancipação Humana

Os temas serão
discutidos pelo Prof. Dr.
Anselm Jappe no IHU
Ideias de 01-10-2009

Informações no
sítio do IHU
www.ihu.unisinos.br



coluna do
CEPOS
grupo de pesquisa



A Hidra de Lerna midiática

POR DENIS GERSON SIMÕES*

Possibilidades, tecnologias e interesses das mídias moldam as novas faces da TV no país.

Com o sinal digital, a TV no Brasil ganha novos recursos e multiplica seus suportes, acompanhando as tendências de convergência tecnológica, mas isso por vias que vão ao encontro de interesses de grupos midiáticos.

Em uma realidade de grande disputa mercadológica como a do princípio do século XXI, é constante a necessidade da abertura de novos mercados para possibilitar o alcance de novos públicos e, por sua vez, obter aumento de receita. Esta lógica vai ao encontro do princípio elementar do capitalismo, que é a busca do lucro, transformando dinheiro em mais dinheiro, no menor espaço de tempo possível. Neste bojo, onde também se incluem as empresas de mídia e o processo de digitalização, a tecnologia, no decorrer dos seus avanços, transforma-se também em ferramenta para o estímulo dos consumidores a novas necessidades, promovendo uma função paralela à sua motivação primordial de solucionar demandas pré-existentes. Assim, torna-se visível uma ação coesa

entre os imperativos de mercado e a oferta de tecnologia.

Focando no espaço midiático, as novidades que começaram a ser implementadas no mercado nacional de TV aberta, a partir de 2007, não só alteram questões qualitativas do produto oferecido ao consumidor, como ampliam o próprio conceito de televisor. Isto ocorre devido à implantação de modo mais amplo do *integrated services digital broadcasting* - ISDB, conhecido como padrão japonês de televisão digital, modelo que foi oficializado pelo Ministério das Comunicações do governo Lula para o Sistema Brasileiro de Televisão Digital Terrestre (SBTVD-T). As mudanças provindas da digitalização prometem transcender a melhoria da transmissão ou da programação: as novas opções

* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), membro do Grupo de Pesquisa CEPOS (apoiado pela Ford Foundation) e licenciando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. E-mail: <denis@portal25.com>.



Coordenador do Grupo: Prof. Dr. Valério Cruz Brittos
Editor da Coluna: Prof. Dr. Bruno Lima Rocha

www.grupocepos.net

ofertadas possibilitam inovações em múltiplos campos, dando novas utilidades ao televisor ou mesmo transferindo também a outros eletro-eletrônicos a oportunidade de atuarem como reprodutores de sinal digital televisivo. Há uma reformulação na sua lógica de produção, de comercialização e de fruição, possibilitando um contato diferenciado entre seus diversos agentes.

Neste cenário, que objetiva reposicionar a TV no cenário mercadológico midiático, ela deixa de ser sinônimo exclusivo do equipamento receptor tradicional, ampliando radialmente suas potencialidades, destacando em especial o que hoje se visualiza como interatividade. Desta forma, o próprio conceito de *televisor* se altera, já que a ideia de um visualizador de imagem-som se descola do próprio suporte físico. Produtos dos avanços tecnológicos e dos interesses de mercado fluem para formatar novas bases de diálogo com os audiovisuais, que tendem a agregar novos simbolismos ao termo *televisão*, a qual passa a manifestar-se frente a diversas formas de produção, distribuição e consumo.

Em termos práticos, as possibilidades de evolução, ou mesmo revolução, da televisão digital transcendem em larga escala as alterações ocorridas na passagem da TV de imagem preto e branco para colorida. Isso ocorre porque a nova tecnologia não só agrega a *High Definition Television* - HDTV, com ampliação substancial na qualidade de exibição, como abre portas para o sinal

“Se depender dos movimentos da Sociedade Civil Organizada, o novo sinal terá caráter democratizador”

televisivo adentrar em outros meios, como computadores e eletro-eletrônicos móveis. Também permite que o televisor atue em outras funções, como gravador de dados, transmissor de informações e até mesmo ponte direta para o contato com o anunciante. Pode-se, assim, comparar essa TV de múltiplas possibilidades à mitológica Hidra de Lerna, personagem com corpo de dragão que quando lhe cortavam uma cabeça acabava por gerar, no lugar da decepada, outros tantos crânios, aparentando invencibilidade: no processo de extinção do sinal analógico, a televisão, impulsionada pelo mercado, renasce em múltiplas formas de suportes, através do digital.

O ISDB, assim, apresenta a transmissão de programação para múltiplos meios e com possibilidade de alta definição, ampliando a acessibilidade e o caráter qualitativo do produto televisivo. Mas são possibilidades, não certezas. As tecnologias disponíveis acabam por permitir recursos diferenciados, conver-

gências entre diversos meios e alcançar novas potencialidades ao aparelho de televisão, mas existem empecilhos que acabam por definir quais recursos chegarão ou não a serem disponibilizados nesta nova base televisiva, assim como quando isso ocorrerá. Gradativamente, o cenário comunicacional molda-se de acordo com as ofertas tecnológicas, os recursos econômicos, as ações sociais e os interesses do mercado.

O que se observa com clareza é que, de uma forma ou de outra, essa migração ao sinal digital ocorrerá, e que esse novo televisor tem diferenciado potencial de alcance, mesmo que ainda haja incertezas de como esse processo vai ocorrer e quais serão seus efeitos no campo social. Se depender dos movimentos da Sociedade Civil Organizada, o novo sinal terá caráter democratizador, abrindo espaço para que novos agentes públicos transmitam pela TV aberta suas mensagens; já se as decisões estiverem sujeitas ao mercado, a tendência é a manutenção do *status quo* vigente. De toda forma, constata-se que os personagens desse *jogo* têm poderes assimétricos e que as forças econômicas e políticas ainda estão em vantagem nessa *queda de braço*. Provavelmente, os que dominarão as cabeças da *Hidra midiática*, serão os que já controlam o crânio principal, ainda em formato analógico e que ainda não foi decepado. Mas existem muitos Heracles a enfrentar e domar seres fantásticos com aparência de invencibilidade.

REALIZAÇÃO:



CEPOS
grupo de pesquisa

UNISINOS 40
ANOS

2ª Edição do Curso

Mídia, Democracia e Políticas Públicas.

De 19 a 23 de outubro, em Porto Alegre.

Debates sobre mídia, democracia, políticas públicas e digitalização.

Aberto ao público e gratuito.

Mais informações em www.grupocepos.net

PATROCÍNIO:

FORD FOUNDATION

APOIO:

ABRAÇO

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 21-09-2009 a 26-09-2009.

A midiaticização e os governos latino-americanos.

Entrevista com Antonio Fausto Neto.

Confira nas Notícias do dia 21-09-2009

A política latino-americana, neste início de século, está vivendo uma experiência singular em comparação com toda sua história. A relação com as mídias é cada vez mais forte analisa o professor do PPG em Comunicação da Unisinos.

‘Nossa política de mobilidade tem como base a exclusão social’.

Entrevista com Nazareno Stanislaw Affonso

Confira nas Notícias do dia 22-09-2009

Quando analisa a política de mobilidade no Brasil, o diretor do Instituto RUAVIVA diz que estamos na contramão da história. E pergunta: “De quem é a responsabilidade de uma morte causada por um veículo que anda a mais de 120 km/hora? Eu diria que é de quem autorizou e de quem fabricou, e não do motorista”.

Belo Monte: a população não se cala.

Entrevista com Sônia Magalhães

Confira nas Notícias do dia 23-09-2009

Uma intensa movimentação popular tem movimentado as audiências públicas sobre a construção da hidrelétrica de Monte Belo, no rio Xingu. Segundo a antropóloga, “o movimento social argumenta que esta é uma obra que tem impactos sociais e ambientais importantes”.

Pré-sal: Afinal, de quem é o petróleo?

Entrevista com Emanuel Cancellia

Confira nas Notícias do dia 24-09-2009

“O Brasil pode dar o exemplo para o mundo, usando o dinheiro do pré-sal para diminuir a influência do petróleo na nossa matriz energética”, diz o secretário-geral do Sindipetro-RJ.

Aloysio Biondi para todos: Um arquivo implacável. Entrevista com Antonio Biondi

Confira nas Notícias do dia 25-09-2009

Para o filho, um dos grandes legados que o jornalista de economia Aloysio Biondi deixou foi seu livro *O Brasil Privatizado*.

Banco Mundial: O FMI do RS.

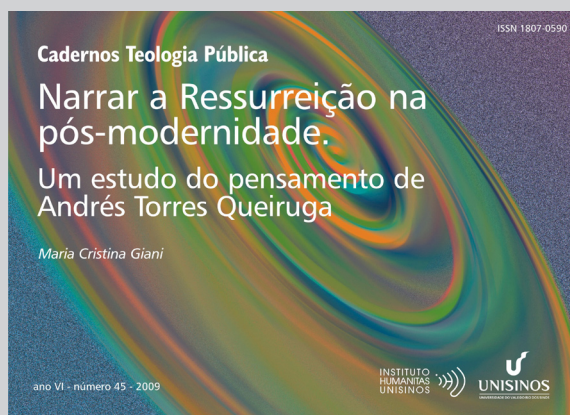
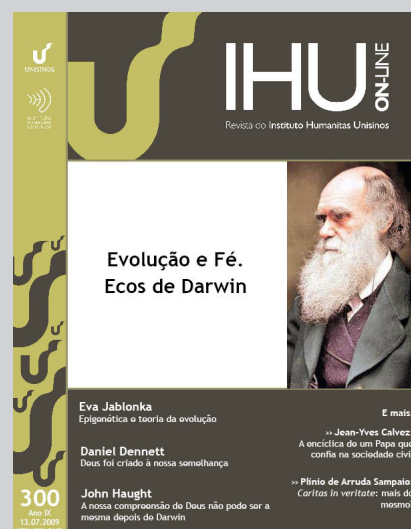
Entrevista com João Pedro Casarotto.

Confira nas Notícias do dia 26-09-2009

Segundo o fiscal de tributos, é possível sim quitar antecipadamente o débito que o RS tem com o Banco Mundial, em função do empréstimo que fez durante o governo Yeda. Só assim, diz ele, será possível “desvencilhar-se das amarras do contrato”.

Siga o Twitter do IHU
http://twitter.com/_ihu

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA
WWW.IHU.UNISINOS.BR



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista



Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana, realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU
(www.ihu.unisinos.br).

Dia 01-10-2009	
Evento: IHU Ideias - Outubro 2009 Prof. Dr. Anselm Jappe Crise, Crítica Radical e Emancipação Humana	
Dia 01-10-2009	
Evento: Religiões do Mundo Babalorixá Dejair Haubert (Sociedade Beneficente Ilê dos Orixás); Ialorixá Dolores Dorneles Senhorinha (Associação Africanista Santo Antônio de Categeró) Exibição comentada do documentário RELIGIÕES TRIBAIS	

Livro digital do Simpósio Narrar Deus é lançado

No início do X Simpósio Internacional IHU: Narrar Deus numa Sociedade Pós-Metafísica. Possibilidades e impossibilidades, realizado na Unisinos de 14 a 17 de setembro últimos, foi lançado o livro digital com os textos das oficinas, minicursos e comunicações do evento. Os palestrantes disponibilizaram os textos de suas conferências e o Instituto Humanitas Unisinos - IHU, reuniu-os em for-

ma de livro digital. A obra pode ser consultada e salva gratuitamente no sítio www.ihu.unisinos.br, bem ao final da página, onde se lê "Publicações".

Os textos das grandes conferências e das conferências simultâneas do X Simpósio Internacional IHU: Narrar Deus numa Sociedade Pós-Metafísica. Possibilidades e impossibilidades estão sendo preparados para outra publicação, um livro impresso a ser organizado pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU e que será publicado em breve, ainda no ano de 2009.

Acesse www.ihu.unisinos.br e faça o download do livro digital do Simpósio Narrar Deus.



Participe dos eventos do IHU

A programação completa está disponível no endereço eletrônico

www.ihu.unisinos.br

Personalidades

Yara Borges Caznok

POR PATRICIA FACHIN | FOTO PATRICIA FACHIN

Quando lhe perguntam como querem que a apresente, prontamente ela responde: “podem me chamar de professora Yara, é isso que eu quero ser”. Feminina, vaidosa e eterna amante de música e francês, Yara revela um jeito singular de ser. Para ela, “a natureza é divina, tem um olhar estético, tem um presente que Deus oferece aos olhos das pessoas: a beleza”. Na entrevista que segue, concedida na semana do X Simpósio Internacional IHU: Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e impossibilidades, a professora responsável pelo minicurso A escuta dos mistérios de Deus na obra de J. S. Bach, contou um pouco de sua trajetória e disse que nunca teve dúvidas em relação à atividade que gostaria de exercer ao longo da vida: ser professora de música. Confira a entrevista.



IHU On-Line - Para iniciar nossa conversa, gostaria que a senhora contasse um pouco da sua trajetória, onde nasceu e como é seu relacionamento com a família.

Yara Borges Caznok - Nasci numa cidadezinha localizada no norte do Paraná, chamada Cornélio Procopio. Sou a segunda de quatro filhas de uma família bastante unida. Minha mãe era professora de música, então tive um vínculo afetivo pela profissão dela e pelo amor que sempre teve no cuidado com as filhas - isso foi muito marcante para mim. Sempre a vi como professora, porque às vezes ela nos levava nas aulas. Desde cedo, nunca tive dúvida do que eu queria ser na vida; só poderia ser professora de música.

Meu pai já faleceu. Ele trabalhou como dentista e, do mesmo modo que minha mãe, gostava muito de música, mas tinha um gosto especial por ópera. Descendente de poloneses, nasceu em Santa Catarina. Um homem muito contido, criado dentro de uma educação bastante rígida. Era também uma pessoa sofrida, parece que antes de ser feliz ele tinha de trabalhar e criar

a família. Carinhoso - dentro daquilo que conseguia -, sempre buscava uma proximidade com os filhos e teve muito orgulho da família. Festejava com a gente qualquer vitória, desde uma nota boa na escola. Os pais são mais do que fundamentais, são a decisão na vida espiritual e afetiva de uma pessoa. Eu sou muito grata a eles.

Convivências da infância

Minhas irmãs e eu brincávamos e brigávamos muito numa relação em que éramos muito próximas. Nós temos diferenças de aproximadamente dois anos cada uma. As quatro estudaram música, mas só eu continuei. Lembro que tínhamos uma brincadeira muito interessante: tentávamos trocar de personalidades e pensar como seria ser, gostar e agir de um jeito que não era o nosso. Essa convivência com mulheres foi muito importante. O universo feminino era pesado para meu pai, mas para mim sempre foi uma vantagem, porque esse é um mundo de negociação, observação, cuidar do outro, e isso dá uma visão de mundo

bastante interessante.

IHU On-Line - A senhora é muito vaidosa, alegre e transmite esse bem-estar. Essas características são um reflexo também dessa convivência com várias mulheres?

Yara Borges Caznok - Gosto de me arrumar e das coisas bonitas do mundo. Isso vem de uma procura estética que pode parecer besteira, mas não é. Quando olhamos a natureza, percebemos equilíbrio, cuidado nas cores, nas formas, na diversidade e na unidade. A natureza é divina, tem um viés estético, tem um presente que Deus oferece aos olhos das pessoas: a beleza. E nós não podemos achar que isso é supérfluo. Não estou me comparando aos designs da natureza, mas gosto dos objetos bonitos e quando escolho as minhas roupas, tenho esse olhar. Nós nos vestimos para nos dar para os outros. Então, porque não dizer: a parte estética, a beleza das coisas, a combinação de cores que alguém pensou eu quero em mim, porque é assim que eu quero me apresentar para você. Penso muito no Antônio Bispo do Rosário.

Ele foi um esquizofrênico que passou 50 anos internado na Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro, e durante o tempo que ficou lá bordou muitas de suas roupas. Ele fez um manto bordado maravilhoso, o qual ele chamava de “manto de apresentação”, que era como ele queria se apresentar para Deus quando fosse embora do mundo.

IHU On-Line - A senhora sempre estudou música?

Yara Borges Caznok - Sempre estudei música e francês. Tinha na minha cidade condições de estudar essas duas coisas. Línguas também sempre foi uma paixão na minha vida. Queria entender como era a sonoridade de outros idiomas e o jeito das culturas pensarem. Mas, nunca tive dúvidas em relação à música.

Tinha na minha cidade uma faculdade de música ligada às irmãs Beata Imelda. Comecei o curso de música e ao mesmo tempo o de Letras/Francês. Numa cidade vizinha tinha um curso de agronomia e eu decidi estudar isso também, porque num município pequeno o tempo rende. Fiz um semestre de agronomia, porque eu queria me ver estudando outra coisa. Se eu tivesse tido tempo, teria concluído o curso. Finalizei a graduação em Letras e quando estava no último ano da faculdade de música, achei que já estava na hora de me mudar para um centro maior. Fui para São Paulo e transferi minha graduação para uma faculdade particular; precisava logo do diploma. Para me sustentar, fazia transcrição de partitura, fui monitora em acampamento de criança. Me formei em 1979. Comecei a lecionar aos 15 anos, então, quando finalizei o curso continuava lecionando.

No início dos anos 80, surgiu a oportunidade de estudar na França. Então, passei um ano e meio em Paris. Lá, estudei cravo, porque gostava muito de música antiga, período barroco. Tive a oportunidade de desenvolver a língua francesa e estudar um instrumento que já estudava nos festivais de música brasileiros. Esse foi um período de exceção na minha vida. Quando retornei ao Brasil, passei a lecionar em faculdades, encaminhei mestrado e depois o doutorado, já que eu queria

ser professora. Até hoje estou nesse caminho.

IHU On-Line - Como é sua rotina em São Paulo? Pode nos contar um pouco quais as são as atividades que desenvolve?

Yara Borges Caznok - Brinco que minha vida não me pertence. Estou na universidade há 16 anos e as minhas disciplinas lá são muito técnicas. Procuro, dentro destas disciplinas, mostrar o pensamento musical em termos de comunicação e história para abrir profissionalmente o horizonte dos alunos. Trabalho com estudantes de licen-

“Também amo as tirinhas de Calvin e Haroldo. Tenho um caderninho - uma espécie de diário -, onde vou colando não somente tirinhas de Calvin e Haroldo, mas frases, piadinhas, trechinhos de poemas, fotos de bichos”

ciatura, com compositores regentes e alguns instrumentistas. Além dessas disciplinas, participo de grupos de estudos, oriento trabalhos de conclusão de curso. Isso também toma bastante tempo, porque cada estudante é um universo. Lido com questões pessoais, indecisões que marcam o período da graduação. Não vejo o ensino apenas como uma forma metodológica, tento ter um relacionamento de orientação pessoal com os alunos.

Sempre tenho atividades de assessoria, as quais estão ligadas diretamente à prefeitura e ao Estado. Então, às vezes me chamam para trabalhar com professores da rede, no sentido de dis-

cutir como ensinar música de modo significativo. Há dois anos, também estou assessorando o Programa Santa Marcelina, que trabalha com música na periferia de São Paulo. Atendemos sete mil crianças e contamos com uma estrutura de 200 professores e uma assistente social por núcleo de ensino (21, no total). Se o aluno começa a faltar às aulas, a assistente vai à casa dele para saber o que está acontecendo. Não queremos evasão. Esse é o programa dos meus sonhos: reúne educação musical, inclusão social e o cuidado com os valores humanos.

Alguns de meus alunos são professores do Programa Guri e nós realizamos reuniões informais na minha casa, para fazer um trabalho mais intenso de discussão e de formação. Isso ajuda a ampliar o trabalho, porque eles passam a ter novas iniciativas. Estamos conseguindo trabalhar uma mentalidade diferente - isso para mim é o mais importante -; nosso propósito é formar professores que irão lidar com os problemas do país, tentamos ensinar a valorização da existência de cada um dos alunos. Mais do que dar uma profissão para um menino, é importante dizer que a vida dele vai valer a pena, que sua vida é muito mais do que um simples trabalho.

IHU On-Line - E nos momentos de lazer, o que a senhora gosta de fazer?

Yara Borges Caznok - Ginástica é fundamental três vezes por semana, religiosamente. Preciso de bastante atividade física, do contrário, não aguento. O trânsito e o metrô em São Paulo exigem muita resistência física. Faço exercício físico para manter a minha saúde, porque quero viver muitos anos e, também, por vaidade, não vou negar. Uma pessoa que se apresenta “largada”, deprimida não vai convencer os outros. Sempre gosto de pensar que tenho que chegar com pique na sala de aula, para que os alunos sintam prazer em aprender. Vou à ginástica por volta das 18h e fico, quando consigo fazer todo o treino, até as 20h30min.

Estudava alemão até o ano passado, mas agora é impossível.

Cinema não é algo que me atrai muito, não sou uma pessoa visual nesse aspecto. Sou visual em termos de ex-

posições de artes plásticas; esculturas me atraem muito. Mas eu leio bastante literatura mundial. Adoro Gabriel García Márquez, Dostoiévski, Borges. São pessoas que preciso ler. Também amo as tirinhas de Calvin e Haroldo. Tenho um caderninho - uma espécie de diário -, onde vou colando não somente tirinhas de Calvin e Haroldo, mas frases, piadinhas, trechinhos de poemas, fotos de bichos.

IHU On-Line - A senhora gosta de animais? Tem algum animal de estimação?

Yara Borges Caznok - Gosto muito de gatos e felinos em geral. Gosto mesmo é de onças. Gostaria de ter sido bióloga ou veterinária para estudá-las. Esteticamente, esse é o bicho mais equilibrado, lindo, perfeito. Aquela cor, com as manchas, é uma obra de arte. O silêncio dos felinos me atrai muito. Já que não posso ter uma onça, sempre tive gatos. Também tenho presentes de gatos do mundo inteiro; compro bichinhos, cadernos, almofadas com estampas de gatos. Atualmente, tenho uma gatinha que já tem quase 18 anos; já cheguei a ter 12 quando morava numa casa maior. Todos eles vão morrendo de velhice.

IHU On-Line - É casada?

Yara Borges Caznok - Fiquei casada por quase 25 anos com um pianista. Foi um casamento ótimo, nos ajudamos muito e continuamos, ainda depois da separação, amigos. Um torce pelo outro, como sempre fizemos no nosso relacionamento. Acho que o casamento é somente um na vida e é para sempre. A dedicação, a disponibilização que se tem para realmente compartilhar a vida com alguém é uma vez só. As pessoas devem casar, porque isso representa uma entrega muito forte. Mesmo separada, eu fui muito feliz no casamento.

IHU On-Line - Tem filhos?

Yara Borges Caznok - Tenho um filho de 24 anos, Pedro, que mora comigo. Ele é o presente que Deus me deu; agradeço todos os dias. Ele está formado, trabalhando na área de marketing.

IHU On-Line - Herdou da sua mãe esse jeito afetivo, de cuidado? Con-

te-nos um pouco desse lado mãe.

Yara Borges Caznok - Muito! Sou muito mãe! Inclusive meus alunos também pensam isso. Como ele é filho único, sempre tive que me conter. Queria que ele fosse menino cantor, como aqueles dos corais de Viena. Mas ele virou roqueiro e jogador de futebol. Esse exercício de aceitar o outro e reconhecê-lo no que ele é foi impressionante para mim. Sempre imaginei que ele teria uma biblioteca de música, mas ele não quis. Durante muitos anos, isso significou para mim uma lida com a frustração, mas consegui superar.

Meu filho está realizado, é muito amigo meu, não quis sair de casa ainda e vejo que ele presta atenção nas minhas coisas também. Então, gosto bastante dessa convivência. Mas, de qualquer forma, algumas coisas de supermãe sempre passam, então ele

“Não vejo a minha vida sem esse intenso cultivo espiritual e essa comunicação que tenho com Deus”

brincava comigo dizendo: “Sim, general”. Me chamava assim, de general.

Mantenho até hoje as lembranças do meu lar e tento também, nas minhas aulas, fazer com que os alunos se sintam bem, que eles tenham essa afetividade e o gosto pelo conhecimento. Essa é uma busca minha o tempo todo.

IHU On-Line - Qual é o sentido da música na sua vida? Que emoções a senhora sente quando ouve Bach, por exemplo?

Yara Borges Caznok - Sinto que a vida é uma benção, um milagre e que só pode vir de Deus. Ter consciência disso é o maior presente que uma pessoa pode ter, porque aí tudo ganha significado. Quando escuto, quando me emociono parece que eu pego a vida no sentido dela: o que é estar vivo, o que é ter vindo para o mundo. Isso só acontece quando estou com outras pessoas; é diferente de quando ouço música sozinha. Mesmo

quando preparo as aulas, as audições, sempre tem a presença imaginária de outras pessoas. Jamais consigo analisar uma música para mim e pensar: não vou mostrar isso para ninguém. O outro já está implicado imediatamente quando eu começo a trabalhar uma obra. Estar com o outro tem um significado muito forte para mim. São momentos de ápice de intensidade de vida. Por isso que eu gosto cada vez mais de música.

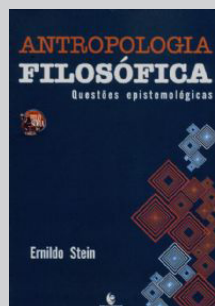
IHU On-Line - A senhora segue alguma religião, tem um lado espiritual desenvolvido?

Yara Borges Caznok - Sou católica e, quando posso, vou a uma igreja que tem próximo à minha casa. Sou muito inconsistente nessa frequência do ritual, mas cultivo minhas orações diariamente, não só em horas marcadas; a cada momento que o mundo me apresenta alguma coisa significativa, agradeço a Deus. Essa presença de Deus no meu cotidiano é muito forte. Cultivo isso também no meu relacionamento com os alunos. Nós fazemos, regularmente, reuniões de escuta de repertório de música sacra. Então, na Páscoa, por exemplo, todo Domingo de Ramos, fizemos essas reuniões em casa. Não vejo a minha vida sem esse intenso cultivo espiritual e essa comunicação que tenho com Deus.

IHU On-Line - Que sonho a senhora ainda deseja realizar?

Yara Borges Caznok - Pode ser uma coisa bem bobinha? Ser magra! Eu brinco, mas é verdade, é pessoal. Um sonho em termos de país, eu tenho: que a educação volte a ter como eixo os valores humanos, que o ser humano seja o eixo das ações educativas. Fico muito triste com a desvalorização das pessoas nos relacionamentos, a degradação nas relações de convivência. Não tenho outro sonho e nunca perco a esperança que a educação consiga valorizar esse acolhimento, esse momento de comunicação que um ser humano precisa ter com o outro; somos diferentes, mas o outro tem tanto valor quanto eu. Esse exercício e essa prática da tolerância é algo que vou, o tempo todo, esperar. Enquanto puder, num pequeno universo, disseminar essa ideia, farei, seja por meio da música ou por outros objetos que sejam intermediários nesse relacionamento humano.

Sala de Leitura



>> STEIN, Ernildo. *Antropologia filosófica - questões epistemológicas* (31ª ed. Ijuí: Unijuí, 2009, 248 p.)

“Estou lendo e consultando diversas vezes a obra do Professor Ernildo Stein, da PUCRS, chamada

Antropologia filosófica. Como sou professor de Antropologia, atuante sobretudo nas áreas 4 e 6, da Unisinos, resolvi ler esse livro para oferecer-me novas ideias e subsídios para discussão em sala de aula.

Em vários aspectos concordo com Stein, e sinto-me positivamente instigado a compartilhar desses temas com meus alunos”.



Erno Wallauer, professor da Unidade de Ciências Humanas

>> PAIM, Jairnilson Silva. *Reforma sanitária brasileira: contribuição para a compreensão e crítica* (Salvador; Rio de Janeiro: Edufba; Fiocruz, 2008. 355 p.)



“Jairnilson Paim, um dos mais reconhecidos sanitaristas e intelectuais da saúde coletiva no Brasil faz um apanhado histórico dos fatos e pessoas que deram origem ao movimento sanitarista brasileiro que está na base do SUS consagrado pela Constituição de 1988. Ele inicia a sua análise com o Cebes, que era um centro que congregava profissionais com ideias novas sobre a saúde e sobre o modo de organizar o atendimento à saúde. O movimento se radicalizou com a criação da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), reunindo profissionais e pesquisadores que defendiam a perspectiva social da saúde e, por isso, criaram o conceito de saúde coletiva em substituição ao termo clássico de saúde pública. O que eram ideias, transformaram-se em projetos que adquiriram força pela constituição de um movimento que desembocou na Constituinte. Dessa maneira, nasceu o sistema público e universal de saúde, o SUS, um sistema de inclusão social na área de saúde, uma conquista de todo brasileiro deveria se orgulhar, mês, o com todos os problemas. Paim faz uma análise crítica da

implantação do SUS, porque o movimento sanitarista que lhe deu origem partia de uma nova visão sobre a saúde em seus determinantes subjetivos, culturais, sociais e econômico-políticos.”

José Roque Junges, SJ, professor do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UNISINOS

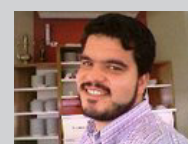


>> VIRNO, Paolo. *Virtuosismo e revolução* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008)

“Estou lendo Virtuosismo e Revolução. Virno propõe uma reflexão sobre as transformações do trabalho e da ideia de mundo, demonstrando a superação

da relação dialética entre sujeito e objeto, trazendo o trabalho muito mais como uma ação política, permeado de dinâmicas intersubjetivas. Como eixo central, traz a questão de ‘não nos sentirmos em casa’ em nossa relação com o mundo e os modos de vida, fato que representa possibilidades, mas que gera uma situação de temor, de instabilidade/precariedade no capitalismo contemporâneo. Assim, ressalta o trabalho como integrador das atividades de produção e reprodução. São reflexões instigantes!”

Lucas Luz, professor do Curso de Administração e colaborador do IHU



>> O que você está lendo? Compartilhe uma dica de leitura com a IHU On-Line. Professores e funcionários da universidade podem escrever para mjunges@unisinos.br



IHU Repórter

Jacinto Schneider

POR GRAZIELA WOLFART | FOTO ARQUIVO PESSOAL

Uma pessoa que está sempre querendo fazer o melhor, o que aprendeu com a mãe desde pequeno. Sua meta nunca foi em torno de ambições de crescimento pessoal e profissional, e sim fazer bem feitas as suas tarefas. Essa sempre foi sua marca. E cresceu na vida dessa forma. Estamos falando de Jacinto Schneider, gestor administrativo do Instituto Humanitas Unisinos - IHU e responsável pelo setor de Ação Social e Filantropia da universidade. Leia, a seguir, os pontos mais marcantes da história de vida deste homem que se dedica a ajudar a construir a Unisinos há 33 anos.



Origens - Nasci na localidade de Boa Vista, que hoje pertence ao município de Poço das Antas, mas na época era ainda pertencente a Montenegro. Tive uma infância muito rica em termos de criatividade e divertimento, mas, ao mesmo tempo, foi um período complicado em relação à dificuldade financeira. Outro obstáculo era a distância para ir ao colégio. Somos entre onze irmãos, oito mulheres e três homens, e a gente tinha que trabalhar na roça para garantir o sustento da família. Aos sete anos, eu tinha três irmãs mais novas do que eu, e ficava em casa para cuidar delas, enquanto que o pai e a mãe iam trabalhar na lavoura, plantando, capinando. Perdi o pai quando eu tinha 20 anos. A mãe e todos os irmãos ainda são vivos. Somos uma família muito unida.

Estudos - Comecei a estudar lá em Boa Vista, aos sete anos, e tinha que caminhar três quilômetros para chegar à escola. A gente ia de pés descalços todo o percurso e quando chegava lá, lavava os pés no rio e colocava um chinêlino para entrar na sala de aula. Muitas vezes eu ia a cavalo. A partir do segundo ano, estudei na Escola Estadual Valetin Schneider, que abriu na localidade. Depois de concluir o

quinto ano do primário, aos 13 anos de idade, fui para o Colégio Estrela da Manhã, localizado na cidade de Estrela, RS. Era uma escola de formação de professores em formato de internato. Eu sempre gostei de estudar. Percebia que tinha algo a mais na vida e que eu queria descobrir. Terminado todo o ensino fundamental, voltei para a casa dos pais, e comecei a cursar o ensino médio em Salvador do Sul, no Colégio Santo Inácio. Ia todos os dias para lá de ônibus. De manhã eu trabalhava na roça e de tarde ia para o colégio. Muitas vezes, eu fazia o trabalho de cobrador para pagar a minha passagem. Para estudar valia a pena tudo isso. Em função da minha mudança para São Leopoldo, que já vou contar como foi, cursei o segundo e o terceiro ano no Colégio Pedro Schneider, em São Leopoldo. Fiz o vestibular na Unisinos para Matemática, pois meu objetivo ainda era obter a licenciatura e voltar para o interior como professor. Depois de quatro semestres, desisti e pedi transferência interna para o curso de Administração de Empresas. Me formei em 1989. Também fiz o curso de Ciências Contábeis, só não peguei o certificado porque não entreguei o trabalho de conclusão, apesar de ter feito todas as disciplinas.

Desafio - Uns dias antes de entrar no internato, aos 13 anos, quebrei o braço e tive que ir mesmo assim. Lá a gente tinha que se virar sozinho, ninguém dava muita atenção. Depois de duas ou três semanas sentindo muita dor no braço, pedi para ir para casa, para dar uma olhada no osso quebrado, mas o diretor responsável pelo internato não me deixou ir. Só na Páscoa eu consegui ver meus pais. E estava lá desde fevereiro. Quando cheguei em casa, a primeira coisa que minha mãe me perguntou foi: “como está teu braço?”. Eu respondi que nem sabia. Ela abriu a tala e viu na hora que meu braço estava completamente torto. Minha mãe até quis me levar no médico para quebrar o braço de novo, a fim de colocá-lo no lugar, mas eu não deixei mais. Já tinha passado muita dor. Por essa razão perdi um pouco do movimento de dois dedos da mão esquerda. Isso me marcou muito.

Trajetória na Unisinos - Em 1976, ainda estudando em Salvador do Sul, recebi a ligação do meu irmão Eusébio, que já trabalhava aqui na Unisinos, perguntando se eu não me interessava em vir trabalhar aqui, pois havia surgido uma vaga. Fiz o teste e no dia seguinte já recebi a notícia



>> JACINTO COM A FAMÍLIA. NA FOTO AO LADO, TRABALHANDO

de que eu estava empregado. Mudei-me para São Leopoldo e morava com meu irmão e outros amigos em uma república de estudantes. Comecei a trabalhar no setor de arquivo da universidade. Dois anos depois, além de trabalhar no câmpus eu tinha que ir para o Colégio Anchieta, em Porto Alegre, onde a Unisinos tinha aberto um espaço para o curso de Direito e para o antigo “básico”. Depois, comecei a trabalhar nos postos de atendimento, que foram criados a partir do crescimento da Unisinos. Trabalhei em todos os centros do campus. E, depois de um tempo, passei a coordenar os postos, onde comecei a me aproximar do trabalho com as matrículas. No dia da minha formatura na graduação, recebi a proposta para assumir o setor de matrículas da Unisinos. Trabalhei ali até o final de 2001, quando fui convidado a assumir a gerência administrativa do centro de ciências humanas, junto com o padre José Ivo Follmann e a professora Berenice Corsetti. E, desde 2004, aceitei o convite feito pelo padre Inácio Neutzling e pelo padre Marcelo Aquino para trabalhar no Instituto Humanitas Unisinos, como gestor administrativo. E também, no mesmo ano, assumi a ação social da Unisinos, todos os projetos sociais e a filantropia da universidade, que exerço até hoje.

Família - Conheci minha esposa, a Denise, em Sapucaia, onde com-

prei um apartamento, que ficava em frente à casa dos pais dela. Eu era amigo do pai dela e como ela é dez anos mais nova do que eu, a conheci ainda criança. A Denise é formada em Letras pela Unisinos e é professora da rede municipal de ensino. Somos casados há 20 anos e temos dois filhos. O mais velho, Lucas, tem 18 anos e estuda Engenharia Civil aqui na Unisinos, e o Mateus tem 11 anos e cursa a sexta série do ensino fundamental. São dois meninos fantásticos, estudiosos, esportistas, me acompanham no futebol e eu os acompanho também. Enfim, a cada dia que passa a família vai melhor.

Futebol - Gosto de todos os tipos de esporte, mas jogo futebol de salão todas as semanas. É o esporte que mais me mantém unido com meus filhos.

Lazer - Além do futebol, mexer na terra, cuidar das flores, do jardim da minha casa, que construí nos anos 1990.

Sonho - Ver o mundo mais ético, mais limpo, acabar com a corrupção. Pessoalmente sou uma pessoa realizada. Claro que sonho em ver meus filhos formados, felizes em suas escolhas pessoais e profissionais. Outro sonho é poder viajar mais, conhecer o mundo.

Política - Ainda temos que crescer muito, apesar de já termos crescido



bastante. Minha grande decepção é em relação à falta de ética, à falta de responsabilidade e à corrupção. Se nosso governo avançou muito no lado social, vejo que evoluiu em relação à corrupção também. Tomara que eu esteja enganado. A pobreza, no meu ponto de vista, também está aumentando.

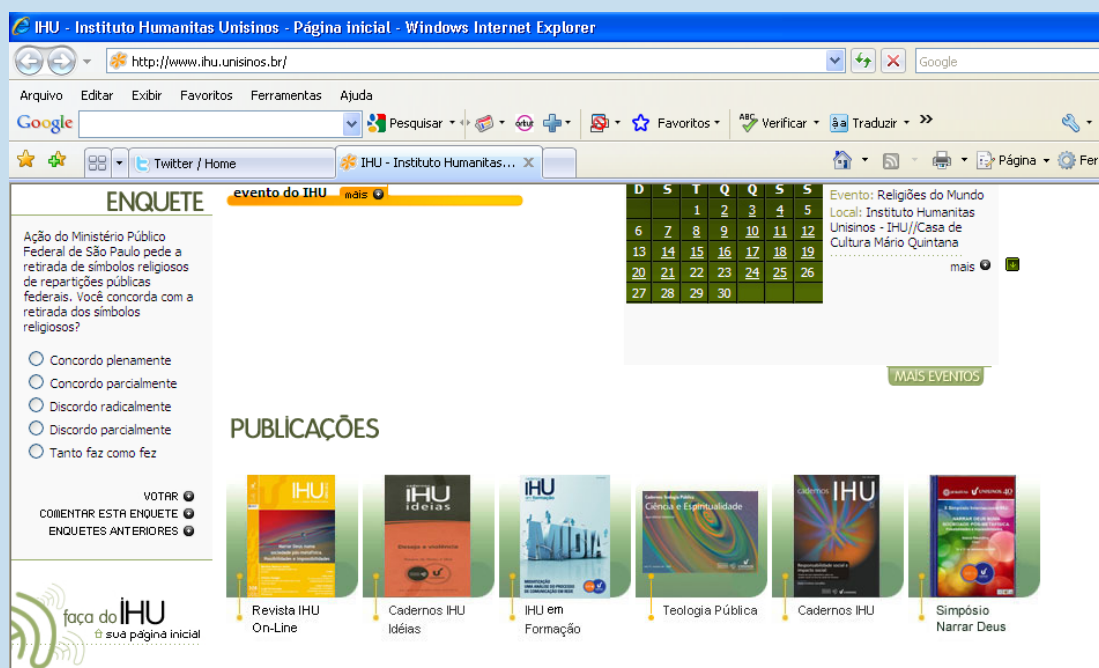
Unisinos - É minha terceira família. A primeira é dos meus pais e irmãos e a segunda é a que estou construindo com minha esposa e filhos. A Unisinos me acolheu em 1976, e se eu não tivesse conseguido essa vaga não sei se teria cursado uma faculdade. Nem sei para onde eu teria ido. Sou sempre grato ao meu irmão que me chamou para essa oportunidade. Sempre me senti em casa na Unisinos. Todo mundo gosta de estar aqui.

Instituto Humanitas Unisinos - Acompanho o IHU desde a sua criação, e mais de perto desde 2002. Só percebi a real importância do Instituto quando passei a integrar seu corpo de colaboradores. Ele é importante para a Unisinos, por instigar e trazer novidades para a instituição, principalmente nos assuntos ligados à área social, ambiental, aos temas do trabalho, das mulheres. Temos focado isso muito bem, e a caminhada ainda é longa. Se o IHU não existisse mais, abriria uma lacuna muito grande dentro da Unisinos.



Livro digital do Simpósio Narrar Deus é lançado

No início do X Simpósio Internacional IHU: Narrar Deus numa Sociedade Pós-Metafísica. Possibilidades e impossibilidades, realizado na Unisinos de 14 a 17 de setembro últimos, foi lançado o livro digital com os textos das oficinas, minicursos e comunicações do evento. Os palestrantes disponibilizaram os textos de suas conferências e o Instituto Humanitas Unisinos - IHU, reuniu-os em forma de livro digital. A obra pode ser consultada e salva gratuitamente no site www.ihu.unisinos.br, bem ao final da página, onde se lê “Publicações”.



Os textos das grandes conferências e das conferências simultâneas do X Simpósio Internacional IHU: Narrar Deus numa Sociedade Pós-Metafísica. Possibilidades e impossibilidades estão sendo preparados para outra publicação, um livro impresso a ser organizado pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU e que será publicado em breve.

Acesse www.ihu.unisinos.br e faça o download do livro digital do Simpósio Narrar Deus.